

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação

Erickson Franklin dos Santos Miranda

**INIQUIDADES INTERSECCIONAIS NO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS
DA PERIFERIA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE:
encruzilhadas das vivências ocupacionais racializadas**

Belo Horizonte

2022

Erickson Franklin Dos Santos Miranda

**INIQUIDADES INTERSECCIONAIS NO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS
DA PERIFERIA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE: Encruzilhadas das
vivências ocupacionais racializadas**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais, enquanto pré-requisito para recebimento do título de Mestre em Estudos da Ocupação.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Assis Costa

Coorientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva

Área de concentração: Ocupação, Participação e Inclusão Social

Linha de Pesquisa: Ocupação, Políticas Públicas e Inclusão Social

Belo Horizonte

2022

M672i Miranda, Erickson Franklin dos Santos
2022 Iniquidades interseccionais no cotidiano de mulheres negras da periferia de Jaboatão dos Guararapes-PE: encruzilhadas das vivências ocupacionais racializadas / [manuscrito]. Erickson Franklin dos Santos Miranda – 2022.
128 f.: il.

Orientadora: Luciana Assis Costa
Coorientadora: Carla Regina Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 118-123

1. Interseccionalidade – Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Negras – Teses. 4. Terapia ocupacional – Teses. I. Costa, Luciana Assis. II. Silva, Carla Regina. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 615.851.3

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA OCUPAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO ERICKSON FRANKLIN DOS SANTOS MIRANDA

Realizou-se, no dia 07 de novembro de 2022, às 16:00 horas, Sala e Conferência do Goggle Meet, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *INIQUIDADES INTERSECCIONAIS NO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS DA PERIFERIA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE: Encruzilhadas das vivências ocupacionais racializadas*, apresentada por ERICKSON FRANKLIN DOS SANTOS MIRANDA, número de registro 2020720307, graduado no curso de TERAPIA OCUPACIONAL, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Luciana Assis Costa - Orientador (UFMG), Prof(a). Carla Regina Silva (UFSCar), Prof(a). Rodolfo Antônio Morrison Jara (Dpto. de Terapia Ocupacional y Ciencia de la Ocupa), Prof(a). Cristiane Miryam Drumond de Brito (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 07 de novembro de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof(a). Luciana Assis Costa (Doutora)

Prof(a). Carla Regina Silva (Doutora)

Prof(a). Rodolfo Antônio Morrison Jara (Doutor)

Prof(a). Cristiane Miryam Drumond de Brito (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Carla Regina Silva, Usuária Externa**, em 07/11/2022, às 18:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Assis Costa, Professora do Magistério Superior**, em 07/11/2022, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodolfo Antonio Morrison Jara, Usuário Externo**, em 10/11/2022, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Miryam Drumond de Brito, Professora do Magistério Superior**, em 03/01/2023, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1792822** e o código CRC **9306C98B**.

Dedico a todas as mulheres negras que sofrem as diversas violências provocadas pelo racismo,
heterocispatriarcado e pelo capitalismo.

Dedico às seis mulheres negras periféricas que fizeram parte desse estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ancestralidade por nunca desistirem de sonhar com a liberdade e lutarem por suas existências.

Agradeço ao meu companheiro, Victor Hugo, por todo apoio afetivo, por acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava dentro desse processo.

Agradeço a minha família, mesmo sem entender bem esse processo me apoiaram de diversas formas.

Agradeço a Carla Roberta por inspirar essa pesquisa.

Agradeço a Mirian França e Marlisson Paulino por me hospedarem em Jaboatão dos Guararapes no período da coleta de dados e Roseli por acreditar na ciência e apoiar esse estudo no território.

Agradeço aos amigos e amigas, Hedelvam Junior, Paula Lucia, Manu Javarrotti, Ricardo Aurelio, por serem sempre presentes nessa trajetória com leveza, acolhimento e a muitas risadas.

Agradeço a Luciana Assis Costa por orientar e aceitar esse desafio de construir possibilidades de ampliar os conhecimentos da Terapia Ocupacional.

Agradeço a Carla Regina por aceitar a coorientação desse estudo e por todo apoio dado nessa trajetória.

Agradeço as incríveis mulheres e colegas da linha de pesquisa AAAfroNTO/AHTO por sempre trazerem iluminação ao meu conhecimento e resgate da ancestralidade nessa trajetória.

Agradeço a banca de qualificação e de defesa no nome da Professora Doutora Cláudia Mayorga, Professor Doutor Rodolfo Morrison Jara, Professora Doutora Márcia Cabral Costa e Professora Doutora Cristiane Myriam Drumond de Brito por toda contribuição nesse estudo.

Agradeço ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação pela possibilidade em plena pandemia, de permitir um terapeuta ocupacional paraibano desenvolver seus conhecimentos.

*E ao começar a entrar no mundo de ser eu
Me deparo com as minhas insuficiências mal resolvidas.
Dores de se sentir e ser só.
Me deparo que no mundo do Eu quem manda não sou eu
Quem governa são os outros.
O Outro.
O Eu e O Outro assumem diversas formas, nomes, ambientes.
Eles parecem ser algo de uma coisa só.
Quem os criou, criou para serem paradoxais e dialéticos.
Só existe um se o outro existir.
Pensei que o Eu era mais autêntico.
Há sensação de que o Eu é um conjunto de projeções de outros.
O Eu e o Outro são na medida das forças atribuídas, alimento para as ações que revelam a si
mesmo.
O Eu só será governante do seu mundo quando reconhecer suas vulnerabilidades e
potencialidades.*

O eu e o Outro – Erickson Miranda

*“E eu quero dizer que é importante o estudo de vocês sobre mulheres negras periféricas, porque é um tema que ninguém aborda, ninguém fala muito sobre isso, ninguém tá nem aí basicamente. E alguém, algumas pessoas, lembrar que a gente existe, se importar com que a gente sente é muito gratificante e gostaria de agradecer muito a todos envolvido no projeto”. **Carla***

RESUMO

O estudo teve como objetivo compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações. Trata-se de um estudo qualitativo que utilizou o método narrativo de História de Vida. Participaram da pesquisa seis mulheres negras periféricas de um município pernambucano no período de janeiro a março de 2022 identificadas pelo método de amostragem não probabilístico. As narrativas foram analisadas pelo método de Análise Temática a partir das quais emergiram três temas centrais e subtemas: Artigo 1: (1) Os cenários das opressões interseccionais. Identidades; Assédio e Violência sexual; Cuidado e Família. (2) Pontos de Revolução: A ressignificação e resistência para existir. Artigo 2: (3) As ocupações como fenômeno social: os efeitos das opressões interseccionais nas vivências ocupacionais. Os achados foram sustentados pelas narrativas das mulheres negras participantes e lidos à luz dos conceitos de Interseccionalidade e cotidiano, somado à compreensão das ocupações como fenômeno social sustentado pela corrente crítica da Terapia Ocupacional. Constatou-se que ao se aproximar das histórias da vida cotidiana dessas mulheres negras o maior incurso foi a busca de se reconhecerem e serem reconhecidas como sujeitas de suas próprias experiências. E a partir disso, nos cenários cotidianos, em que as vivências ocupacionais são configuradas, é plausível destacar que diversas dimensões interseccionais produzem os sofrimentos, privações, violências, enfrentamentos, resistências ressignificações e sonhos, de maneira que é impossível desassociar as experiências das opressões interseccionais das vivências ocupacionais e as relações sociais das participantes. Assim, faz-se necessário o conhecimento da Terapia Ocupacional no que diz respeito ao conceito da interseccionalidade e seus desdobramentos nos cenários de opressão, cotidianos e subjetividades da população negra e, em especial, das mulheres negras.

Palavras-chave: Mulheres negras. Cotidiano. Ocupação Humana. Interseccionalidade. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

The study aimed to understand the daily life of vulnerable black women based on the repercussions of racial, gender and social class issues in occupations. This is a qualitative study that used the Life Story narrative method. Six black women from the periphery of a Pernambuco municipality from January to March 2022, identified by the non-probabilistic sampling method, participated in the research. The narratives were analyzed using the Thematic Analysis method, from which three central themes and subthemes emerged: Article 1: (1) The scenarios of intersectional oppressions. Identities; Sexual Harassment and Violence; Care and Family. (2) Points of Revolution: The resignification and resistance to exist. Article 2: (3) Occupations as a social phenomenon: the effects of intersectional oppressions on occupational experiences. The findings were supported by the narratives of the participating black women and read in the light of the concepts of Intersectionality and everyday life, added to the understanding of occupations as a social phenomenon supported by the critical current of Occupational Therapy. It was found that when approaching the stories of the daily life of these black women, the greatest effort was the search to recognize themselves and be recognized as subjects of their own experiences. And from this, in everyday scenarios, in which occupational experiences are configured, it is plausible to highlight that several intersectional dimensions produce suffering, deprivation, violence, confrontations, resistance, resignifications and dreams, in a way that it is impossible to disassociate experiences from intersectional oppressions of the participants' occupational experiences and social relationships. Thus, knowledge of Occupational Therapy is necessary with regard to the concept of intersectionality and its consequences in scenarios of oppression, daily life and subjectivities of the black population and, in particular, black women.

Keywords: Women Black. Everyday Living. Human Occupation. Intersectionality. Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Anastácia Livre – Releitura do retrato Escrava Anastácia.....	15
Imagem 2: Memória da plantação sobre a mesa.....	20
Imagem 3: Retornar a origem fluida.....	32
Imagem 4: A grande elementar.....	40
Quadro 1: Diagrama dos temas do artigo 1.....	57
Quadro 2: Diagrama dos temas do artigo 2.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil das participantes do artigo 1.....	55
Tabela 2: Perfil das participantes do artigo 2.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAAfroNTO – Grupo de pesquisa ‘Atividades Afroreferenciadas e Afroacessibilidade Cultural, Negritude e Terapia Ocupacional

CERSAM-AD – Centro de Referência em Saúde Mental – modalidade Álcool e outras drogas

COVID-19 – Corona Virus Disease 19

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

EEFFITO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexos, Assexuais, agêneros e demais expressões.

MP3 – Moving Picture Experts Group Layer 3

MG – Minas Gerais

NASF – Núcleo Ampliado de Saúde da Família

OMS – Organização Mundial da Saúde

PE - Pernambuco

T.O – Terapia Ocupacional

UFMG -Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

Apresentação.....	16
1. Introdução.....	19
1.1. PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS: evidências do racismo estrutural no país.....	22
2. Fundamentação Teórica.....	25
2.1 COTIDIANIDADES DA POPULAÇÃO NEGRA: (in)visibilidade da mulher negra.....	26
2.2 Aproximações teóricas entre Interseccionalidade e Cotidiano.....	27
2.3 Leitura decolonial, feminista e afrodiáspórica no escopo da Terapia Ocupacional	31
3. Procedimentos Metodológicos.....	36
a. Desenho do estudo.....	36
b. Definição das participantes.....	37
c. Coleta de Dados.....	38
d. Análise dos Dados.....	39
e. Aspectos éticos e de cuidado da/na pesquisa.....	40
4. Resultados e discussões – Artigos.....	44
NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS BRASILEIRAS ACERCA DOS ATRAVESSAMENTOS DAS OPRESSÕES INTERSECCIONAIS EM SEUS COTIDIANOS: um estudo qualitativo.....	44
TERAPIA OCUPACIONAL EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL: estudo acerca das vivências ocupacionais de mulheres negras periféricas brasileiras.....	79
5. Considerações Finais.....	112
REFERÊNCIAS.....	115
ANEXO.....	121
Anexo I.....	121
APÊNDICE.....	125

Apêndice I	125
Apêndice II	127
Apêndice III	128

APRESENTAÇÃO

*“Essa compreensão idealizada de **sujeito** ecoa neste estudo em ambos os níveis, empírico e teórico. Esse trabalho é um espaço para performar a subjetividade, para reconhecer mulheres negras, em particular, e pessoas negras em geral, como **sujeitos** desta sociedade – em todos os sentidos reais da palavra.” – Grada Kilomba – **Memórias da Plantação: episódios de Racismo Cotidiano.***

Assim como o trabalho de Grada Kilomba, que permeia a construção dessa dissertação, minha pretensão é de contribuir para o reposicionamento e repensar o lugar da pessoa negra – da mulher negra – na sociedade como sujeitas. Como pesquisador negro e LGBTQIA+ me sinto atravessado por diversas questões que ao longo da minha trajetória profissional e pessoal me fizeram refletir e dedicar para esse estudo sobre as repercussões interseccionais das questões raciais, de gênero e classe social nos cotidianos de mulheres negras periféricas e o impacto disso nas suas vivências ocupacionais.

Dessa maneira, meu corpo como um homem negro, gay, gordo e cisgênero, se compreende como aliado às pautas e lutas do feminismo negro a partir das complexidades que essas dimensões também se operam sobre minha subjetividade. Sendo assim, na Interseccionalidade posso me encontrar como sujeito junto às mulheres negras, sendo aliado na luta contra as matrizes opressoras que estruturam nossa sociedade.

A grande inspiração desse estudo foi uma mulher negra periférica, de 46 anos, sendo encaminhada para a avaliação da Terapia Ocupacional do Núcleo Ampliado de Saúde da Família - NASF devido um “déficit cognitivo”. Na época, eu atuava como terapeuta ocupacional residente¹ de Saúde da Família compondo uma equipe NASF e preocupado com o encaminhamento clínico frente a demanda apresentada por hipótese de processo demencial precoce, me muni de todas as avaliações e protocolos que pudessem dar um embasamento na intervenção a posteriori. Tendo em vista as diversas violências vivenciadas por essa mulher, desde violência sexual na infância, passando pela violência doméstica chegando até à discriminação racial e de classe no trabalho, essa mulher se via sozinha, isolada, com raiva, sem forças para seu autocuidado, com dificuldade até mesmo para gerenciar seu próprio dinheiro. A sua saída foi tentar esquecer de tais dores e sofrimentos causados pelas dimensões estruturais e relacionais do racismo, do machismo e do capitalismo. Protocolos não dariam

¹ Programa Multiprofissional em Atenção Básica e Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde de Jaboatão dos Guararapes – Pernambuco. Turma 3 2019-2021

conta dessa demanda, precisei virar uma chave na minha perspectiva de pensar-fazer-sentir profissionalmente. Daí a questão: como a Terapia Ocupacional atua frente a essas demandas que atravessam o cotidiano de mulheres negras nas suas ocupações?

Foi aqui que a potência criadora da narrativa, de poder falar sobre si, de reposicionar o corpo no mundo, de se reconhecer enquanto mulher, negra e potente em seus contextos cotidianos possibilitaram que ela mesma chegasse a uma conclusão de que seu “déficit cognitivo”, seus esquecimentos e rompantes de raiva também representavam os sofrimentos aprisionados e acumulados em si a partir das relações de raça, gênero e classe social.

A partir daí uma inquietação surgiu - Como eu, homem cisgênero, negro de pele clara, LGBTQIA+, posso compreender e auxiliar no cuidado de mulheres negras? Aqui começou minha jornada. Nessas encruzilhadas me deparo com a Teoria da Interseccionalidade que lança uma luz sobre as dimensões opressoras enfrentadas pelas mulheres negras e suas resistências frente aos sistemas hegemônicos de poder que querem apagar as suas subjetividades e corpos.

Nesse percurso meu pensamento se voltou para muitas mulheres, minha mãe, minha sogra, minhas amigas e colegas negras da época de graduação, para as novas amigas e colegas negras que fiz em Belo Horizonte, para as usuárias do Centro de Referência em Saúde Mental – Álcool e Drogas em Belo Horizonte-BH - CERSAM-AD com as quais trabalhei, para as colegas do grupo de pesquisa Atividades Afrorreferenciadas e Afroacessibilidade Cultural, Negritude e Terapia Ocupacional - AAAfroNTO, as mulheres participantes desse estudo, para Lelia Gonzalez, Carla Akotirene, Grada Kilomba, Marcia Costa, Dandara, Anastácia, Lina Pereira e tantas outras mulheres que nesse caminhar me proporcionaram sabedoria, cuidado, ancestralidade e resiliência.

Nas linhas dessa dissertação desejo que seja encontrado histórias de vida, empoderamento, força, potência, cuidado, pertencimento. Pois, ao percorrer o processo histórico da população negra, em especial das mulheres negras, encontramos sofrimento, dor e desumanização, mas também luta, resistência e superações. Como tenho aprendido, a palavra para uma epistemologia afrocentrada tem um poder social, político, econômico e espiritual. Dessa maneira, esperamos que as palavras aqui escritas tenham o poder de reposicionar nossos corpos para a ação, para a criação e transformação de nós mesmos, da Terapia Ocupacional, da sociedade e contribuam para a prática terapêutica ocupacional junto aos cotidianos de mulheres negras.



Anastácia Livre – Releitura da retrato Escrava Anastácia

Autoria da imagem: Erickson Franklin dos Santos Miranda

Introdução

1. Introdução

O cotidiano do povo negro no Brasil é marcado desde o período de dominação colonial europeia e se mantém pelas colonialidades de países dominantes na atualidade. Entende-se esse processo a partir da ideia de classificação das populações em ‘raça’, e que por tanto alguns grupos sociais são racializados, possibilitando aos grupos dominantes a utilizarem seus privilégios sustentados pelos sistemas hegemônicos de poder (QUIJANO, 2002). Esse poder colonial se mantém nos desdobramentos da vida moderna com o processo de favelização, e nas diversas faltas de acesso aos direitos básicos apontando que, as sociedades se estruturam a partir de uma lógica socioeconômica e cultural racializadas, genderizadas e heterocisnormatizantes (AKOTIRENE, 2020; NASCIMENTO, 2016; ALMEIDA, 2020; KILOMBA, 2019).

O racismo, que opera sobre o modo de vida na sociedade, é um conjunto sistemático de ações baseadas na ideia da racialização humana, que de forma consciente ou inconsciente, geram discriminações que culminam em privilégios e prejuízos a depender de qual grupo racial esteja direcionado. Dessa maneira o Racismo “é sempre” (p.20) estrutural, pois baliza as relações macroestruturantes da sociedade como os poderes econômicos, sociais e políticos, a fim de organizar a sociedade, sendo essa estrutura perversa uma expressão normativa nos grupos sociais (ALMEIDA, 2020). Quando esse racismo toca a vida e os corpos de mulheres negras as nuances e especificidades tomam outras dimensões, pois, em parceria com o patriarcado, operam sobre às duas categorias “mulher” e “negra”, alargando as violências contra elas (GONZALEZ, 2020; AKOTIRENE, 2020; KILOMBA, 2019).

Existe um apagamento silenciando as narrativas vivenciadas por mulheres negras, onde as resumem a adjetivos e funções subalternizadas, marginais e com pouco valor. O racismo que nesse caso, torna-se um racismo de gênero (racismo genderizado)² retira a possibilidade de a mulher negra ser vista como sujeito, dotada de identidade subjetiva pessoal, social e política. Portanto, no movimento de serem ouvidas, rompe-se com o silenciamento e gera-se o processo de pertencimento, tornando-as sujeitas (KILOMBA, 2019).

² Grada Kilomba (2019) aponta que “Formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam. O racismo, por exemplo, não funciona como uma ideologia e estruturas distintas; ele interage com outras ideologias e estruturas de dominação como o sexismo. Nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão “racial” e de gênero levam formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas” (p.98-99). Dessa maneira, o conceito de Racismo Genderizado corrobora com a compreensão que a Interseccionalidade tem sobre a forma amalgamada que as estruturas e as relações sociais operam nas experiências das pessoas.

Sabe-se que no Brasil a população negra, em especial a mulher negra, enfrenta os piores índices de desemprego, subempregos, de analfabetismo, de acesso à educação de nível superior, de distribuição de renda por classes sociais e de violência (IBGE, 2018).

Esses dados expressam como o racismo estrutural alcança as vivências ordinárias da mulher negra, e remete ao fato de que o Racismo Cotidiano não é algo pontual, único e estático, ele se entrelaça e se enraíza no dia a dia das pessoas negras a partir de ações, gestos, falas, imagens, uma constante forma de abusos que colocam esse grupo racial na posição de ‘outros’ sempre em referência às pessoas brancas (KILOMBA, 2019). Nessa condição, as pessoas negras tornam-se “telas de projeção”, “tornamo-nos um depósito para medos e fantasias brancas do domínio da agressão ou da sexualidade” (KILOMBA, 2019 p. 78).

Para localizar o lugar da pessoa negra na vida cotidiana Grada Kilomba (2020) no prefácio de uma edição do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon (1925 - 1961), parte do princípio da ausência lido como:

O princípio no qual quem existe deixa de existir. E é este princípio da ausência que espaços brancos são mantidos brancos, que por sua vez tornam a Branquitude a norma nacional. A norma e a normalidade, que perigosamente indicam quem pode representar a verdadeira existência humana (KILOMBA, 2020, p. 15)

O feminismo negro tem um papel fundamental no enfrentamento da branquitude, como lugar de privilégio branco que impõe essa estrutura racializada, e tem se apoiado na construção da teoria da interseccionalidade, que compreende as opressões interligadas nas questões de raça, gênero e classe social, produzindo entrelaçamentos de injustiças sociais (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017; HIRATA, 2014)

Nas lutas das feministas negras se pautam as vidas, as experiências e os desejos de mulheres negras, que muitas vezes são invisibilizadas nas pautas do feminismo ocidental e dentro do próprio movimento negro (GONZALEZ, 2020; AKOTIRENE, 2019). Nomes como bell hooks,³ Ângela Davis, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Lélia Gonzales e tantas outras/outros, voicificam e escrevem suas narrativas e de tantas outras mulheres negras na busca constante de, mesmo na marginalidade serem ouvidas. “Nesse sentido, a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade” (KILOMBA, 2019, p.68).

A teoria da interseccionalidade emerge do descontentamento e do apagamento, mais uma vez, de mulheres negras na luta feminista nos Estados Unidos na década de 1980. As

³ O nome de bell hooks ser grafado em letras minúsculas em suas iniciais indaca um posicionamento egóico e político da autora em chamar atenção para suas obras e palavras e não para sua pessoa.

mulheres brancas pautavam necessidades que não contemplavam as das mulheres negras. Assim, a discussão sobre a interseccionalidade proporciona um empoderamento do feminismo negro, ao incorporar a dimensão racial na narrativa feminista. Dentro de uma perspectiva acadêmica, torna-se uma produção ativista, engajada e posicionada, que amplia o entendimento sobre as diversas e interligadas opressões experienciadas na vida cotidiana de mulheres negras e permite que as suas vozes sejam ouvidas (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017; HIRATA, 2014)

Sendo assim, as questões raciais, de gênero e de classe social atravessam a vida cotidiana de mulheres negras e constituem injustiças sociais e ocupacionais, que amiúde, reproduzem opressões que restringem a vivência de ocupações que terço o cotidiano (FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018).

A Terapia Ocupacional (TO) no seu processo de responder às necessidades que compete a sua área de intervenção busca aprofundar seus saber-fazer-sentir a partir da construção de um pensamento crítico acerca dos termos, conceitos e noções que adscvem a prática profissional (SILVA, 2020). Seu instrumento de intervenção se fundamenta nas relações que as pessoas possuem com suas ocupações e que constitui a vida cotidiana. Através dessas ocupações lidas como fenômenos sociais, sistêmicos, complexos (MORRISON; VIDAL, 2021), a Terapia Ocupacional, busca ampliar o direito às ocupações de forma equânime, justa, cidadã. Essa ampliação do direito às ocupações perpassa pela intervenção nos impedimentos seja de ordem social, física, psíquica, cultural e/ou mental (GALHEIGO, 2020; FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018; SILVA, 2020).

O cotidiano é a vida acontecendo e sendo atravessada por diversas condições que ora facilitam, ora dificultam sua realização. Assim, o cotidiano pode ser entendido a partir da ótica das relações dos sujeitos construídas diariamente com suas histórias e experiências de vida, sendo pontos importantes para conhecê-lo, e são atravessadas pelas estruturas sociais e pelas relações microssociais (PAIS, 2013; GALHEIGO, 2003; 2020). Essas experiências refletem como a sociedade se organiza de forma estrutural e como ela se desorganiza, do ponto de vista das desigualdades e das experiências que repercutem na compreensão do cotidiano (MARTINS, 2020).

A Terapia Ocupacional na perspectiva transcultural (MORRISON; VIDAL, 2021) mantém suas discussões sobre ocupação no campo da saúde, contudo amplia criticamente para uma discussão que considera os contextos sociais e políticos que se articulam no tecido

da vida cotidiana (GERLACH *et al.*, 2017). O termo *Apartheid Ocupacional*⁴ aborda as questões de raciais, de gênero e de classe social como determinantes sociais que impactam no bem-estar das pessoas, esse é um termo utilizado pela Terapia Ocupacional e diz respeito à ideia e convicção de quando é atribuído valor social e econômico a específicos grupos sociais em detrimento de outros, gerando uma hierarquização das pessoas relacionadas ao poder e ao acesso a bens, serviços e ocupações (KRONEMBERG; POLLARD, 2006).

Esse estudo pretende ampliar as discussões teóricas críticas da Terapia Ocupacional no Brasil, no que diz respeito às populações negras, tendo em vista uma produção ainda inicial em relação aos estudos das ocupações e cotidiano da população negra no Brasil sob a ótica da Terapia Ocupacional. O aprofundamento do conhecimento sobre o cotidiano a partir de uma leitura interseccional que pressupõe indissolubilidade das relações de opressão/superação que leva em consideração raça, gênero e classe social, amplia substancialmente a compreensão dos fenômenos ocupacionais.

Assim, no que corrobora com Ambrósio e Silva (2022) quando afirmam que o suporte teórico, metodológico e prático da teoria da interseccionalidade, permite uma construção de uma “perspectiva crítica decolonial amefricana em terapia ocupacional” (p.9), onde possibilita aproximações das vivências ocupacionais com as relações opressoras interseccionais e dos sistemas oriundos das hegemonias de poder (AMBRÓSIO; SILVA, 2022).

Em suma, o estudo tem como objetivo compreender o cotidiano de mulheres negras de uma periferia do município de Jaboatão dos Guararapes- PE a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações. A partir das narrativas das mulheres negras e dos aportes teóricos da leitura relacional do conceito de Interseccionalidade, somado ao conceito sociológico de cotidiano e à compreensão das ocupações à luz das abordagens críticas da Terapia Ocupacional.

1.1. Perfil socioeconômico das mulheres negras brasileiras: evidências do racismo estrutural no país

Conforme o IBGE (2019) as mulheres negras, representam mais da metade da população do país e somam 55,8% do total da população. Quanto a ocupação de trabalhos informais no Brasil, 47,8% das mulheres negras estão nessa condição, revelando a submissão

⁴ A utilização desse termo refere-se a amplitude da discussão que proporciona nas ciências ocupacionais, contudo, é importante ressaltar que há uma lacuna identitária de quem constrói o conceito com as vivências ocupacionais racializadas, pois parte de uma escrita de homens cisgêneros brancos do norte global.

a condições e vínculos precários de trabalho. Outro dado diz respeito a ocupação de cargos gerenciais, tendo em vista que 68,6% desses são ocupados por pessoas brancas e apenas 29,9% por pessoas pretas ou pardas. Das 3.035.000 pessoas que ocupam cargos de gestão, cerca de 1.147.000 são ocupados por mulheres, sendo que apenas 29,9% são mulheres negras dados que expressam a hierarquização racializada no país.

Em relação ao acesso à educação, dado extremamente relevante para analisar as condições de cidadania de uma população, em 2018, as desigualdades raciais e de gênero são explicitadas a partir da taxa de analfabetismo alcançou 6,8%, onde a população negra ocupa mais da metade e apresenta expressão maior das mulheres negras nesses dados (IBGE, 2019). Ainda sobre as questões educacionais, os dados revelam que as pessoas negras têm um baixo nível de instrução, assumindo uma alta porcentagem de incompletude do ensino e um número aquém em relação à conclusão do ensino superior. Em relação ao acesso ao nível superior no Brasil considerando a faixa etária de 18 anos ou mais de 45 anos, cerca de 42,7% eram homens e 46,6% mulheres, considerando o aspecto cor e/ou raça 53,2% eram pessoas brancas e 35,4% eram pessoas negras (IBGE, 2019).

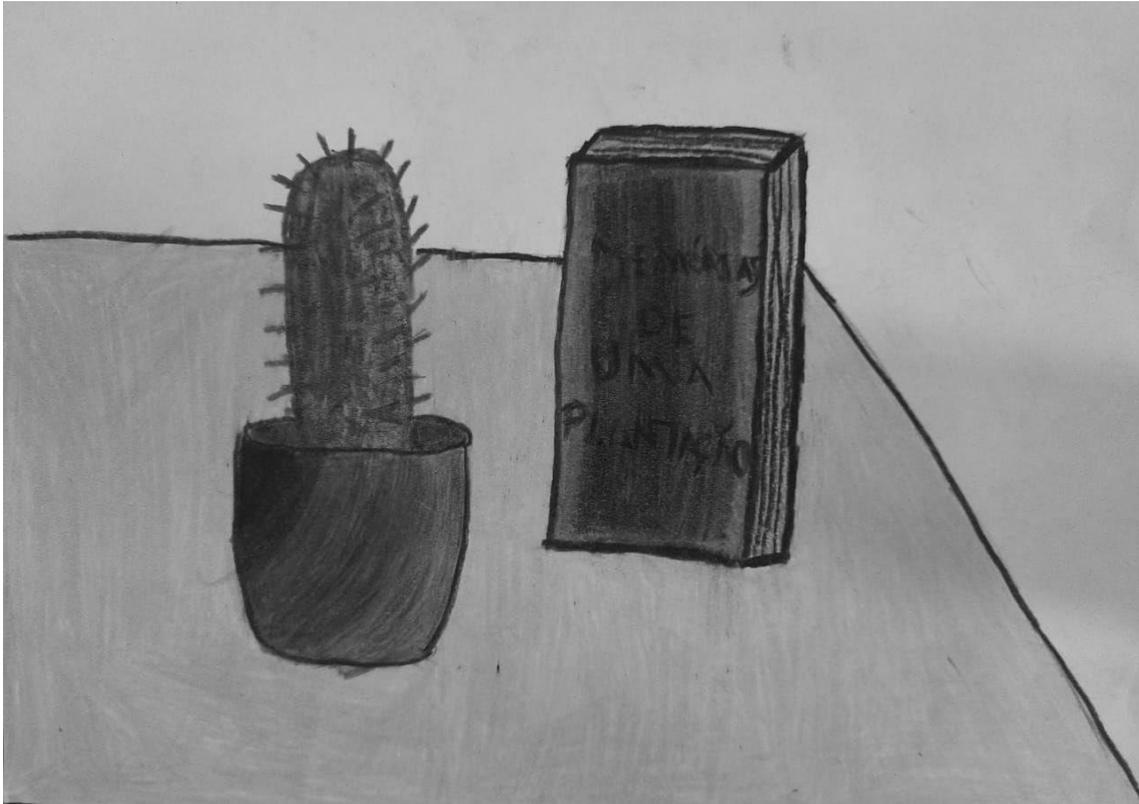
No tocante à violência em 2017, considerando as variáveis gênero, raça/cor e a população estimada, os números de homicídio no Brasil entre pessoas pretas e pardas alcançaram a taxa de 43,4 homicídios por 100.000 habitantes. Este dado revela que a população negra tem cerca de 3 vezes mais chance de serem assassinadas intencionalmente do que pessoas brancas. Essa taxa nos grupos relacionados aos homens brancos chegou a 30,2 homicídios por 100.000 habitantes, enquanto nos homens negros alcança a taxa 80,5 homicídios por 100.000 habitantes. Entre as mulheres, a taxa de homicídio entre as mulheres brancas foi de 3,2 homicídios por 100.000 habitantes, já as mulheres negras chegaram a taxa 5,7 homicídios por 100.000 habitantes. A faixa etária da população negra entre 15 e 59 anos foi a que mais sofreu violência e morreu por homicídio. No caso dos homens negros, os homicídios ocorreram especialmente na faixa etária entre 15 e 29 anos. As mulheres negras entre 15 e 59 anos que sofreram violência e morreram nesse período chegaram a taxa de 16,2 homicídios por 100.000 habitantes (IBGE, 2019).

Esses dados revelam condições complexas de acesso a direitos básicos e a manutenção da vida da população negra no país. No caso de Jaboatão dos Guararapes, município da região metropolitana de Recife-Pernambuco, local onde o estudo foi realizado, 62% da população, de um total de 711.330 habitantes, corresponde a população negra, sendo que 53% são mulheres. Similarmente ao contexto nacional, o município enfrenta desigualdades sociais que refletem a má distribuição territorial, a concentração de bens e serviços em uma pequena extensão

territorial, deixando de fora uma enorme faixa onde se concentra níveis altos de pobreza, trabalhos informais, violência e fragilidade de acesso a direitos básicos (IBGE, 2022).

Esses dados denunciam que nas diversas áreas do cotidiano expressas nas relações de trabalho, na educação, na mobilidade social e em outras tantas, a pessoa negra ainda se encontra em condições menos favoráveis de pertencimento e participação societária. São pessoas que continuam ocupando os empregos menos qualificados e de menor rendimento, sem a garantia do direito à educação de qualidade, o que as levam a serem taxadas de “mal educadas” ou “com pouca inteligência”, com maiores riscos de morte por violência ou pelas condições sub humanas de existência.

Essa situação social reforça o apagamento das mulheres negras como esse “corpo ausente” (KILOMBA, 2020, p. 47), naturalizando estas condições apontadas que evidenciam os grandes níveis de desigualdades raciais, de gênero e classe social vivenciados no cotidiano dessas mulheres. Para tanto, deve haver cada vez mais uma análise aprofundada dessas relações que oprimem cotidianamente as mulheres negras e que revela também mesmo nas margens as suas potencialidades e resistências.



Memórias da Plantação sobre a mesa

Autoria da imagem: Erickson Framkin dos Santos Miranda

Fundamentação Teórica

2. Fundamentação Teórica

2.1 Cotidianidades da população negra: (in)visibilidade da mulher negra

Na vida de mulheres negras existe um duplo esforço para entender seus cotidianos, que remetem a invisibilidade por serem mulheres e por serem negras. Este apagamento das histórias e dos corpos diversos é uma produção projetada e alimentada pelo racismo, capitalismo e heterocispatriarcado, em uma relação interseccional (AKOTIRENE, 2020).

Os processos de apagamentos produzidos pelo patriarcado, machismo e sexismo e pelo racismo e colonialismos evidenciam as violências interseccionais existentes na vida das mulheres negras no Brasil. A naturalização destas opressões nas experiências e vivências das mulheres negras marcaram um lugar específico da mulher negra na sociedade brasileira, a partir dos sentidos históricos e relacionais refletidos em expressões como ‘mulata’, ‘doméstica’ e ‘mãe preta’ retratos, funções e estigmas que estão imbricados com a classe social (GONZALEZ, 2020).

As mulheres negras ora ocupam a postura de servir, de cuidar (doméstica e mãe preta) tanto dos seus e de outros, ora ocupam um corpo hipersexualizado e desejado (mulata). Essa mulher que “nasceu” para servir, seja na prestação de cuidado como de prazer, tem sua marca nas vivências de mulheres negras escravizadas intituladas como mucamas no processo escravizatório no Brasil (GOZALEZ, 2020).⁵

Este histórico marca o Racismo Cotidiano, é entendido como um conjunto de experiências vivenciadas pelas pessoas negras desde expressões linguísticas, discursos, imagens, gestos, ações e até olhares, onde coloca a pessoa negra e/ou de cor na posição de Outro/a do sujeito/a branco/a, materializando os aspectos reprimidos da sociedade embranquecida. Essas experiências não são vivenciadas de formas isoladas, são contínuas, constantes que se estabelecem em todas as instituições e lugares da sociedade. O Racismo Cotidiano acontece em um contexto particular e com objetivos particulares a depender dos envolvidos/as, e que revela uma constelação triangular entre o sujeito/a negro/a que se apresenta só, o sujeito/a branco/a que violenta e o público branco que passivamente estabelece um consenso apoiador (KILOMBA, 2019).

⁵ Lélia Gonzales (1935-1994), geógrafa, filósofa e ativista do feminismo negro afro-latinoamericano no Brasil e personalidade importante do Movimento Negro no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, em sua obra acadêmica e suas narrativas apresentou as violências vivenciadas no cotidiano do povo negro no Brasil, com foco na mulher negra, atravessadas pela invisibilidade no trabalho, na educação, na participação social e na representação política. A autora ressaltou Como mulher negra intelectual brasileira, tece uma crítica contundente ao conceito da democracia racial do Brasil, não apenas pelo racismo velado que carrega a expressão, mas também pelo sexismo, ambos reproduzidos nas estruturas opressoras e violentas da sociedade brasileira contra essas mulheres.

No entanto, essa vivência particular do Racismo Cotidiano reatualiza a ordem e o trauma colonial onde, se experimenta novamente na relação da invasão dos corpos-territórios e reencenando as relações de poder coloniais de escravizados/as e sinhás/senhores simbólica e figurativamente. Dessa maneira a experiência particular do Racismo Cotidiano possibilita que seja compreendida a memória histórica e coletiva de natureza violenta, repressiva, dolorosa e traumática (KILOMBA, 2019). Assim, o racismo operacionalizado juntamente com outras ideologias, como machismo, LGBTfobia, classismo, capitalismo, aporofobia entre outros entrecruzados, produzem formas de opressão complexas (KILOMBA, 2019).

A literatura tem discutido como essas opressões são reproduzidas em diferentes contextos, como nas relações de cuidado em saúde, nos acessos a bens e serviços dentre outros.

Ao refletir sobre as microrrelações que as mulheres negras vivenciam a partir da institucionalidade da racialização inclusive nos espaços “promotores” de saúde expressa nas discriminações no processo do cuidado é possível inferir que o racismo contribui para um maior sofrimento mental em pessoas negras, em especial as mulheres (DALE; SAFREN, 2019).

Ao que se refere as condições de habitação e o número crescente de violência e pobreza em algumas cidades brasileiras, é notável que a situação de moradia, infraestrutura dos bairros, a segregação urbana e as políticas de habitação do país estão pautadas no racismo estrutural, sustentada pela colonialidade e que reitera a cada ano a segregação racial (PANTA, 2018).

Essas indicações evidenciam que as sociedades estão pautadas na racialização e nos moldes patriarcais que marcam esses corpos e a partir disso, determinam como esses corpos racializados e feminizados ocuparão os espaços e sobreviverão. Essas repercussões da fragilidade ou da ausência do acesso aos direitos básicos como educação, saúde entre outros podem ser vistos claramente no Brasil evidenciando cada vez mais as desigualdades sociais que tecem o cotidiano de mulheres negras.

2.2 Aproximações teóricas entre Interseccionalidade e Cotidiano

O racismo genderizado tem suas expressões nos cotidianos. O racismo cotidiano é estabelecido pelas formas mais sutis e complexas desde expressões, gestos, imagens, dentre outros, que naturaliza os atos racistas e desumaniza as pessoas negras - as mulheres negras. Elas, são vistas como outras dos “outros” no sistema do patriarcado, onde quem tem acesso

pleno é o homem cis hetero branco. Essa subjugação é fruto de um movimento inconsciente de projeções que colocam as pessoas negras, como tela de tudo aquilo que é negado dentro do campo da branquitude (KILOMBA, 2019).

Assim, o cotidiano de quem vive o racismo, os corpos que são vistos como violentos/violentas, selvagens, sexualizados/sexualizadas, objetos de trabalho, que desperta medo e prazer, que não podem ocupar o mesmo território do ‘branco’, inadequados/inadequadas, vivenciam o silenciamento, onde o sujeito branco “não escuta” como forma de regredir para não enfrentar a culpa e ansiedade. Nesse processo, a construção de sujeito negro/negra, perpassa na retomada da sua voz, de sua identidade e subjetividade (KILOMBA, 2019).

A análise do cotidiano possibilita a materialização dialética das estruturas macrossociais e das relações microssociais (PAIS, 2013). A partir de uma leitura interseccional, abre-se uma possibilidade de analisar essas dimensões no cotidiano de mulheres negras. Para as intelectuais da interseccionalidade, as estruturas e relações sociais que geram opressões às mulheres negras estão imbricadas entre si e não hierarquizadas ou categorizadas, constituindo matrizes opressoras (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017; HIRATA, 2014).

Uma aproximação desses dois conceitos passa pela compreensão da experiência de vida que sucede nos acontecimentos mais ordinários do dia a dia das pessoas. Para Pais (2013) a experiência de vida é fundamental para a construção do conhecimento sobre o cotidiano, que amplia a perspectiva de análise, relacionando as estruturas sociais com as dimensões interpessoais vivenciadas pelos sujeitos. A experiência sociológica pode se inspirar na experiência cotidiana, que como os artesãos têm a capacidade de traduzir suas vivências em suas produções artesanais a análise sociológica do cotidiano tem a capacidade de fazer uma leitura crítica para além das estruturas sociais, mas tomando as relações sociais como base dessas experiências (PAIS, 2013).

Essas experiências são levadas em consideração quando Bilge (2009) traduz a interseccionalidade como

Uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual (Bilge, 2009, p. 70).

As primeiras a descreverem o conceito de Interseccionalidade foram as intelectuais negras norte americanas Kimberlé Crenshaw, em sua tese de doutorado e, posteriormente,

Patricia Hill Collins sistematizando as categorias de dominação, contudo, ressalta-se que essa conceituação é antecedida pelas pautas feministas negras em várias partes do mundo. A partir da escuta e da autoanálise das experiências vivenciadas pelas mulheres negras na sociedade norte-americana, buscou-se o resgate das vivências e histórias aguerridas de mulheres negras que provaram resistência na construção daquela sociedade, em um momento de extrema segregação racial e de extermínio do povo negro (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017).

A perspectiva conceitual-interseccional no campo jurídico nasceu a partir da análise de leis que prescrevem direitos e criminalização das discriminações raciais e das discriminações de gênero. É evidente a fragmentação do amparo legal de mulheres vítimas de violência racial e de discriminação de gênero, devido à ausência do recorte de raça, delimitando uma proteção frágil às mulheres negras. De acordo com a autora, “as leis e as políticas nem sempre preveem que somos, ao mesmo tempo, mulheres e negras” (CRENSHAW, 2004, p.9).

O objeto dessa trajetória conceitual para Kimberlé foi de evidenciar como as discriminações raciais e de gênero operam conjuntamente para a invisibilidade das mulheres negras e operacionalizar formas de combater essas barreiras. As dimensões das experiências vividas por essas mulheres não podem ser delimitadas de forma separada nas categorias de discriminação racial ou de gênero, para tanto, essas categorias deveriam ser amplamente relacionadas para ser possível aproximar-se dos motes de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam (CRENSHAW, 2004).

Por sua vez, a Patricia Hill Collins (2017), desde os anos 1990, sistematiza o conceito em domínios, denominados de matrizes de opressão, entendidas como a imbricação das relações de raça, gênero e classe social dentre outras categorias de opressão, sob a análise das estruturas sociais e das relações interpessoais.

De forma didática Ferrufino e colaboradores (2019), apresentam esses domínios que demarcam as matrizes de opressão interligadas em quatro formas de dominação. Essa forma facilita a análise da narrativa dos sujeitos frente as opressões vivenciadas em seus cotidianos

Domínio estrutural: abrange a forma como as instituições (escolas, indústrias, hospitais, bancos) se organizam para reproduzir a subordinação, por exemplo, das mulheres negras ao longo do tempo, através de múltiplas formas de segregação para reproduzir situações injustas de exclusão social. **Domínio disciplinar:** este domínio reforça sua importância graças à crescente "oportunidade" que gera a burocracia como modo de organização social moderna, pois tem tomado o lugar no controle das populações, especialmente através da raça, gênero e outros marcadores da diferença. **Domínio hegemônico:** este domínio de poder se ocupa da ideologia, da cultura e da consciência. Este domínio argumenta que os grupos dominantes criam e mantêm um sistema comum de ideologias que sustentam e apoiam o direito de governar desse grupo e a manutenção de sistemas de opressão, através de currículos escolares, ensinamentos religiosos, culturas comunitárias e histórias familiares. **Domínio interpessoal:** argumenta que, embora a maioria dos indivíduos tenha a capacidade de reconhecer sua própria vitimização dentro de um sistema de opressão maior, eles

não percebem como seus pensamentos e ações reproduzem a subordinação de outras pessoas (FERRUFINO *et al.*, 2019, p.154).

A leitura interseccional do cotidiano de mulheres negras possibilita um mapeamento das mudanças na luta do feminismo negro. Assim, o feminismo negro em seu caráter de movimento social, estabelece às questões de raça, classe social, gênero e sexualidade em sistemas interseccionais de poder. Além disso, o envolvimento da academia e a legitimação do conceito, tem implicações diretas na criação de políticas emancipatórias (COLLINS, 2017).

Um conceito semelhante associado à interseccionalidade é o de consubstancialidade, sendo tratados de forma similar para análise das relações de opressão, embora haja divergências na literatura sobre a compreensão dos dois conceitos. A consubstancialidade apresentada pela Danielé Kergoat (2010) critica essa forma categorizada da interseccionalidade e argumenta que essa análise deve ser desde a sua origem imbricada nas relações sociais que gerem essas opressões.

Esses conceitos partem do mesmo princípio das relações de opressão causadas às mulheres negras, porém a interseccionalidade inicia suas análises com a dupla categoria de raça-gênero e classe social como plano secundário e a consubstancialidade com a relação gênero-classe social que posteriormente agrega raça em suas análises (HIRATA, 2014).

Os interesses que endossam os estudos interseccionais se voltam para duas perspectivas, uma no campo histórico e outro no campo jurídico. Na construção histórica do conceito o sentido de insurgência teórica e epistêmica contrária a uma literatura heterocispatriarcal branca, insere uma nova rota negra e feminista nas trajetórias teóricas. E a leitura da justiça e do direito que, de forma dissociada, viam os casos de mulheres negras sem realizar associações dessas categorias, gerando a invisibilidade das violências institucionais direcionadas às mulheres negras (HIRATA, 2014).

Dessa maneira, ao utilizar a interseccionalidade para compreender o cotidiano de pessoas negras, é possível identificar as relações de poder a partir das narrativas de mulheres em um estudo chileno que analisa as experiências de mulheres do território mapuche que migram para trabalhar na cidade de Santiago do Chile. Evidenciam que nos trabalhos domésticos desenvolvidos por elas há uma influência colonial, que repercute em uma relação opressora de classe, gênero e raça. Essa relação permite dialeticamente, compreender como a colonialidade no trabalho atua sobre a relação imbricada dos aspectos de gênero e raça, gerando violências interseccionais e a possibilidade dessas mulheres (re)construírem microrresistências cotidianas (RAIN; LLOMBART; MALO, 2020).

As violências contra as mulheres negras são vivenciadas no cotidiano seja nas formas sutis como ir à loja de roupa e ser perseguida durante todo o percurso da compra na loja (BOURABAIN; VERHAEGHE, 2019), seja na universidade e as dificuldades que elas enfrentam para acessar o ensino superior se mantêm experienciando insultos, desvalorizações, invalidações, falta de apoio até episódios de assédios morais e sexuais produzidos no campus (ELLIS *et al.*, 2019; VANDANA, 2020).

Essas violências sutis são entendidas como a manutenção do poder da branquitude estruturada pelo racismo que subjuga a vida e o dia a dia das pessoas negras, que de diversas formas as matam subjetiva e identitariamente (ALMEIDA, 2020).

Contudo, existem movimentos de resistência e as reivindicações das pautas feministas negras contra o racismo de gênero promovem a conscientização e instrumentalização que norteia o cotidiano a partir de uma visão interseccional.

As experiências com as matrizes opressoras de raça, gênero e classe social endossam as desigualdades vivenciadas no cotidiano dessas pessoas. Nessa perspectiva, a Terapia Ocupacional cada vez mais tem se dedicado a compreender essas relações e desenvolver práticas que possibilitem a minimização dessas desigualdades que reverberam em seus cotidianos, possibilitando a transformações dessas relações e o engajamento nas ocupações de forma equânime e justa.

2.3 Leitura decolonial, feminista e afrodiáspórica no escopo da Terapia Ocupacional

A Terapia Ocupacional ao longo da sua construção, em especial na contemporaneidade, tem sido convocada a refletir sobre a colonização que balizam as práticas e saberes e a reconduzir as práticas para dar respostas afirmativas nas produções e intervenções interessadas nas singularidades dos contextos, na necessidade de atuar à luz da diversidade, da interseccionalidade e da descolonização. (MONZELLI *et al.*, 2018).

A Terapia Ocupacional no Brasil tem alargado suas discussões epistemológicas, de forma mais crítica, no sentido de deslocar a centralidade do indivíduo na compreensão das ocupações ampliando para uma leitura social, de cunho identitário, material, cultural e ativista. Esse posicionamento tem sido identificado em algumas correntes da terapia ocupacional, sobretudo nas de perspectiva culturalista e na Terapia Ocupacional Social. Diante das lutas da população negra, a Terapia Ocupacional tem se posicionado em defesa desses sujeitos no processo de emancipação e participação social por meio de seus cotidianos e ocupações. Coletivos, projetos de ensino, pesquisa e extensão nas universidades públicas

brasileiras têm fomentado diversas ações e disparado potentes discussões sobre os temas pertinentes (FRANÇA; QUEIROZ; BEZERRA, 2016; FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018; AMORIM, *et al.*, 2020).

O/A terapeuta ocupacional exprime sua importância estando atento aos contextos e relações sociais, atrelado as vivências ocupacionais cotidianas das populações a qual ele/ela se dispõe a atender/acompanhar. Olhando para população negra e as desigualdades raciais que impactam no acesso aos direitos básicos dessa população, essa/essa profissional poderá atuar a partir da tentativa de minimização das injustiças ocupacionais e sociais e na valorização dos repertórios, itinerários terapêuticos e trajetórias ocupacionais. Assim, ao passo que existe a compreensão de como o povo negro acessa ou não seus direitos, e de como experienciam seus cotidianos e as diversas formas de cuidar, avança-se na discussão sobre a relação de poder nos processos de opressão que atravessam os procedimentos dos sistemas hegemônicos e estratégias de cuidado que fazem parte da Rede de Atenção à Saúde direcionadas à População Negra (FRANÇA; QUEIROZ; BEZERRA, 2016).

O racismo desumaniza e reconfigura a identidade negra e incorpora os privilégios brancos oferecendo-os como única opção para os corpos negros (FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018). Nessa perspectiva, assim como discute um dos autores precursores dos argumentos pós-colonial, Frantz Fanon (2020), o povo negro na tentativa de autoaceitação e aceitação na sociedade incorpora a fantasia desses privilégios em seus pensamentos e dimensões sociais, psíquicas, culturais, econômicas, políticas e pessoais, com a possibilidade de suprir as faltas que o racismo produziu nos corpos e no cotidiano.

Tomando emprestado o termo *Apartheid*, que surge a partir das experiências do processo de institucionalização do racismo criando-se leis e regras sociais de segregação por cor e raça vivenciadas por negros na África do Sul e nos Estados Unidos, a Terapia Ocupacional identificou esse tipo de segregação no cotidiano e na relação da divisão de atividades cotidianas e seus significados para cada grupo social, assim denominou de *Apartheid Ocupacional* (KRONEMBERG; POLLARD, 2006). Assim, o termo *Apartheid Ocupacional*⁶ possibilita identificar e compreender as experiências opressoras no cotidiano e na existência do povo negro.

O cotidiano dos sujeitos negros em suas ocupações é demasiadamente atravessado pelo impacto do racismo e da desigualdade social, que remete à lógica do *Apartheid*

⁶ É importante retomar a consideração que o termo se torna importante para as ciências ocupacionais no que diz respeito a introdução de uma perspectiva ético-política na prática profissional, contudo vale ressaltar que para discutir dimensões racializadas existe uma questão epistêmica quando esse termo é cunhado por homens brancos do norte global.

Ocupacional. Assim, mais uma vez é marcado a importância da Terapia Ocupacional se ater a uma perspectiva social para compreender a realidade dessa população.

Em algumas áreas da Terapia Ocupacional constata-se a ampliação do escopo epistemológico crítico frente às necessidades da população negra mobilizada por meio de grupos de estudos, de pesquisa e ações contra o racismo e na valorização da cultura africana e afrodiáspórica, considerando-se uma perspectiva afroreferenciada na Terapia Ocupacional (COSTA; SANTOS; COSTA, 2021). Tanto no âmbito das representatividades profissionais internacionais e nacionais, nas coletividades emergentes em defesa do tema na formação acadêmica tem-se cada vez mais apresentado interesse sobre essas necessidades, valorização cultural e no resgate identitário da população negra e que repercute nas vivências ocupacionais desse povo (AMORIM, *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2020).

Diante dos avanços e desafios da Terapia Ocupacional ao encampar as discussões e atuação junta a população negra, com destaque para a questão da mulher negra, a área tem se orientado pela vertente, interseccional, decolonial, afrocentrado e afrodiáspórico, mais especialmente, no campo de pesquisa como norteadora teórica e metodológica dos estudos. Isso é positivo na medida que se compreende as diversas dimensões das estruturas sociais no cotidiano do povo negro (FERRUFINO *et al.*, 2019; STRAUS; BROWN, 2019; MONCLUS; TARRÈS, 2016; HAMMELL, 2013). Assim, a Terapia Ocupacional lança mão do conceito da interseccionalidade associado a outras teorias e métodos para responder questões que reposicionam os corpos e coletivos negros, amplificando para as questões socio-históricoculturais (FERRUFINO *et al.*, 2019).

A perspectiva interseccional potencializa a compreensão de terapeutas ocupacionais sobre as (a)diversidades complexas as quais moldam as ocupações e o cotidiano, ofertando um prisma metodológico e analítico. Ademais, é urgente a necessidade de revisão das abordagens da Terapia Ocupacional para reconfigurar e incorporar uma análise que considerem as dimensões histórico-culturais e contextuais, de acesso aos direitos e da cidadania para o estudo das ocupações (BALANTA-COBO *et al.*, 2022). Contudo, ao desenvolver uma perspectiva interseccional na Terapia Ocupacional é importante que seja valorizado e evidenciado as origens da produção epistêmica da teoria da interseccionalidade que sendo pensada e escrita por intelectuais negras e negros, evita-se, assim, apagamentos epistêmicos, que acontecem historicamente.

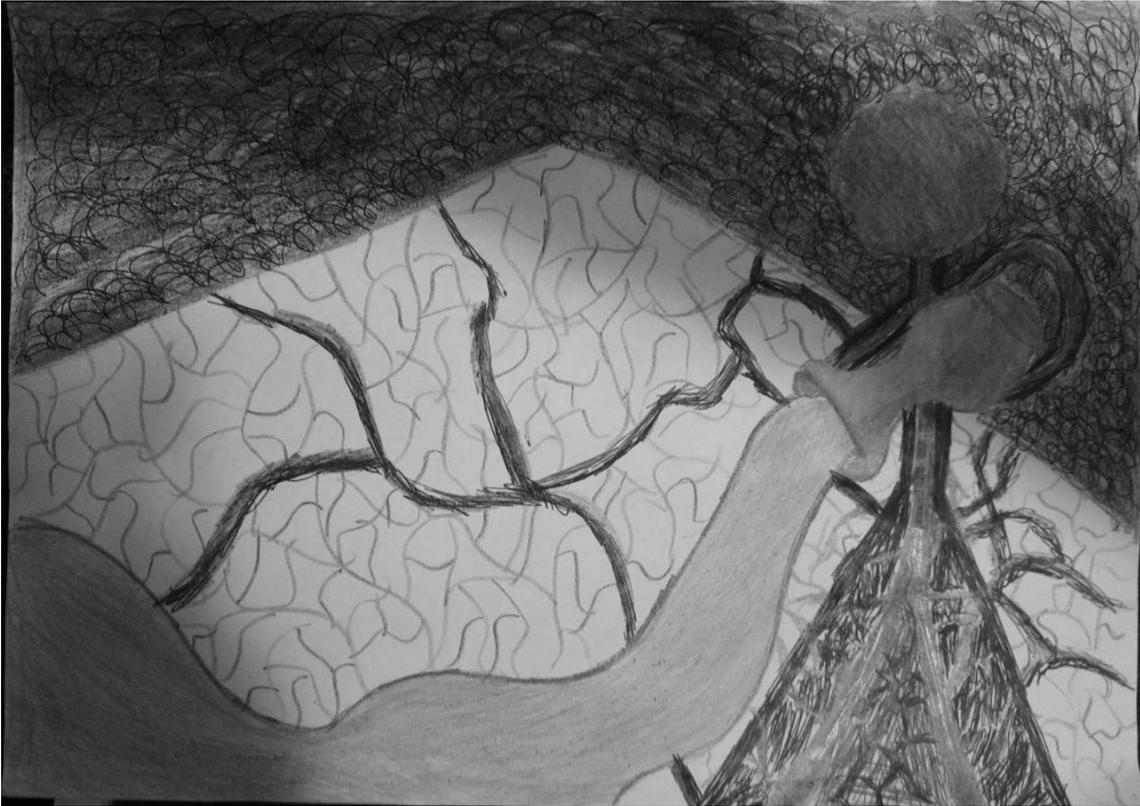
Sendo assim, as autoras Letícia Ambrósio e Carla Regina Silva (2022) inspiradas na leitura decolonial latino-americano, localizam a perspectiva interseccional a partir das demandas geradas pelas matrizes de opressão, sendo sustentadas pelos sistemas hegemônicos

racistas, patriarcais e coloniais e restabelecem as relações de poder, ser e saber. Nesse sentido, um olhar para as produções brasileiras que alcunha a *Amefricanidade*, como a autora Lélia Gonzales, contribui para a Terapia Ocupacional construir uma “perspectiva crítica decolonial amerifricana” como uma abordagem metodológica e analítica da prática profissional. Essa perspectiva convoca terapeutas ocupacionais a se posicionarem ética e politicamente frente às demandas identitárias interligadas. Essa postura dentro da TO possibilitará um reconhecimento sobre as dimensões opressivas, os direitos básicos no enfrentamento das iniquidades sociais, as produções de saber e ser, fortalecendo políticas afirmativas e o engajamento na busca de emancipação das populações frente as desigualdades (AMBRÓSIO; SILVA, 2022).

A teoria da interseccionalidade e o método do discurso (método narrativo) são complementares para pesquisas não apenas da Terapia Ocupacional, mas no campo das ciências da saúde (STRAUS; BROWN, 2019). Para tanto exige um esforço de mudança da intervenção de terapeutas ocupacionais levando em consideração a interseccionalidade a partir de uma construção da identidade profissional mais crítica (MONCLUS; TARRÈS, 2016).

As Terapias Ocupacionais do Sul têm avançado nas reflexões teóricas e práticas sobre um posicionamento político e ético e tem se buscado uma revisão da concepção de ocupação e do próprio escopo de atuação da terapia ocupacional, sob a lente dos movimentos feministas e decoloniais, no sentido de inserir nas abordagens e práticas da área o confronto com estereótipos e injustiças praticadas contra pessoas que se reconhecem no gênero feminino (NÚÑEZ, 2019).

Dessa maneira, a necessidade desse tipo de estudo provoca o desejo de ir em busca dos diversos desafios e avanços no escopo da Terapia Ocupacional sobre a população negra no Brasil. Contudo, é necessário incluir nas discussões/produções acadêmicas e nas construções de espaços representativos cada vez mais as existências das mulheres negras e suas vivências ocupacionais.



Retornar a origem fluida

Autoria da imagem: Erickson Franklin dos Santos Miranda

Procedimentos Metodológicos

3. Procedimentos Metodológicos

a. Desenho do estudo

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo que utilizou o método narrativo de História de Vida. O estudo qualitativo busca um aprofundamento nas relações que as pessoas, grupos e organizações “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p.22).

A abordagem história de vida pode ser entendida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 1991, p. 101). O método de história de vida se aproxima dos estudos qualitativos biográficos. Sua utilização metodológica tem um marco histórico um estudo sociológico sobre pobreza e imigrantes poloneses nos Estados Unidos desenvolvido por William I. Thomas e colaboradores, no departamento de Sociologia da Escola de Chicago. Esse estudo utilizou metodologicamente, de entrevistas e histórias de vida dos/das sujeitos/sujeitas participantes da pesquisa e que se tornou um marco importante nos estudos sobre as dimensões sociais e seus efeitos naquela época e que atravessavam as trajetórias de vida dos/das participantes (NOGUEIRA, *et al.*, 2017; BECKER, 1996).

A Escola de Chicago, berço do interacionismo simbólico, criou um método interpretativo realista a partir das “narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisados” (CHIZZOTTI, 1991, p. 226).

Silva *et al* (2007) apresentam como se desenvolve uma pesquisa com o método de História de Vida, como parte das abordagens biográficas, e com característica essencial ao levar em consideração a vinculação entre o pesquisador e sujeito. Essa vinculação é essencial para o entendimento das diversidades e singularidades nas experiências humanas. Nogueira e colaboradores (2017) corroboram ao apresentar que o método de História de Vida que consiste em uma escuta cuidadosa do pesquisador por meio de entrevistas não estruturadas. Esse tipo de coleta deve ser levado em consideração o processo de construção de vínculo entre o pesquisador e a pessoa que narra sua vida.

Assim, o método de História de Vida ousa apreender as dimensões do cotidiano nas quais os sujeitos pertencem, a partir de um processo dialético de pertencimento identitário e

reestruturação social, da capacidade de transpor a história de vida para o coletivo (SILVA *et al.*, 2007). Narrar a história permite a quem narra e a quem ouve reconfigurar e ressignificar as experiências. A narrativa colhida deverá ser transcrita, apresentada e discutida em conjunto com a pessoa participante e o pesquisador, que em seguida, à luz de seus questionamentos da pesquisa, entrará em uma emersão analítica na tentativa de localizar respostas para tais questionamentos (SILVA *et al.*, 2007).

b. Definição das participantes

Foi utilizada uma amostragem não probabilística que prevalece as cadeias de referências do tipo Bola de Neve indicado pela Vinuto (2014). Foi feito um contato inicial com uma trabalhadora da unidade de saúde da família da comunidade conhecida como Conjunto Muribeca em Jaboatão dos Guararapes-PE devido ao vínculo com o pesquisador e por ser uma mulher negra moradora daquela comunidade, tornando-se a interlocutora no campo. Em seguida, a interlocutora no campo identificou outras possíveis participantes para o estudo. Tanto a interlocutora como uma outra participante, indicaram novas possíveis participantes com as características que contemplaram os critérios do estudo.

Participaram do estudo seis mulheres negras moradoras do Conjunto Muribeca do município de Jaboatão dos Guararapes-PE. A escolha desse território atendia as características sociais dos critérios do estudo, assim como, já havia estabelecido vínculo do pesquisador com esse território devido a trabalhos e ações desenvolvidos.

Jaboatão dos Guararapes é município da região metropolitana de Recife em Pernambuco, com uma população de 711.330 habitantes, onde 53% são mulheres e cerca de 62% é a população negra. Acompanhando esse contexto nacional, o município enfrenta desigualdades sociais que reflete a má distribuição territorial, na concentração de bens e serviços em uma pequena extensão territorial, deixando de fora uma enorme faixa onde se concentra níveis altos de pobreza, trabalhos informais, violência e fragilidade de acesso a direitos básicos (IBGE, 2022).

De acordo com relato dos moradores do Conjunto Muribeca essa comunidade caracterizava-se inicialmente como um conjunto habitacional popular para militares e seus familiares. Em formato de edifícios verticais, o conjunto se expandiu com casas menos planejadas e comércios satélites a redor dos blocos. Em dado momento da história dos moradores desse conjunto, a parte estrutural de alguns apartamentos começaram a apresentar falhas, como rachaduras profundas e um marco da desocupação dos edifícios foi o desmoronamento de um dos blocos. Iniciou-se então um processo de desocupação e

indenização dos moradores do conjunto Muribeca, pois a investigação feita pela prefeitura apurou falhas das empresas envolvidas na construção dos edifícios. Um outro agravador das situações de vulnerabilidades nesse território são os períodos de chuvas fortes que acabam desabrigando centenas de moradores, pois o conjunto fica na imediação de um braço de rio. Os alagamentos provocaram e ainda provocam perdas significativas aos moradores dessa região.

Há também potencialidades nesse território, como um espaço de promoção de saúde popular conduzida por mulheres da comunidade onde produzem medicamentos a partir do cultivo próprio de plantas medicinais. O Centro de Saúde Alternativa de Muribeca proporciona bem-estar, saúde e educação popular aos moradores da região.

Para esse estudo foram considerados como critérios de inclusão: (1) Mulheres que se autodeclararam negras (pardas ou pretas); (2) Mulheres negras que se encontravam na faixa etária entre 18 a 70 anos de idade; (3) Consideração da diversidade de identidade de gênero, orientação sexual e expressões religiosas/espirituais/crenças.

Como critérios de exclusão: (1) mulheres negras que possuem algum tipo de deficiência cognitiva e/ou intelectual a partir das informações disponibilizadas pelas próprias informantes, ou por terceiros.

c. Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro a março de 2022 pelo pesquisador do estudo, a partir de entrevistas em profundidade, não estruturadas, com perguntas disparadoras. O pesquisador em campo apresentou os objetivos da pesquisa as participantes e foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após o aceite. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio formato MP3 e transcritas na íntegra.

Antes de iniciar propriamente a entrevista gravada, o entrevistador-pesquisador fez um levantamento de dados sobre o perfil identitário e socioeconômico das entrevistadas, a partir de um instrumento próprio construído pelo pesquisador e suas orientadoras. Foi iniciada a entrevista gravada com uma pergunta norteadora “Considerando que você é uma mulher negra periférica/ de comunidade, me conta um pouco da sua história de vida, como foi desde a infância até os dias atuais? O que você conta sobre você?”. O entrevistador teve como apoio a essa pergunta norteadora um guia prévio de perguntas, que considerava as dimensões do cotidiano no qual o possibilitava direcionar a entrevista caso houvesse esquecimento de algum episódio de vida nas narrativas das participantes. Durante o período de coleta o pesquisador se deslocou à comunidade três vezes e a cada encontro duas participantes foram entrevistadas.

As entrevistas duraram de 22 minutos a 1 hora e 17 minutos, com variação entre as participantes.

O processo das entrevistas se deu, em um primeiro momento, a partir da aproximação do pesquisador com o território e as participantes, considerando um agendamento prévio. Concomitantemente ao agendamento, houve uma identificação e escolha de espaços protegidos para serem realizadas as entrevistas. O local escolhido pelas participantes em conjunto com o pesquisador foi a Unidade de Saúde da Família da comunidade, devido à relação que o pesquisador, a participante-interlocutora e as demais tinham com esse equipamento social de saúde. A Unidade de Saúde da Família foi identificada por elas como um lugar protegido onde elas pudessem narrar suas histórias tranquilamente, sem interrupções ou constrangimentos.

Depois das entrevistas, os materiais aditivos foram transcritos na íntegra. Após a transcrição dos materiais, foi devolvido às participantes gravações em áudio de cada uma, a partir de então escrito, onde elas validaram as narrativas dando possibilidade para prosseguir a análise dos dados. De acordo com Santos e Santos (2008) esses procedimentos adotados são significativamente estruturantes para uma análise da narrativa do tipo História de vida com “uma riqueza de detalhes sobre o tema” (SANTOS; SANTOS, 2008, p.715).

As narrativas como método de coleta de dados são importantes para esse tipo de estudo, pois, em um espaço dialógico, possibilita a centralidade nas experiências vividas nas histórias das pessoas e permite reconstruir cenas importantes para os temas pesquisados. Dessa maneira, o método narrativo promove uma melhor integração e interpretação dos aspectos teóricos, pois as narrativas potencializam e humanizam a leitura teórico dos fenômenos estudados (FERRUFINO *et al.*, 2019).

d. Análise dos Dados

A partir dos dados coletados a análise ocorreu de acordo com a Análise Temática. Santos e Santos (2008) apontam que a Análise Temática tem um rigor de conjugar experiências e significados sobre a temática e que possibilita desvendar os núcleos de sentidos a partir das narrativas e poderem ter alguma relação com o constructo analisado. O material das narrativas foi impresso para uma primeira leitura. Na segunda leitura foram feitos destaques com sublinhamento e anotações já com aspectos analíticos. Em seguida, foram realizadas marcações com cores que identificaram e codificaram os temas mais amplos. Cada narrativa evidenciou cenários temáticos centrais que as opressões interseccionais se manifestavam nas vivências ocupacionais do cotidiano dessas mulheres. Tais cenários,

emergidos das narrativas colhidas tornaram-se substanciais para a construção dos eixos temáticos que originaram os resultados e discussões de 2 artigos, sendo eles:

Artigo 1

1. Quais os cenários das opressões interseccionais? O racismo cotidiano, heterocispatriarcado e capitalismo como perspectivas que sustentam as opressões interseccionais nas subjetividades de mulheres negras;

Considerando subtemas:

- 1.1.Cenários de identidades;
 - 1.2.Cenários de assédio e violência sexual;
 - 1.3.Cenários de Cuidado e Família;
2. Pontos de Revolução: A ressignificação e resistência para existir.

Artigo 2

1. As ocupações como fenômeno social: os efeitos das opressões interseccionais frente as vivências ocupacionais;

Considerando os subtemas:

- 1.1.Vivências da solidão no ambiente escolar/acadêmico e o aquilombamento como forma de resistir;
- 1.2.Vivências de não pertencimento e invisibilidade no trabalho;
- 1.3.Vivências de insegurança e não pertencimento na utilização dos espaços públicos.

A análise dos temas fora sustentada pelas narrativas das mulheres negras e pelos aportes teóricos relacionados ao conceito de Interseccionalidade, somado ao conceito de Racismo Cotidiano, ao conceito sociológico de cotidiano e à compreensão das ocupações sob a luz das abordagens críticas da Terapia Ocupacional.

e. Aspectos éticos e de cuidado da/na pesquisa

O estudo atendeu as orientações do Regimento 511/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta às pesquisas humanas no campo da saúde e teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e registrado no número CAAE: 52584421.4.0000.5149. Todas as participantes desse estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para que houvesse a obtenção das informações. Foi considerado todas as recomendações exigidas pela Organização Mundial de Saúde - OMS

devido à pandemia do novo coronavírus-COVID-19, dessa maneira, foi recomendado a entrada no espaço com máscaras, disponibilizando o álcool 70% e mantendo um distanciamento seguro das participantes. Assim como, a observância e o respeito as diretrizes do regimento interno da UFMG e do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação.

As participantes foram informadas sobre as dimensões de riscos, considerados mínimos à saúde, tendo em vista que a coleta se restringiu às informações verbais, contudo foi alertado a possibilidade de haver constrangimento e mobilização emocional a partir das memórias evocadas sobre suas histórias. Nesse sentido, foi explicitado que a qualquer momento poderia ser solicitado a interrupção da gravação para a necessidade de se recompor. outros riscos também foram explicados como a fragilidade ou a falta de vínculo com o pesquisador que poderia causar um distanciamento ou até mesmo uma negativa em responder às questões, o risco de minimizar as vivências apenas as experiências de opressão e vulnerabilização que poderia ofuscar as potencialidades e resistências vividas pelas participantes. Entretanto, também foi explanado os benefícios do estudo quanto à possibilidade do resgate da subjetividade das participantes, empoderamento e reflexões acerca de si mesmas e a contribuição para o escopo teórico da Terapia Ocupacional brasileira.

Também foi esclarecido que as participantes desenvolviam uma ação voluntária na pesquisa, sem haver obrigatoriedade em responder às questões trazidas na entrevista e sem gerar ônus financeiro para si e/ou aos pesquisadores.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada na Unidade de Saúde da Família da comunidade apenas com a presença do pesquisador-entrevistador e da participante. As entrevistas foram gravadas em MP3 em aplicativo do aparelho celular do pesquisador e que foram transcritas na íntegra pelo próprio pesquisador e que, tanto os áudios como as narrativas transcritas, serão mantidos em sigilo guardados por 5 anos, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, no gabinete 3131.

Foram utilizados pseudônimos escolhidos pelas participantes no lugar dos seus nomes civis verdadeiros para preservar suas identidades e manter a confidencialidade dos dados. A escolha dos nomes definida por elas corrobora com o compromisso ético desta pesquisa em trazer suas vozes e compartilhar com elas a construção desta identidade que precisa ser preservada.

Também foi considerado o cuidado na pesquisa, onde produz um conhecimento sensível do ponto de vista do acolhimento daquilo que é vivido e narrado. Quando o cuidado

está presente no ato de pesquisar é possível gerar uma constelação de sentidos, isso quer dizer, quando se há cuidado na pesquisa a fala e a escrita são carregadas de sentidos, saberes e significados que não estão apenas no/na pesquisador/a e no/na participante no momento da coleta de dados. Essa constelação de sentidos é estabelecida a partir das relações e experiências que antecipam esse momento.

Quando o/a pesquisador/a em Terapia Ocupacional se propõem a isso, assim como outras áreas de conhecimento que já vem discutindo essa temática, precisa compreender que o cuidado em pesquisa e a relação pesquisador/a-pesquisado/a “não se constituem em entidades isoladas, pois, ao mesmo tempo em que o pesquisador está apreendendo o significado da experiência para a coleta de informações de pesquisa, está cuidando” (NEVES; ZAGONEL, 2006, p. 74).

Isso é evidenciado quando a participante Carla se refere a um aspecto interessante propiciado pela pesquisa – o cuidado, quando diz:

“Eu quero dizer que é importante o estudo de vocês sobre mulheres negras periféricas, porque é um tema que ninguém aborda, ninguém fala muito sobre isso, ninguém tá nem aí basicamente. E alguém, algumas pessoas, lembrar que a gente existe, se importar com que a gente sente é muito gratificante e gostaria de agradecer muito a todos envolvido no projeto. Muito obrigada”



A Grande Elementar

Autoria da imagem: Erickson Frankiln dos Santos Miranda

Resultados

4. Resultados e discussões – Artigos

Artigo 1

ARTIGO ORIGINAL

Narrativas de mulheres negras periféricas brasileiras acerca dos atravessamentos das opressões interseccionais em seus cotidianos: um estudo qualitativo.⁷⁸

Narratives of Brazilian peripheral black women about the crossings of intersectional oppressions in their daily lives: a qualitative study.

Narrativas de mujeres negras periféricas brasileñas sobre los cruces de opresiones interseccionales en su cotidiano: un estudio cualitativo.

Erickson Franklin dos Santos Miranda. Especialização em Atenção Básica e Saúde da Família. Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil. toericksonmiranda@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3242-8971>

Carla Regina Silva. Doutorado em Educação. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos-SP, Brasil. carlars@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>.

Luciana Assis Costa. Doutorado em Sociologia. Docente do curso de graduação Terapia Ocupacional e do Curso de Pós Graduação em Estudos da Ocupação e Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil. lucianaassis.ufmg@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3664-4839>.

Contato:Luciana Assis Costa, Departamento de Terapia Ocupacional, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, CEP 31270-010, Belo Horizonte, MG, Brasil, e-mail: lucianaassis.ufmg@gmail.com

Fonte de Financiamento: Financiamento próprio dos pesquisadores

⁷ Trata-se de resultado de pesquisa de mestrado intitulado As encruzilhadas das vivências ocupacionais tem cor: Repercussões interseccionais no cotidiano de mulheres negras periféricas e inscrito no Comitê de Ética da UFMG no CAEE: 52584421.4.0000.5149. Cumpriu os requisitos de éticos e confidencialidade previstos na legislação e de proteção sanitária recomendada pela Organização Mundial de Saúde acerca da contaminação da COVID-19.

⁸ A contribuição é original e inédita e o presente manuscrito não está sendo avaliado para publicação por outra revista.

Contribuição dos Autores: Erickson Franklin dos Santos Miranda foi responsável pela coleta dos dados, organização das fontes, análise dos dados, concepção e redação do texto. Carla Regina Silva foi responsável pela organização das fontes, revisão do texto, coorientação do estudo. Luciana Assis Costa foi responsável por organização das fontes, revisão do texto, supervisão e orientação do estudo.

Resumo

Este artigo é oriundo de um mestrado em Estudos da Ocupação e teve como objetivo compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas suas ocupações. Os processos de apagamentos das subjetividades na vida de mulheres negras são produzidos pelo sexismo e pelo racismo e evidenciam as violências interseccionais existentes. Trata-se de um estudo qualitativo, orientado pela abordagem História de Vida, com a participação de seis mulheres negras periféricas de um município pernambucano no período de janeiro a março de 2022. As narrativas foram tratadas pelo método de Análise Temática onde emergiram dois temas centrais e subtemas: (1) Quais os cenários das opressões interseccionais? O racismo cotidiano, heterocispatriarcado e capitalismo como perspectivas que sustentam as opressões interseccionais nas subjetividades de mulheres negras; com os subtemas: Cenários de identidades; Cenários de assédio e violência sexual; Cenários de Cuidado e Família. (2) Pontos de Revolução: A resignificação e resistência para existir. O maior incurso de suas histórias foi a busca de se reconhecerem e serem reconhecidas como sujeitas de suas próprias histórias. Assim, questões como Identidade, Cuidado, Maternidade e Família, Assédio e Violência sexual, entre outras, materializam as vivências interseccionais opressoras, assim como, suas resistências e modos de ver o mundo. Considera-se que haja um aprofundamento na Terapia Ocupacional acerca do cotidiano de mulheres negras e sobre a teoria da interseccionalidade.

Palavras-chave: Mulheres negras, Cotidiano, Interseccionalidade, Terapia Ocupacional

Abstract

This article comes from a master's degree in Occupation Studies and aimed to understand the daily life of vulnerable black women from the repercussions of racial, gender and social class issues in their occupations. The processes of erasure of subjectivities in the lives of black women are produced by sexism and racism and show the existing intersectional violence. This

is a qualitative study, guided by the History of Life approach, with the participation of six peripheral black women from a municipality in Pernambuco from January to March 2022. The narratives were treated by the Thematic Analysis method, where two central themes emerged and sub-themes: (1) What are the scenarios of intersectional oppressions? Everyday racism, heterocispatriarchy and capitalism as perspectives that sustain intersectional oppressions in black women's subjectivities; with the subthemes: Scenarios of identities; Scenarios of sexual harassment and violence; Care and Family Scenarios. (2) Points of Revolution: The resignification and resistance to exist. The biggest incursion of their histories was the search to recognize themselves and to be recognized as subjects of their own histories. Thus, issues such as Identity, Care, Maternity and Family, Harassment and Sexual Violence, among others, materialize the oppressive intersectional experiences, as well as their resistances and ways of seeing the world. It is considered that there is a deepening in Occupational Therapy about the daily life of black women and about the theory of intersectionality.

Key-words: Women Black, Everyday Living, Intersectionality, Occupational Therapy

Introdução

O racismo, que tem como pilares de sustentação as relações interpessoais e institucionais, constitui-se uma complexa rede de ações, posicionamentos, conhecimentos, discriminações, preconceitos que produz a forma de organizar política, econômica e culturalmente a sociedade, sendo possível afirmar que “o racismo é sempre estrutural” (ALMEIDA, 2020, p.20). Dessa maneira, o racismo é uma encruzilhada onde as práticas e as ideologias permitem um significado sobre o quão eficaz é essa estrutura onde estabelece uma divisão social por meio da raça seja nas dimensões do trabalho, da política, da economia ou nas subjetividades da população negra (GONZALEZ, 2020).

O Racismo Cotidiano é um conjunto de experiências vivenciadas pelas pessoas negras que comporta desde vocabulários, discursos, imagens, gestos, ações e até olhares, onde posiciona a pessoa negra e/ou de cor no lugar de Outro/a do sujeito/a branco/a, materializando os aspectos reprimidos da sociedade embranquecida. Essas experiências não são vivenciadas de formas isoladas, são contínuas, constantes que se estabelecem em todas as instituições e lugares da sociedade. O Racismo Cotidiano acontece em um contexto particular e com objetivos particulares a depender dos envolvidos/as, e que revela uma constelação triangular

entre o sujeito/a negro/a que se apresenta só, o sujeito/a branco/a que violenta e o público branco que passivamente estabelece um consenso apoiador (KILOMBA, 2019).

No entanto, essa vivência particular do Racismo Cotidiano reatualiza a ordem e o trauma colonial onde, se experimenta novamente na relação da invasão dos corpos-territórios e reencenando as relações de poder coloniais de escravizados/as e sinhás/senhores simbólica e figurativamente. Dessa maneira a experiência particular do Racismo Cotidiano possibilita que seja compreendido a memória histórica e coletiva. O Racismo cotidiano é violento, repressivo, doloroso e traumático (KILOMBA, 2019).

Assim, o racismo operacionalizado juntamente com outras ideologias, como machismo, LGBTfobia, classismo, capitalismo, aporofobia entre outros entrecruzados, produzem formas de opressão complexas (KILOMBA, 2019).

Os processos de apagamentos produzidos pelo patriarcado, machismo e sexismo e pelo racismo e colonialismos evidenciam as violências interseccionais existentes na vida das mulheres negras no Brasil. A naturalização destas opressões nas experiências e vivências das mulheres negras marcaram um lugar específico da mulher negra na sociedade brasileira, partir dos sentidos históricos e relacionais refletidos em expressões como ‘mulata’, ‘doméstica’ e ‘mãe preta’ retratos, funções e estigmas que podem estar ou não imbricados com a classe social (GONZALEZ, 2020).

As mulheres negras ora ocupam a postura de servir, de cuidar (doméstica e mãe preta) tanto dos seus e de outros, ora ocupam um corpo hipersexualizado e desejado (mulata). Essa mulher que “nasceu” para servir, seja na prestação de cuidado como de prazer, tem sua marca nas vivências de mulheres negras escravizadas intitulada como mucamas no processo escravizatório no Brasil (GOZALEZ, 2020).

A teoria da interseccionalidade emerge do descontentamento e do apagamento, mais uma vez, de mulheres negras na luta feminista nos Estados Unidos na década de 1980. As mulheres brancas pautavam necessidades que não contemplavam as das mulheres negras. Assim, a discussão sobre a interseccionalidade proporciona um empoderamento do feminismo negro, ao incorporar a dimensão racial na narrativa feminista. Dentro de uma perspectiva acadêmica, torna-se uma produção ativista, engajada e posicionada, que amplia o entendimento sobre as diversas e interligadas opressões experienciadas na vida cotidiana de mulheres negras e permite que as suas vozes sejam ouvidas (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017; HIRATA, 2014)

Um conceito semelhante associado a interseccionalidade é a consubstancialidade, que são tratados de forma similar para análise das relações de opressão, embora haja divergências

na literatura sobre a compreensão dos dois conceitos. A consubstancialidade apresentada pela Danielé Kergoat (2010) critica essa forma categorizada da interseccionalidade e argumenta que essa análise deve ser desde a sua origem imbricada nas relações sociais que gerem essas opressões.

Esses conceitos partem do mesmo princípio das relações de opressão causadas as mulheres negras, porém a interseccionalidade inicia suas análises com a dupla categoria de raça-gênero e classe social como plano secundário e a consubstancialidade com a relação gênero-classe social que posteriormente agrega raça em suas análises (HIRATA, 2014).

Ao tecerem seus cotidianos, o povo negro – em particular, mulheres negras – são atravessadas pelas questões raciais, de gênero e de classe social que constituem injustiças sociais e ocupacionais, que amiúde, reproduzem opressões que restringem a vivências ocupacionais (FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018). Dessa maneira, o presente estudo teve como objetivo compreender o cotidiano de mulheres negras de uma periferia do município de Jaboatão dos Guararapes- PE a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações.

Aproximações teóricas entre os conceitos de Cotidiano e Interseccionalidade a partir da Terapia Ocupacional

O cotidiano é a vida acontecendo e sendo atravessadas por diversas condições que ora que facilitam, ora dificultam sua realização. Assim, o cotidiano pode ser visto a partir da ótica das relações dos sujeitos construídas diariamente com suas experiências de vida. Essas experiências são pontos importantes para conhecer a vida cotidiano, através de uma análise microssocial que considera os atravessamentos pelas estruturas sociais. Essa análise possibilita a materialização dialética das estruturas macrossociais e das relações microssociais (PAIS, 2013; GALHEIGO, 2003; 2020). Essas experiências refletem como a sociedade se organiza de forma estrutural e também como ela se desorganiza do ponto de vista das desigualdades e repercute na compreensão do cotidiano (MARTINS, 2020).

A partir de uma leitura interseccional do cotidiano, abre-se uma possibilidade de analisar essas dimensões no cotidiano de mulheres negras. As estruturas e relações sociais que geram opressões às mulheres negras estão imbricadas e não hierarquizadas ou categorizadas, constituindo matrizes opressoras (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017; HIRATA, 2014).

De forma didática Ferrufino e colaboradores (2019), apresentam esses domínios que demarcam as matrizes de opressão interligadas em quatro formas de dominação. Essa forma facilita a análise da narrativa dos sujeitos frente as opressões vivenciadas em seus cotidianos

Domínio estrutural: Abrange a forma como as instituições (escolas, indústrias, hospitais, bancos) se organizam para reproduzir a subordinação, por exemplo das mulheres negras ao longo do tempo, através de múltiplas formas de segregação para reproduzir situações injustas de exclusão social. **Domínio disciplinar:** este domínio reforça sua importância graças à crescente "oportunidade" que gera a burocracia como modo de organização social moderna, pois tem tomado o lugar no controle das populações, especialmente através da raça, gênero e outros marcadores da diferença. **Domínio hegemônico:** este domínio de poder se ocupa da ideologia, da cultura e da consciência. Este domínio argumenta que os grupos dominantes criam e mantêm um sistema comum de ideologias que sustentam e apoiam o direito de governar desse grupo e a manutenção de sistemas de opressão, através de currículos escolares, ensinamentos religiosos, culturas comunitárias e histórias familiares. **Domínio interpessoal:** argumenta que, embora a maioria dos indivíduos tenha a capacidade de reconhecer sua própria vitimização dentro de um sistema de opressão maior, eles não percebem como seus pensamentos e ações reproduzem a subordinação de outras pessoas (FERRUFINO *et al.*, 2019, p.154).

Uma aproximação desses dois conceitos de Cotidiano e Interseccionalidade passa pela compreensão da experiência de vida que sucede nos acontecimentos mais ordinários do dia a dia das pessoas. A experiência de vida é fundamental para a construção do conhecimento sobre o cotidiano, que amplia a perspectiva de análise, relacionando as estruturas sociais com as dimensões interpessoais vivenciadas pelos sujeitos (PAIS, 2013).

O conceito de Interseccionalidade exige a busca do resgate das vivências e histórias de mulheres negras que, em suas experiências, provaram a resistência dentro de uma sociedade racialmente desigual (CRENSHAW, 2004; COLLINS, 2017).

Nessas experiências interseccionais que emergem na vida cotidiana de mulheres negras, relatos sobre as discriminações vivenciadas em diferentes espaços sociais, em destaque voltadas à saúde, contribuem para um maior sofrimento mental em pessoas negras, sendo as mulheres negras as que mais vivenciam fortemente as discriminações na busca de cuidados específicos. (DALE; SAFREN, 2019). Contextos de moradia, pobreza, segregação urbana e políticas de habitação estão pautadas no racismo estrutural, sustentado pela colonialidade, e que reitera a cada ano a violenta segregação racial (PANTA, 2018) e o encarceramento do corpo negro (AKOTIRENE, 2020).

Nos contextos de trabalho, em especial os serviços domésticos, perpetuam aspectos coloniais racializados e se sustenta nas repercussões interseccionais de classe, gênero e raça (RAIN; LLOMBART; MALO, 2020). A ordem colonial reatualizada pelo Racismo Cotidiano possibilita no tempo presente reviver o trauma do passado, nas relações de poder entre

pessoas negras escravizadas e pessoas brancas escravagistas de forma metafórica (KILOMBA, 2019).

Dessa maneira, as violências contra as mulheres negras são vivenciadas no cotidiano nas formas sutis como ir à loja de roupa e ser perseguida durante todo o percurso da compra dentro da loja (BOURABAIN; VERHAEGHE, 2019), ou em ambientes educacionais onde enfrentam dificuldades para acessar o ensino superior, por exemplo, além de se manterem nesses espaços experienciando insultos, desvalorizações, invalidações, falta de apoio até episódios de assédios morais e sexuais (ELLIS *et al.*, 2019; VANDANA, 2020).

No entanto, existem movimentos de resistência, as reivindicações das pautas feministas negras contra o racismo de gênero que promovem a conscientização e instrumentalização que norteia o cotidiano a partir de uma visão interseccional. Nesse processo, a construção de sujeito negro/negra, perpassa na retomada da sua voz, de sua identidade e subjetividade (GONZALEZ, 2020; KILOMBA, 2019).

A leitura interseccional do cotidiano de mulheres negras possibilita um mapeamento das mudanças na luta do feminismo negro. Assim, o feminismo negro em seu caráter de movimento social, estabelece às questões de raça, classe social, gênero e sexualidade em sistemas interseccionais de poder. Além disso, o envolvimento da academia que se apropria dessa temática e as implicações na criação de políticas emancipatórias influenciadas pela legitimação acadêmica do conceito (COLLINS, 2017).

A Terapia Ocupacional tem avançado nessas discussões e se aproximado dos conceitos de cotidiano e, principalmente de interseccionalidade a partir de uma produção decolonial (AMBROSIO; SILVA, 2021), feminista e afrodiaspórica, afim de possibilitar uma virada epistêmica questionando as bases fundadoras da profissão (AMBROSIO; SILVA, 2022; BALANTA-COBO, *et al.*, 2021) e refletir sobre o cuidado e intervenções as populações que sofre com as exclusões e desigualdades considerando a população negra, jovem, periférica LGBTQIA+(AMBROSIO, 2021; VALERIO *et al.*, 2021).

Nesse sentido, o artigo, que compõe um estudo maior de investigação de mestrado, pretende discutir, contribuir e conhecer as diferentes experiências que retratam as discriminações relacionadas a raça, gênero e classe social. Com isso, tem-se a preocupação de responder como as questões raciais, de gênero e de classe social repercutem nas ocupações a partir do cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas?

Procedimentos Metodológicos

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo que utilizou o método narrativo de História de Vida. O estudo qualitativo busca um aprofundamento nas relações que as pessoas, grupos e organizações “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p.22).

A abordagem história de vida pode ser entendida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 1991, p. 101). O método de história de vida se aproxima dos estudos qualitativos biográficos. Sua utilização metodológica tem um marco histórico um estudo sociológico sobre pobreza e imigrantes poloneses nos Estados Unidos desenvolvido por William I. Thomas e colaboradores, no departamento de Sociologia da Escola de Chicago. Esse estudo utilizou metodologicamente, de entrevistas e histórias de vida dos/das sujeitos/sujeitas participantes da pesquisa e que se tornou um marco importante nos estudos sobre as dimensões sociais e seus efeitos naquela época e que atravessavam as trajetórias de vida dos/das participantes (NOGUEIRA, et al, 2017; BECKER, 1996).

A Escola de Chicago, berço do interacionismo simbólico, criou um método interpretativo realista a partir das narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisados” (CHIZZOTTI, 1991, p. 226).

Silva *et al.* (2007) apresentam como se desenvolve uma pesquisa com o método de História de Vida, como parte das abordagens biográficas, e com característica essencial ao levar em consideração a vinculação entre o pesquisador e sujeito. Essa vinculação é essencial para o entendimento das diversidades e singularidades nas experiências humanas. Nogueira e colaboradores (2017) corroboram ao apresentar que o método de História de Vida que consiste em uma escuta cuidadosa do pesquisador por meio de entrevistas não estruturadas. Esse tipo de coleta deve ser levado em consideração o processo de construção de vínculo entre o pesquisador e a pessoa que narra sua vida.

Assim, o método de História de Vida ousa apreender as dimensões do cotidiano nas quais os sujeitos pertencem, a partir de um processo dialético de pertencimento identitário e reestruturação social, da capacidade de transpor a história de vida para o coletivo (SILVA *et al.*, 2007). Narrar a história permite a quem narra e a quem ouve reconfigurar e ressignificar

as experiências. A narrativa colhida deverá ser transcrita, apresentada e discutida em conjunto com a pessoa participante e o pesquisador, que em seguida, à luz de seus questionamentos da pesquisa, entrará em uma emersão analítica na tentativa de localizar respostas para tais questionamentos (SILVA *et al.*, 2007).

Definição das participantes

Foi utilizada uma amostragem não probabilística que prevalece as cadeias de referências do tipo Bola de Neve indicado pela Vinuto (2014). Foi feito um contato inicial com uma trabalhadora da unidade de saúde da família da comunidade conhecida como Conjunto Muribeca em Jaboatão dos Guararapes-PE devido ao vínculo com o pesquisador e por ser uma mulher negra moradora daquela comunidade, tornando-se a interlocutora no campo. Em seguida, a interlocutora no campo identificou outras possíveis participantes para o estudo. Tanto a interlocutora como uma outra participante indicaram novas possíveis participantes com as características que contemplaram os critérios do estudo.

Participaram do estudo seis mulheres negras moradoras do Conjunto Muribeca do município de Jaboatão dos Guararapes-PE. A escolha desse território atendia as características sociais dos critérios do estudo, assim como, já havia estabelecido vínculo do pesquisador com esse território devido a trabalhos e ações desenvolvidos.

Jaboatão dos Guararapes é município da região metropolitana de Recife em Pernambuco, com uma população de 711.330 habitantes, onde 53% são mulheres e cerca de 62% é a população negra. Acompanhando esse contexto nacional, o município enfrenta desigualdades sociais que reflete a má distribuição territorial, na concentração de bens e serviços em uma pequena extensão territorial, deixando de fora uma enorme faixa onde se concentra níveis altos de pobreza, trabalhos informais, violência e fragilidade de acesso a direitos básicos (IBGE, 2022).

De acordo com relato dos moradores do Conjunto Muribeca essa comunidade caracterizava-se inicialmente como um conjunto habitacional popular para militares e seus familiares. Em formato de edifícios verticais, o conjunto se expandiu com casas menos planejadas e comércios satélites a redor dos blocos. Em dado momento da história dos moradores desse conjunto, a parte estrutural de alguns apartamentos começaram a apresentar falhas, como rachaduras profundas e um marco da desocupação dos edifícios foi o desmoronamento de um dos blocos. Iniciou-se então um processo de desocupação e indenização dos moradores do conjunto Muribeca, pois a investigação feita pela prefeitura apurou falhas das empresas envolvidas na construção dos edifícios. Um outro agravador das

situações de vulnerabilidades nesse território são os períodos de chuvas fortes que acabam desabrigando centenas de moradores, pois o conjunto fica na imediação de um braço de rio. Os alagamentos provocaram e ainda provocam perdas significativas aos moradores dessa região.

Há também potencialidades nesse território, como um espaço de promoção de saúde popular conduzida por mulheres da comunidade onde produzem medicamentos a partir do cultivo próprio de plantas medicinais. O Centro de Saúde Alternativa de Muribeca proporciona bem-estar, saúde e educação popular aos moradores da região.

Para esse estudo foram considerados como critérios de inclusão: (1) Mulheres que se autodeclararam negras (pardas ou pretas); (2) Mulheres negras que se encontravam na faixa etária entre 18 a 70 anos de idade; (3) Consideração da diversidade de identidade de gênero, orientação sexual e expressões religiosas/espirituais/crenças.

Como critérios de exclusão: (1) mulheres negras que possuem algum tipo de deficiência cognitiva e/ou intelectual a partir das informações disponibilizadas pelas próprias informantes ou por terceiros.

Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro a março de 2022 pelo pesquisador do estudo, a partir de entrevistas em profundidade, não estruturadas, com perguntas disparadoras. O pesquisador em campo apresentou os objetivos da pesquisa as participantes e foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após o aceite. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio formato MP3 e transcritas na íntegra.

Antes de iniciar propriamente a entrevista gravada, o entrevistador-pesquisador fez um levantamento de dados sobre o perfil identitário e socioeconômico das entrevistadas, a partir de um instrumento próprio construído pelo pesquisador e suas orientadoras. Foi iniciada a entrevista gravada com uma pergunta norteadora “Considerando que você é uma mulher negra periférica/ de comunidade, me conta um pouco da sua história de vida, como foi desde a infância até os dias atuais? O que você conta sobre você?”. O entrevistador teve como apoio a essa pergunta norteadora um guia prévio de perguntas, que considerava as dimensões do cotidiano no qual o possibilitava direcionar a entrevista caso houvesse esquecimento de algum episódio de vida nas narrativas das participantes. Durante o período de coleta o pesquisador se deslocou à comunidade três vezes e a cada encontro duas participantes foram entrevistadas.

O processo das entrevistas se deu, em um primeiro momento, a partir da aproximação do pesquisador com o território e as participantes, considerando um agendamento prévio.

Concomitantemente ao agendamento, houve uma identificação e escolha de espaços protegidos para que fossem realizadas as entrevistas. O local escolhido pelas participantes em conjunto com o pesquisador foi a Unidade de Saúde da Família da comunidade, devido a relação que o pesquisador, a participante-interlocutora e as demais tinham com esse equipamento social de saúde. A Unidade de Saúde da Família foi identificada por elas como um lugar protegido onde elas pudessem narrar suas histórias tranquilamente, sem interrupções ou constrangimentos.

Depois das entrevistas, os materiais aditivos foram transcritos na íntegra. Após a transcrição dos materiais, foi devolvido às participantes gravações em áudio de cada uma, a partir de então escrito, onde elas validaram as narrativas dando possibilidade para prosseguir a análise dos dados. De acordo com Santos e Santos (2008) esses procedimentos adotados são significativamente estruturantes para uma análise da narrativa do tipo História de vida com “uma riqueza de detalhes sobre o tema” (SANTOS; SANTOS, 2008, p.715).

As narrativas como método de coleta de dados são importantes para esse tipo de estudo, pois, em um espaço dialógico, possibilita a centralidade nas experiências vividas nas histórias das pessoas e permite reconstruir cenas importantes para os temas pesquisados. Dessa maneira, o método narrativo promove uma melhor integração e interpretação dos aspectos teóricos, pois as narrativas potencializam e humanizam a leitura teórica dos fenômenos estudados (FERRUFINO *et al.*, 2019).

Análise dos Dados

A partir dos dados coletados a análise ocorreu de acordo com a Análise Temática. Santos e Santos (2008) apontam que a Análise Temática tem um rigor de conjugar experiências e significados sobre a temática e que possibilita desvendar os núcleos de sentidos a partir das narrativas e que podem ter alguma relação com o constructo analisado. O material das narrativas foi impresso para uma primeira leitura. Na segunda leitura foram feitos destaques com sublinhamento e anotações já com aspectos analíticos. Em seguida, foram realizadas marcações com cores que identificaram e codificaram os temas mais amplos. Cada narrativa evidenciou cenários temáticos centrais que as opressões interseccionais se manifestavam nas vivências ocupacionais do cotidiano dessas mulheres.

Tais cenários, emergidos das narrativas colhidas tornam-se substanciais para a construção dos eixos temáticos que originaram os resultados e discussões de 2 artigos, entretanto estão presentes nesse: (1) Quais os cenários das opressões interseccionais? O racismo cotidiano, o heterocispatriarcado e capitalismo como perspectivas que sustentam as

opressões interseccionais presentes nas subjetividades de mulheres negras; Considerando subtemas: Cenários de identidades; Cenários de assédio e violência sexual; Cenários de Cuidado e Família; (2) Pontos de Revolução: A ressignificação e resistência para existir.

A análise dos temas fora sustentada pelas narrativas das mulheres negras e pelos aportes teóricos relacionados ao conceito de Interseccionalidade, somado ao conceito de Racismo Cotidiano, ao conceito sociológico de cotidiano e à compreensão das ocupações sob a luz das abordagens críticas da Terapia Ocupacional.

Aspectos éticos e de cuidado da/na pesquisa

O estudo atendeu as orientações do Regimento 511/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta às pesquisas humanas no campo da saúde e teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e registrado no número CAAE: 52584421.4.0000.5149. Todas as participantes desse estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para que houvesse a obtenção das informações. Foi considerado todas as recomendações exigidas pela Organização Mundial de Saúde - OMS devido à pandemia do novo coronavírus-COVID-19, dessa maneira, foi recomendado a entrada no espaço com máscaras, disponibilizando o álcool 70% e mantendo um distanciamento seguro das participantes. Assim como, a observância e o respeito as diretrizes do regimento interno da UFMG e do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação.

As participantes foram informadas sobre as dimensões de riscos, considerados mínimos à saúde, tendo em vista que a coleta se restringiu às informações verbais, contudo foi alertado a possibilidade de haver constrangimento e mobilização emocional a partir das memórias evocadas sobre suas histórias. Nesse sentido, foi explicitado que a qualquer momento poderia ser solicitado a interrupção da gravação para a necessidade de se recompor. outros riscos também foram explicados como a fragilidade ou a falta de vínculo com o pesquisador que poderia causar um distanciamento ou até mesmo uma negativa em responder as questões, o risco de minimizar as vivências apenas as experiências de opressão e vulnerabilização que poderia ofuscar as potencialidades e resistências vividas pelas participantes. Entretanto, também foi explanado os benefícios do estudo quanto à possibilidade do resgate da subjetividade das participantes, empoderamento e reflexões acerca de si mesmas e a contribuição para o escopo teórico da Terapia Ocupacional brasileira.

Também foi esclarecido que as participantes desenvolviam uma ação voluntária na pesquisa, sem haver obrigatoriedade em responder as questões trazidas na entrevista e sem gerar ônus financeiro para si e/ou aos pesquisadores.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada dentro da Unidade de Saúde da Família da comunidade apenas com a presença do pesquisador-entrevistador e da participante. As entrevistas foram gravadas em MP3 em aplicativo do aparelho celular do pesquisador e que foram transcritas na íntegra pelo próprio pesquisador e que, tanto os áudios como as narrativas transcritas, serão mantidos em sigilo guardados por 5 anos, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, no gabinete 3131.

Foram utilizados pseudônimos escolhidos pelas participantes no lugar dos seus nomes civis verdadeiros para preservar suas identidades e manter a confidencialidade dos dados. A escolha dos nomes definida por elas corrobora com o compromisso ético desta pesquisa em trazer suas vozes e compartilhar com elas a construção desta identidade que precisa ser preservada.

Também foi considerado o cuidado na pesquisa, onde produz um conhecimento sensível do ponto de vista do acolhimento daquilo que é vivido e narrado. Quando o cuidado está presente no ato de pesquisar é possível gerar uma constelação de sentidos, isso quer dizer, quando se há cuidado na pesquisa a fala e a escrita são carregadas de sentidos, saberes e significados que não estão apenas no/na pesquisador/a e no/na participante no momento da coleta de dados. Essa constelação de sentidos é estabelecida a partir das relações e experiências que antecipam esse momento.

Quando o/a pesquisador/a em Terapia Ocupacional se propõem a isso, assim como outras áreas de conhecimento que já vem discutindo essa temática, precisa compreender que o cuidado em pesquisa e a relação pesquisador/a-pesquisado/a “não se constituem em entidades isoladas, pois ao mesmo tempo em que o pesquisador está apreendendo o significado da experiência para a coleta de informações de pesquisa, está cuidando” (NEVES; ZAGONEL, 2006, p. 74).

Isso é evidenciado quando a participante Carla se refere a um aspecto interessante propiciado pela pesquisa – o cuidado, quando diz:

“eu quero dizer que é importante o estudo de vocês sobre mulheres negras periféricas, porque é um tema que ninguém aborda, ninguém fala muito sobre isso, ninguém tá nem aí basicamente. E alguém, algumas pessoas, lembrar que a gente existe, se importar com que a gente sente é muito gratificante e gostaria de agradecer muito a todos envolvidos no projeto. Muito obrigada”

Resultados e discussão

1. Tabela 1 - Perfil das participantes

Perfil das Participantes						
Participante	01-Inês	02-Rosimary	03-Rute	04-Azeviche	05-Agg Vidas	06-Carla
Idade	64	75	47	67	50	18
Religião	Cristã católica	Cristã evangélica	Cristã evangélica	Religião indefinida/e espiritualista	Cristã Católica	Sem religião
Sexualidade	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Assexual	Heterossexual	Bissexual
Gênero	Cis	Cis	Cis	Cis	Cis	Cis
Raça/cor/Etnia	Preta	Parda	Preta	Preta	Preta	Preta
Estado Civil	Viúva	Casada	Casada	Solteira	Casada	Solteira
Escolaridade	Ensino médio completo	Fundamental incompleto	Superior completo	Superior incompleto	Ensino médio completo	Ensino médio incompleto
Número de filhos	1	4	1	1	3	0
Número de pessoas que moram na mesma casa	1	2	2	2	2	4
Tempo que mora nessa localidade?	31 anos	27 anos	27 anos	1 ano	7 anos	18 anos
Trabalha?	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Local que trabalha	não se aplica	não se aplica	Unidade de Saúde da Família	Unidade de Saúde da Família	No próprio domicílio	No próprio domicílio
Qual o trabalho?	não se aplica	não se aplica	Agente Comunitário de Saúde	Agente Comunitário de Saúde	Cuidadora de crianças	Vendedora de bilhetes de loterias
Aposentada?	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
Rendimento familiar (por salário mínimo)⁹	2 salários mínimos	2 salários mínimos	1 salário mínimo	1,5 salários mínimos	menos que 1 salário mínimo	menos que 1 salário mínimo
Recebe algum tipo de benefício social?	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
Qual Benefício?	não se aplica	não se aplica	Auxílio de tarifas sociais	não se aplica	Bolsa Família/Auxílio	não se aplica

⁹ No período da coleta o salário mínimo era de R\$ 1.212 de acordo com a lei 14.358/2022

			de água e energia		x. Emergencia 1	
--	--	--	-------------------	--	-----------------------	--

Tabela produzida pelo pesquisador

A primeira entrevistada foi a Inês mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 64 anos, viúva, tem um filho adotivo, mora só, concluiu o Ensino Médio e sonhava com a universidade, desejando cursar psicologia ou serviço social. Ela trabalhou em fábricas, vendendo roupas e perfumes, abriu junto com seu marido um espaço comercial dentro da comunidade com serviços envolvendo fotografia de documentos e eventos. Depois do falecimento do seu marido reconfigurou o espaço para continuar tirando as fotografias e vendendo materiais escolares. Hoje Inês é aposentada. Para Inês a mulher negra precisa ser valorizada.

A segunda entrevistada foi a Rosemary, mulher, parda, cisgênero, heterossexual, 75 anos, casada, tem três filhos, sendo uma mulher e dois homens, mora com o marido, não chegou a concluir o ensino fundamental. Ela possuiu uma pequena lanchonete dentro da comunidade. Por muitos anos desenvolveu o papel de zeladora na igreja onde frequenta até hoje, com a ajuda do marido se tornou pedreira de construção da própria casa. Hoje é aposentada. Para Rosemary a mulher negra tem um senso de cuidado singular e que pode estar em espaços de representação de poder.

A terceira entrevistada foi a Rute, mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 47 anos, casada, tem um filho, mora apenas com filho, pois o marido está em outro país a trabalho, concluiu o ensino superior em pedagogia e cursa atualmente enfermagem. Antes da faculdade de pedagogia desenvolvia na comunidade um espaço de reforço escolar e hoje em dia trabalha como agente comunitário de saúde da unidade de saúde da família na comunidade. Para Rute a mulher negra pode e deve falar o que pensa.

A quarta entrevistada foi a Azeviche, mulher, preta, cisgênero, assexual, 67 anos, solteira, tem um filho, mora com sua neta, não chegou a concluir o ensino superior, mas cursava marketing e propaganda. Já foi tesoureira de uma revendedora de pneus. Desenvolve desde jovem trabalhos manuais de crocheteamento que aprendeu na escola e lhe gera uma renda extra e trabalha como agente comunitário de saúde da Unidade de Saúde da Família na comunidade. Para Azeviche a mulher negra precisa ser amada como é.

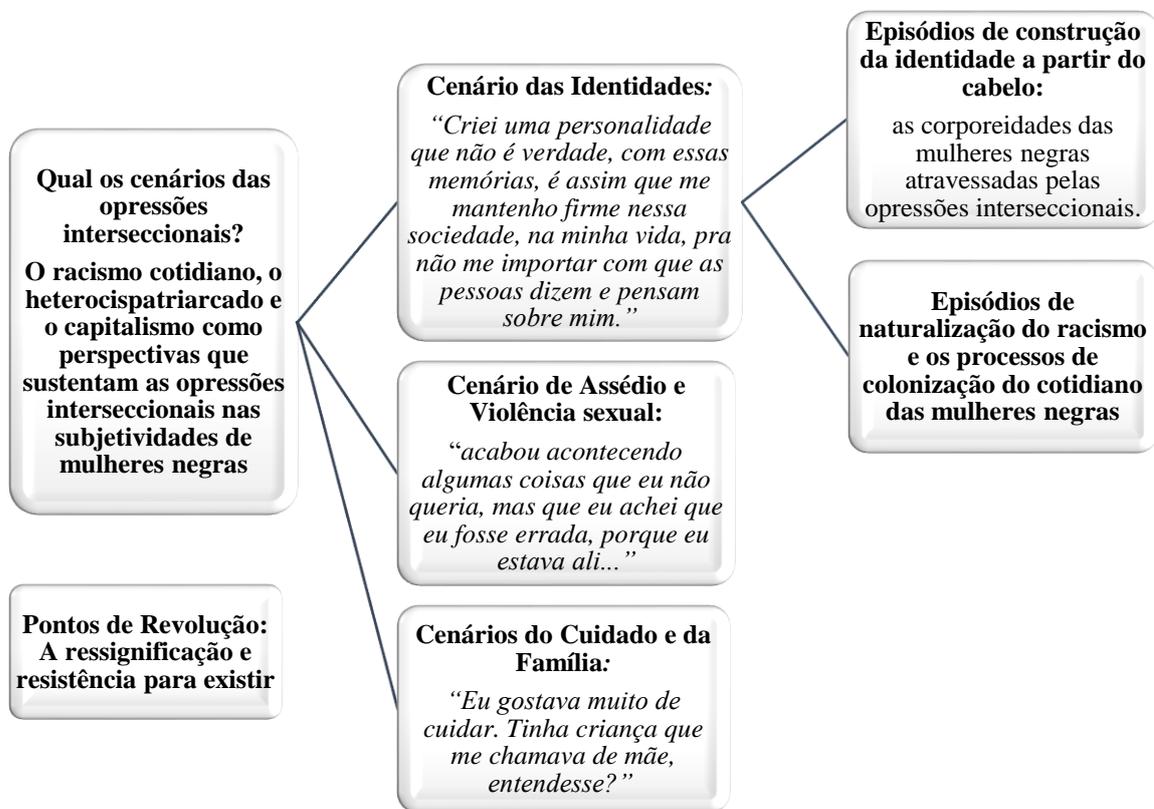
A quinta entrevistada foi a Agg Vidas mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 50 anos, casada, tem três filhos, sendo dois meninas e um menino, mora com seus filhos, chegou a concluir o ensino médio e sonhava em ser policial militar e enfermeira, já trabalhou em lojas

no comércio no centro de uma cidade vizinha, hoje trabalha como cuidadora de crianças em seu domicílio. Para Agg Vidas o lugar da mulher negra é onde ela quiser.

A sexta entrevistada foi Carla mulher, preta, cisgênero, bissexual, 18 anos, solteira, sem filhos, mora com sua mãe, irmã, o pai da sua irmã e avó materna, ainda estar cursando o ensino médio e sonha em ser farmacêutica com especialização na saúde da criança ou ainda médica pediatra. Trabalha em uma banca de jogos de aposta como vendedora de bilhetes de loterias. Para Carla a mulher negra precisa de espaços para valorização da sua existência.

A partir das narrativas das entrevistadas emergiram temáticas para a discussão desse artigo, a saber:

Quando 1 – Temáticas analisadas a partir das narrativas das mulheres negras



Quadro produzido pelos pesquisadores

2. Qual os cenários das opressões interseccionais?

O racismo cotidiano, o heterocispatriarcado e o capitalismo como perspectivas que sustentam as opressões interseccionais presentes nas subjetividades de mulheres negras

A cada narrativa apresentada, notam-se diversas nuances causadas pelas opressões interseccionais, a partir da perspectiva do racismo cotidiano, da heterocisnormatividade e do

capitalismo que remontam alguns cenários e sobressaltam os problemas que são estabelecidos nos contextos nos quais suas subjetividades se expressam. O maior incurso de suas histórias é a busca de se reconhecerem e serem reconhecidas como sujeitas de suas próprias histórias.

Assim, questões como Identidade, Cuidado, Maternidade e Família, Assédio e Violência sexual, entre outras, materializam e revelam as vivências interseccionais opressoras, assim como, suas resistências e modos de ver o mundo. Desse modo, esses cenários amalgamam e sustentam os episódios cotidianos de racismo genderizado e de desigualdade socioeconômica. A partir disso, falar de si, reposiciona esses corpos na busca da identificação e autonomia. Quando essas mulheres narram suas histórias elas mais uma vez se colocam como pessoas viventes e sobreviventes em seus cotidianos nessa sociedade que as “matam”, simbólica e realisticamente.

2.1.Cenário das Identidades:

“Criei uma personalidade que não é verdade, com essas memórias, é assim que me mantenho firme nessa sociedade, na minha vida, pra não me importar com que as pessoas dizem e pensam sobre mim.”

A construção das identidades das participantes é forjada a partir das inúmeras e diversas violências imputadas pela lógica dominante branca em julgar e classificar o que pertence e o que não aos seus contextos, gerando cisões em suas subjetividades. Essa ruptura que causa uma não identificação nos contextos vividos provoca um processo alienante que se apoia nas opressões e constitui respostas subjetivas como, ser uma pessoa sempre forte ou ser uma pessoa muito tímida, ou até mesmo assumir uma personalidade que não a sua para enfrentar uma sociedade prismada na lógica branca heterocispatriarcal e capitalista (KILOMBA, 2019).

Dessa maneira, as narrativas apresentam um aspecto importante quando se trata das experiências do racismo cotidiano, das violências de gênero e das desigualdades socioeconômicas, a busca de se conectar com um mundo que não foi constituído para tais corpos com identidades e subjetividades diferentes do padrão branco hegemônico. Nessas interseccionalidades, pode-se notar a desumanização das sujeitas negras, o processo alienante de atribuir uma outra identidade e o apagamento de si mesmas, violando suas subjetividades.

Carla: Eu comecei a bloquear memórias [negativas]. Eu tenho certa parte da minha vida, na escola, de casa mesmo, que eu não lembro. Porque eu acho que eu comecei a bloquear momentos da minha vida. São pouquíssimos que eu lembro, porque

foram os momentos que fizeram minha mente ser o que ela é, que não se deixa derrubar por qualquer coisa. São as memórias que, eu acho mais fortes que eu filtrei pra fazer um escudo, é tipo um escudo. Criei uma personalidade que não é verdade, com essas memórias, é assim que me mantenho firme nessa sociedade, na minha vida, pra não me importar com que as pessoas dizem e pensam sobre mim. Pra todo mundo que me conhece eu sou uma pessoa muito fria, que eu não tenho empatia, minha mãe já me disse isso várias vezes, que eu não me importo com os sentimentos das pessoas, que eu não me importo se elas estão sentindo a emoção. [...] Até hoje é assim, mas eu me importo com que as pessoas pensam, me importo com que elas sentem. [...] Basicamente eu criei uma personalidade pra minha pessoa que eu acho que não me machuco, acreditar em nada que as pessoas dizem, teoricamente falando.

Azeviche: Minha mãe ganhou o apelido de ‘babá’ de tanto criar tanta gente ninguém sabia direito o nome dela, até os últimos dias de vida dela só chamavam ela de ‘babá’.

Inês: Eu fui concebida praticamente do nada, tipo assim, eu não tinha nutriente nenhum pra sobreviver, então, o organismo da minha mãe me expulsou [com muita ênfase]. E eu nasci muito fragilizada. Minha irmã linda e maravilhosa de 9 meses, a primeira filha, coisa mais linda do mundo e aquele ratinho feio ali entre a vida e a morte [referindo-se a si mesma] [...] dentro da família eu me considerava assim, Neide a rainha [irmã mais velha], eu o patinho feio e Deise a mais nova que era a coisinha mais linda do mundo. Eu me sentia rejeitada pela família.

Rute: A escola foi muito difícil pra mim, porque eu gostava de estudar, mas não tinha, eu achava que, como eu sou muito tímida em algumas situações eu ficava muito calada. [chorosa, muito emocionada] [...] eu disse “eu não quero ir pra escola”. Foi quando ela [a irmã] sentou comigo e conversou isso depois de muitos dias sofrendo, levando empurrão, sendo chamada de negra, sendo chamada de macaca, sabe. Ficava no meio, num círculo, que elas fechavam e ficavam me catucando, assim coisas desse tipo, aí eu disse “eu não quero ir por esse motivo, porque tem umas meninas fazendo isso comigo. Mas eu não quero que você vá falar, porque vai ser pior, elas vão vim atrás de mim”

Falar de si é uma forma de exercer a autonomia, redirecionar o curso da ordem, é se colocar no presente ainda que haja um passado tão sofrido e cheio de violações. Assim, no processo de se identificar-se dentro de uma sociedade predominantemente pensada, pautada, classificada, esperada, organizada, ideológica, comportamental e esteticamente branca ser negro/negra e alcançar um espaço social desejável é se adequar a essas expectativas brancas (SOUZA, 1983; KILOMBA, 2019).

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigências, compelidas a exigências alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se de resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p.18)

Desde o processo de escravização no Brasil, a população negra é associada negativamente a uma posição social inferior, de formas diferentes no período escravagista e atualmente, porém, com artifícios igualmente degradantes para posicionar a pessoa negra em lugares sociais e subjetivos adversos do grupo social privilegiado dos/das brancos/brancas, mantendo assim, a antiga ordem social, pois a/o branca/branco é como um modelo único de identificação para ascensão social (SOUZA, 1983).

Com o fim de um sistema escravagista e início de um sistema capitalista, a pessoa negra no incurso de ascensão social, buscou moldar-se as expectativas de alcançar o respeito e o prestígio de um grupo social branco para ser aceita minimamente como parte dessa sociedade. “*Crie uma personalidade que não é verdade, com essas memórias, é assim que me mantenho firme nessa sociedade, na minha vida, pra não me importar com que as pessoas dizem e pensam sobre mim*”. Esse modo de inserção que Carla narra se constrói sustentado pelos custos de um apagamento de sua história e fragmentação identitária, corroborando silenciamentos e as domesticações advindas de processos históricos, políticos e culturais de perpetuação das hegemonias e privilégios brancos, Carla se viu/vê compelida a agir dessa maneira para que houvesse/haja uma participação social possível, para que se tornar sujeita (SOUZA, 1983).

Então, pessoas negras que fugiam/fogem dessa ordem de dominação autoritária e competitiva, eram/são consideradas, vadias/vadios, rebeldes, incorrigíveis, incatequisáveis, selvagens, degenerados, pois subvertem a ordem e o imaginário social que negras/negros devem ser doces e submetidas/submetidas uma espécie de primitivismo e animalização da/do sujeita/sujeito negra/negro. (KILOMBA, 2019)

“...depois de muitos dias sofrendo, levando empurrão, sendo chamada de negra, sendo chamada de macaca, sabe. Ficava no meio, num círculo, que elas fechavam e ficavam me catucando...” esse lugar que Rute ocupa no meio do círculo performa metaforicamente seu lugar no meio da sociedade em uma relação de poder racial, de classe e de gênero. Esses poderes a posiciona numa espécie de constelação triangular - que segundo Grada Kilomba - dispõe Rute, nesse caso, como alvo, como objeto, um centro solitário atingido por diversos arranjos possíveis do racismo cotidiano; a pessoa e/ou grupo branco ou embranquecido socialmente em uma ponta, sendo porta-voz gerador das violações reais-subjetivas do racismo cotidiano; e uma espécie de ágora branca, uma plateia condescendente silenciosa na outra ponta, que valida tão ação discursiva discriminatória. Dessa maneira, os corpos negros são repositados em uma ordem e imaginário social onde reatualiza o passado colonial no presente (KILOMBA, 2019).

2.1.1. Episódios de construção da identidade a partir do cabelo: as corporeidades das mulheres negras atravessadas pelas opressões interseccionais.

O cabelo na construção identitária da mulher negra é uma parte salutar, pois muitas experiências de desumanização e de empoderamento parte da relação dessas mulheres com seus cabelos. As participantes narram que são o tempo todo avaliadas pelos olhares de uma sociedade embranquecida e que um dos alvos dessa avaliação racista passa pelo cabelo. Assim, as mulheres revivem sofrimentos e recriam estratégias através do cabelo, que possibilitem o enfrentamento do racismo cotidiano, que reposiciona a ordem colonial.

Inês: E não adianta ninguém dizer quem tenho cabelo pixaim, tenho sim. Uma vez coloquei os cabelos lindos que eu comprei, a mulher dentro do ônibus “são seus?” eu disse “são. Eu comprei é meu. Algum problema?”. Então, irmã Neidinha dizia “tu és tão grossa com as pessoas” ou eu sou grossa ou elas me pisam. Eu preciso ser grossa pra que elas não me pisem, porque se eu for fofinha elas me esmagam. “mas não precisa disso tudo” eu digo, precisa muito mais do que isso.

Carla: Escutar a avó [branca] dizer que o cabelo deveria ser alisado, porque é ‘ruim’ e que deveria ser igual da irmã que é liso, porque ela é branca e não sei o que, isso machuca uma criança.

Rute: Tem situações que pessoas me olham de cima a baixo e as vezes é por causa da sua roupa, porque não é uma roupa de marca, as vezes é por causa da sua cor, sim, porque as vezes eu penso assim, se eu tivesse um cabelo lisinho como falam, se fosse assim, talvez as pessoas não me olhassem assim em alguns lugares. [pausa com respiração forte].

Retomando a perspectiva da constelação triangular de Kilomba (2019), quando Carla conta que “*Escutar a avó [branca] dizer que o cabelo deveria ser alisado, porque é ‘ruim’ e que deveria ser igual da irmã que é liso, porque ela é branca e não sei o que, isso machuca uma criança*” ela é mais uma vez posicionada na sua trajetória cotidiana de forma a ser alvo de uma avaliação branca sobre seu cabelo. Se de um lado seu cabelo é ruim, segundo avaliação de sua avó branca, do outro existe uma terceira pessoa referencial de um padrão estético-capilar aceitável, sua irmã branca de cabelo liso.

Os fenômenos de racialização, da categorização dos corpos racializados e das demandas pelo embranquecimento estão presentes nestas narrativas, assim como Fanon (2020) nos apresenta na construção racializada da corporeidade, ou seja, um esquema corporal epidêmico-histórico-racial que se constrói a partir dos estereótipos negativos atribuídos ao corpo negro, ao mesmo tempo, aparecem também elementos de negação de si, habituando uma zona do não ser e a construção do desejo pelo embranquecimento.

As mulheres negras que sustentam cabelos crespos ou outros tipos se vem colocadas no lugar de ‘diferentes’, ‘anormais’, inadequadas, pois essa comparação coloca a participante 06 como uma pessoa descuidada, selvagem, incontrollável – primitivizando e animalizando mais uma vez os corpos negros (KILOMBA,2019).

O racismo genderizado e as desigualdades socioeconômicas colocam as mulheres negras numa posição de duvidar de si mesmas e de comparar seus corpos e pertences na tentativa de acessar subjetivamente o mundo da mulher branca (mundo branco).

Dessa maneira empoderar-se e assumir tal padrão capilar é posicionar-se politicamente, assim como conta Inês que *“Uma vez coloquei os cabelos lindos que eu comprei, a mulher dentro do ônibus “são seus?” eu disse “são. Eu comprei é meu. Algum problema?”. Então, irmã Neidinha dizia “tu és tão grossa com as pessoas” ou eu sou grossa ou elas me pisam. Eu preciso ser grossa pra que elas não me pisem, porque se eu for fofinha elas me esmagam”*. Não permitir que as normas brancas a esmague é reposicionar seu corpo em uma consciência racial e enfrentar, como diz Grada, a “perda de controle” e “ansiedade branca” existente na ordem colonial (KILOMBA, 2019). Nesse processo, “...transformar-se em ato político de luta, resistência, autocura e desobediência contra às lógicas coloniais da branquitude” (AMBRÓSIO *et al.*, 2022, p.455).

2.1.2. Episódios de naturalização do racismo e os processos de colonização do cotidiano das mulheres negras

O projeto colonial de embranquecimento da sociedade sustentado pela alegoria de uma harmonia entre raças aqui no Brasil, silencia, subjuga e desloca o povo negro para longe de um autorreconhecimento e mais perto das inúmeras desigualdades que esse projeto produz. O racismo cotidiano, rememora essa ordem colonial, onde para as participantes é tão absurda essa experiência, que os processos de negação, de ambivalência e de frustração sobressaem (GONZALEZ, 2020; KILOMBA, 2019).

Inês: Agora, quanto a minha negritude eu posso dizer uma coisa a você, eu vou falar uma coisa que talvez as pessoas vão achar um absurdo, eu odeio essa cota de negro pra faculdade, não tá certo pra mim, negro tem condições, tem inteligência pra atingir o mesmo nível do outro. Eu detesto o dia da consciência negra, tem o dia da consciência branca? Não tem. Então, a gente só se expõe. Entendeu, tem que ser normal, porque se eu destaco, então eu me exponho, não gosto disso. Pra mim, negro, branco, amarelo, rosa, tudo é uma coisa só, as pessoas tem que me aceitar como eu sou [gritando] desculpa, tem que me aceitar como eu sou, você é branco, lindo, de olhos azuis? Ótimo. Eu sou negra, preta e linda também. Não tem esse negócio.

Rosemary: meu filho, eu nunca ouvi sobre mim. Assim, mas que a gente escuta muito escuta, até mesmo na reportagem, a gente ver, mas eu mesmo não, nunca fui afetada não. Apesar que meu esposo já foi, minha filha também já foi [...] acho que, sempre me dei bem com todo mundo, só se foi por trás, falaram algo por trás de mim, mas que na minha presença não, porque eu sempre fui muito bem aceita. [...] eu acho que, negra, pra mim não faz diferença, porque ela é humana do mesmo jeito do branco e principalmente se ela for uma pessoa desenvolvida [com estudos e trabalho formal], não há diferença.

Rute: Às vezes a dor ensina a gente a crescer mais rápido em algumas situações [...] porque minha mãe ensinou a gente “olhe, sirva. Faça. procure evitar problemas.” Frases assim, que não está errado, só que ela não nos ensinava a dosar isso. Então a gente sempre dizia ‘sim’ pros outros, eu e meus irmãos, sempre ‘sim’ pros outros e ‘não’ pra gente.

Retomando as considerações de Neusa Santos Sousa (1983), no que diz respeito ao projeto da branquitude, um dos seus objetivos consiste em introduzir um “cavalo de troia” discursivo no imaginário do povo negro produzindo efeitos de negação das próprias vivências de racismo, esse processo se sustenta pelo que ela intitula de “tripé da estrutura das relações raciais no Brasil” – contínuo de cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial – tais elementos produzem na população negra uma espécie de alienação para ser possível ascender socialmente (SOUZA, 1983, p.22).

Essa falseada harmonia produzida pelo mito da democracia racial sustentadas por obras literárias, pinturas e discursos políticos representa uma espécie, com diz Lelia Gonzalez (2019), de neurose da sociedade branca. A sociedade branca protegida pelos privilégios da branquitude ao se deparar com as tragédias causada pela escravização colonial, ressaltando as violências de gênero e sexual contra mulheres negras e indígenas, cria mecanismos de defesa para negar e afastar os eventos perversos desse processo. Assim, gera-se o discurso da harmonia entre as raças que reconstruiu o Brasil. Essa falácia para o imaginário do estrangeirismo e elite brasileira, abriu portas para a negação e a naturalização das inúmeras atrocidades ocorridas no período colonial brasileiro (GONZALEZ, 2019).

Assim, quando Rosemary diz “*eu acho que, negra, pra mim não faz diferença, porque ela é humana do mesmo jeito do branco e principalmente se ela for uma pessoa desenvolvida [com estudos e trabalho formal], não há diferença*” ou quando Rute marca em sua narrativa “[...] porque minha mãe ensinou a gente “olhe, sirva. Faça. Procure evitar problemas”, se estabelece aqui essa dualidade e condicionalidade, onde de um lado está a mulher negra que precisa ser alcançado tais critérios de servidão, conhecimento intelectual e estabilidade socioeconômica, do outro a sociedade branca, o homem branco, alvo central dos desejos a serem alcançados e destinados. Nessa relação, coloca Rosemary, Rute e toda a população negra em uma disputa desigual e alienante de reconhecimento de suas próprias subjetividades e realidades (SOUZA, 1983; KILOMBA, 2019).

Para tal, Frantz Fanon (2020) aponta para “que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ela resulta de um duplo processo: - econômico, em primeiro lugar; - e em

seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade” (FANON, 2020, p. 25). Desse modo, ele afirma que o sentimento de inferioridade existente no cotidiano do povo negro é um efeito do deslocamento, a tentativa de sensação e de aproximação a se igualar ao contexto branco, suas exigências e maneiras de vida (FANON, 2020).

Quando um antilhano bacharel em filosofia opta não disputar uma vaga de docente, tendo em vista sua cor, digo que a filosofia nunca salvou ninguém. Quando um outro insiste em me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, eu digo: tampouco a inteligência salvou ninguém, e isso é verdade, pois, se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, é também em nome delas que se decide pelo extermínio desses mesmos homens (FANON, 2020, p.43)

Inês diz *“eu vou falar uma coisa que talvez as pessoas vão achar um absurdo, eu odeio essa cota de negro para a faculdade, não tá certo pra mim, negro tem condições, tem inteligência pra atingir o mesmo nível do outro. Eu detesto o Dia da Consciência Negra, tem o dia da consciência branca? Não tem”*, ao fazer um comparativo com o que foi supracitado por Fanon, tais conquistas de políticas públicas por parte das pessoas negras nos movimentos sociais que pautam as dimensões étnico-raciais no Brasil, pouco garantiria aceitação, abertura e igualdade plena para adentrar a sociedade branca, contudo, sem essas conquistas haveria o “extermínio” dessas mesmas pessoas que a partir da ruptura colonial tem acesso a essas conquistas e poder de luta por ideais de existir (FANON, 2020).

2.2.Cenário de Assédio e Violência sexual:

“acabou acontecendo algumas coisas que eu não queria, mas que eu achei que eu fosse errada, porque eu estava ali...”

Nessa incursão, as participantes vivenciam violências que causam rompimentos subjetivos traumáticos. Dentre as violências narradas o medo do assédio e a própria violência sexual provocadas por homens que havia algum tipo de laço afetivo e/ou parentesco. Esse tipo de sofrimento é reatualizado pelo imaginário colonial que o corpo da mulher negra é desvalido de amor, hipersexualizado, servindo apenas para a dominação.

Inês: Eu tinha 31 anos já. Era solteiríssima, virgenzinha [voz baixa]. Não tinha dado pra ninguém, porque eu não confiava em homem, eu morria de medo de homem. Namorava bem esporadicamente, entendeu? Mas, nada sério, não deixa ninguém me tocar porque eu tinha medo. Enfim. [voz baixa].

Rute: Teve uma situação minha que eu ia sempre ver meu avô, visitar, eu ia pra escola que era pertinho da casa do meu avô, eu ia pra casa do meu avô, eu tinha 9

anos que era quando minha irmã disse assim “olhe, você vai e eu venho lhe buscar”. Quando eu me acostumava com isso eu já ficava indo só, porque eu já conhecia o caminho e quando me levaram na casa do meu avô e eu conheci o caminho, quando eu tinha aula vaga e poderia sair da escola eu ia pra casa do meu avô ficava lá. Aí teve uma vez que fui pra casa do meu avô e quando cheguei na casa do meu avô eu perguntei “vovô tá aí?” aí meu primo disse “tá”, aí eu entrei. Só que quando eu entrei meu avô não estava em casa, estava só meu primo. E meu primo começou a me abraçar, a me apertar, a me beijar eu dizia que não aquela coisa toda, e acabou acontecendo algumas coisas que eu não queria, mas que eu achei que eu fosse errada, porque eu estava ali, eu tinha uma base de [respiração forte] 9 anos de idade e eu passei anos achando que eu errei, eu disse “eu errei, eu errei, eu errei”. E eu fiquei calada, ninguém na minha família sabe até hoje que isso aconteceu. E assim, eu me afastei da pessoa, eu tenho muita coisa, assim, na minha família, família não pode ficar com raiva, família não pode, porque a gente foi criado assim. E eu me culpei muito anos por isso, por essas situações. Depois com o tempo eu fui vendo em reportagem, fui lendo algumas coisas, e fui vendo algumas coisas, eu disse “não, eu não tive culpa”. Depois de grande também, eu já adolescente aconteceu a mesma situação comigo só que foi na rua. Eu estava namorando Fábio, um ex-namorado apareceu, um colega me chamou “vem aqui que eu quero falar contigo”, eu disse “tá rapidinho, só um instante”. E fui. Quando eu fui a pessoa estava escondida atrás de um muro e segurou no meu braço e quando segurou no meu braço Fábio viu ele pensou que eu tinha ido assim pra tá conversando ali somente. Ele não disse nada, ele simplesmente olhou saiu e me deixou lá e meu irmão viu, meu irmão chegou junto e disse “vamos” eu disse “eu não estou podendo sair porque ele não solta meu braço. Eu já pedi pra ele soltar e ele não solta” meu irmão “vamos eu estou lhe chamando” eu disse “mas eu não estou podendo sair, eu tô puxando e ele não solta meu braço” e ele não soltava meu braço. Foi aí que meu irmão chegou pro colega dele e disse “fale pro seu amigo soltar o braço dela, porque se ele não soltar as coisas vão engrossar. [respiração forte]. Eu sei que a pessoa que era meu amigo, que eu achava que era meu amigo chegou pra ele e disse “solta ela, solta ela”. Quando ele me soltou ainda meu irmão disse assim “você não presta. Você dá cabimento a essas coisas” eu disse “mas eu não fiz nada”, ele disse “você só serve com homem errado, com homem ruim, porque você tem um namorado bom”, eu disse “mas eu não fiz nada” e ele me dizendo um monte de coisa e eu fiquei em casa muito arrasada, porque eu não fiz nada e ninguém vai acreditar que eu não fiz nada [respiração forte].

Agg Vidas: Eu convivi com ele 9 anos [o primeiro marido branco] muito ciumento, muito tanta coisa, mas eu tive que me separar dele, porque minha filha tinha 5 anos de idade e um dos ciúmes dele, ele veio me espancar tirou sangue de mim [respiração forte]. Isso eu não pude fazer nada dentro de casa, o vizinho que chamou a polícia, ele tirou sangue, daí então eu separei dele, deixei ele, peguei a mochila e fui embora. Foi um casamento. [...] Já o outro, foram 9 anos de convivência [terceiro relacionamento] ele era machista, prepotente, autoritário, ignorante, ciumento, tudo em si que existe pra um preconceito que a mulher sofre. Tinha que ter toda autoridade sobre uma mulher, sobre a esposa [tom de deboche] ele decidiu então casar, eu não queria casar no civil nada disso, porque eu já via, parece que eu já previa o futuro. Tudo em si que existe num relacionamento abusivo eu passei com ele, de ter relações [sexuais] a pulso [contra sua vontade], como ele era mais forte e quase que a gente não pode segurar a força de homem, era isso, ele me proibia de falar com amizades, me afastou de várias amizades, não pude trabalhar, não podia colocar uma roupa arrumada, ele não podia me ver assim, não podia passar batom, ajeitar o cabelo que sou eu mesmo que faço, me pintar, me maquiar, que dizia que estava muito bonita “pra que ficar muito bonita pros outros? Pode tirar”.

Carla: Eu também já sofri um caso quando eu era muito pequena, acho que eu tinha uns 10 anos, faz muito tempo [gesto com as mãos]. Foi o pai da minha irmã. Eu dormia no mesmo quarto que ele, porque a casa da minha avó, morava com minha avó, só tinha dois quartos. Ele chegou de viagem eu tive que dormir no quarto com ele e eu e minha irmã dormia no colchão no chão, porque eu não queria dormir com

ele na cama. Ele desceu, deitou por cima de mim e começou a passar a mão pelo meu corpo. Eu era uma criança não tinha o que ele ver ali, e começou a me beijar e querer me beijar, me forçar o que eu não queria. Eu não contei pra minha avó, porque ele disse pra eu não contar, eu era uma criança. Muito tempo depois eu contei pra ela, só que ela o trata como se ele fosse a pessoa melhor do mundo, ela ama o pai da minha irmã, ela não gosta do meu pai.

A hipersexualização dos corpos das mulheres negras desde o período colonial até os dias atuais é reflexo da relação interseccional entre raça e gênero e o poder exercido do homem branco contra a mulher negra. Ao analisar os sentidos históricos e reacionais que os termos mulata, doméstica e mãe preta Gonzalez (2020) tomou nota que a mulher negra tem um lugar específico na sociedade brasileira, sendo um corpo que ora assume a postura de servir, de cuidar (doméstica e mãe preta) tanto dos seus como de outras famílias e ora um corpo hipersexualizado e desejado (mulata) pelo homem branco, onde gera nele, o que denomina de uma culpabilidade branca (GOZALEZ, 2020).

Rute diz *“E meu primo começou a me abraçar, a me apertar, a me beijar eu dizia que não aquela coisa toda, e acabou acontecendo algumas coisas que eu não queria, mas que eu achei que eu fosse errada...”*. Carla conta *“Ele [pai da irmã] desceu, deitou por cima de mim e começou a passar a mão pelo meu corpo. Eu era uma criança não tinha o que ele ver ali, e começou a me beijar e querer me beijar, me forçar o que eu não queria.”* Agg narra *“Já o outro, foram 9 anos de convivência [terceiro relacionamento com um homem branco] ele era machista, prepotente, autoritário, ignorante, ciumento, tudo em si que existe pra um preconceito que a mulher sofre. Tinha que ter toda autoridade sobre uma mulher, sobre a esposa [tom de deboche] ele decidiu então casar, eu não queria casar no civil nada disso, porque eu já via, parece que eu já previa o futuro”*.

Rute, Carla e Agg recordam de momentos traumáticos em suas vidas quando a dominação, a tentativa de posse do seu corpo através do homem reatualiza traumas coloniais, que consideram-nas indomáveis, primitivas, prostitutas e para tal, a correção e a domesticação das mulheres negras seria por meio da violência sexual. Pois, reposiciona novamente esses corpos ao lugar de fragilidade e passividade (KILOMBA, 2019; GONZALEZ, 2020; BELONIA, 2019).

No Brasil, as taxas de violência sexual contra as mulheres negras as colocam nas categorias de mais vulneráveis considerando que a faixa etária dessas mulheres as mais jovens (crianças, adolescentes e mulheres jovens) são as que mais sofrem violência sexual e, sobretudo, em contextos domésticos. Infelizmente, as participantes, vítimas dessa violência, em suas narrativas corroboram com esses dados, apontando a necessidade de mais políticas públicas que atendam a essa demanda (ENGEL, 2019).

Rita Segato (2016) atribui o retorno dos discursos moralistas e conservadores sustentados pelo patriarcado no âmbito político na América latina a uma desproteção e o aumento da violência contra as mulheres. Essa relação que escancara a violência sexual contra as mulheres se distingue da agressão, enquanto a primeira se define pela pulsão sexual em satisfazer o desejo e objetifica o corpo feminino, o segundo conecta-se com a relação de poder, juntas, essas inequidades destroem as subjetividades das mulheres, tornando-as como no colonialismo, territórios passíveis de invasão. Outra relação é o uso do sexo como mecanismo de poder, tendo como finalidade a ideia de que existem corpos destinados apenas a servir ao prazer e ao cuidado (SEGATO, 2016).

2.3. Cenários do Cuidado e da Família:

“Eu gostava muito de cuidar. Tinha criança que me chamava de mãe, entendesse?”

As participantes identificam o cenário de cuidado como outros episódios que apresentam episódios de racismo cotidiano. Em um cenário de cuidado seja como mães e/ou nas relações afetivas familiares, a ordem colonial que remonta a partir do racismo cotidiano recriam experiências alienantes e de apagamentos, que expulsa a mulher negra de qualquer outra vivência que as identifiquem como sujeitas. Esse processo estabelece e reforça os estereótipos de mãe preta forte e trabalhadora doméstica zelosa, sendo esses papéis sociais e ocupacionais coloniais destinados as mulheres negras.

Inês: Então, minha mãe lavava roupa, quem entregava era eu. Eu ia buscar eu ia levar [...] 3 anos mais ou menos [de casamento] a gente decidiu construir uma família, ter um filho. E ele não podia, porque todos os espermatozoides dele eram mortos, por conta da hemodiálise [...] eu ainda tentei fazer um tratamento pra ver se a gente conseguia é fazer uma, naquela época se chama de bebê de proveta, hoje chama o que? Uma inseminação. Era muito caro, não tinha condições. A gente adotou um filho. Que é hoje meu bebê de 28 anos. Quando meu bebê tinha 7 meses o pai faleceu. Ailton faleceu passou 9 dias internado por conta dessas comorbidades [contraiu HIV por transfusão de sangue] que eu falei e ficou eu e André. Minha mãe era aquariana igual a mim assim ‘virada no saco de batata doce’ chegou em casa “pegue tudo que você tem bote dentro do carro, volte pra casa, porque você não vai ficar num lugar desse desconhecido, com filho nas costas” eu digo “é o que? Preste atenção eu já sai de casa de lá enxotada pelo seu genro e sua filha, eu voltar? Não, vou ficar aqui, aqui é minha casa” “mas como você vai criar esse menino?” [sua mãe] “não tem problema” “criar esse filho sozinho” [sua mãe]. Minha mãe foi contra também a adoção[...] hoje eu tenho meu filho, graças a deus, entendeu? Tenho uma família.

Rosemary: Eu gostava muito de cuidar. Tinha criança que me chamava de mãe, entendesse? Tinha uma tia do meu marido que convivia com a gente, agora ela já morreu faz tempo, acho que uns 6 a 7 anos ou mais, e ela também me chamava de

mãe, quer dizer eu gostava de cuidar. Pra você ver que eu gostava de cuidar do ser humano, eu tinha uma irmã, ela era um pouco atrapalhada, ela tinha 9 filhos, e como ela era um pouco atrapalhada, sempre deixava as crianças comigo, pois ela morava perto de mim. Eu lavava, eu passava, eu cozinhava, dava de comer, as meninas e menino, eu cuidava deles. Isso aí eu dava graças a deus, porque eu gostava de fazer isso, de fazer o bem. [...]Eu me sinto uma mulher realizada na vida como mãe, graças a deus. Eu não tenho do que me queixar.

Azeviche: [...]meu pai era português com a família toda praticamente toda do lado de Portugal, minha mãe brasileira descendentes de africanos, formaram uma família muito boa. Somos em 4 filhos, três mulheres e um homem, e minha mãe adotou mais 14, nós somos em 18. Meu pai chegou a óbito muito cedo, eu só tinha 2 anos e minha mãe assumiu cuidar de todo mundo sozinha, tocou a vida.

Agg Vidas: Toda vez que perguntavam, “é fulana sua [filha branca]? Ela é o que sua?” e nunca identificavam como eu fosse a mãe dela, até que eu dissesse que era minha filha. Até agora com meu terceiro filho, também a mesma coisa, porque ele também é clarinho e eu sou escura, ele também não parece comigo parece com o pai, o povo já discrimina

Se por um lado a representação colonial da mulher negra era considerá-la como prostituta indomável, por outro existia a ideia da mãe preta forte e doméstica zeladora que era/é sustentado pelo imaginário branco (KILOMBA, 2020; GONZALEZ, 2020). As experiências dessas mulheres recriam os cenários coloniais, pois ao estabelecer essa imagem de mulher cuidadora, forte, zelosa, independente, mesmo que tenha sido usado para combater outros estereótipos em algum momento da história, as dimensões interseccionais atribuídas a esses estereótipos não permitem que essas mulheres manifestem seus sofrimentos advindo dessas opressões (KILOMBA, 2019).

Agg Vidas narra que “*Toda vez que perguntavam, “é fulana sua [filha branca]? Ela é o que sua?” e nunca identificavam como eu fosse a mãe dela, até que eu dissesse que era minha filha.*”, e esse desconforto gerado pelo imaginário de uma sociedade embranquecida coloca Agg em um lugar que não é possível ser mãe de uma criança branca ou que é impossível que algum homem branco tenha se interessado romântica e afetivamente por ela, estabelecendo um único lugar “você é o que dela?”, ela poderia ser babá, exceto mãe de uma criança branca. Essas relações são construídas a partir dos medos e das angústias de uma sociedade branca projetando nas mulheres negras suas rejeições (KILOMBA, 2019).

Quando Rosimay diz “*Eu gostava muito de cuidar. Tinha criança que me chamava de mãe, entendesse? Tinha uma tia do meu marido que convivia com a gente, agora ela já morreu faz tempo, acho que uns 6 a 7 anos ou mais, e ela também me chamava de mãe, quer dizer eu gostava de cuidar.*”, pode-se analisar de duas maneiras, o cuidado como forma de expressão hereditária africana do afeto e solidariedade negra que se estende aos familiares e amigos (CAVALCANTE, 2015) ou o cuidado também como herança, contudo colonial e

visto como única saída para ser aceita em uma sociedade que não permite a mulher negra assumir outros papéis sociais e que coloca ela apenas lugares de inferioridade (GONZALEZ, 2020).

Os episódios experienciados no contexto familiar também são identificados como uma relação atravessadas pelo racismo cotidiano, pelo patriarcado e pelas desigualdades socioeconômicas. Essas experiências privam as participantes de gozarem de outras vivências prazerosas, restringindo seus repertórios cotidianos. Um outro aspecto importante, são os afetos/desafetos que a partir dessas experiências interseccionais vivenciadas no contexto familiar impactam na relação com suas ocupações.

Agg Vidas: [...] de antemão, eu fui criada, minha mãe teve 5 filhos, no entanto eu vivia numa casa de um casal ia muito pra lá que eu atravessava a linha [do trem], eu era muito maloqueira, então atravessava a linha pra ir pra lá e gostava muito de ir pra lá. Então, minha mãe por sua vez foi e disse “tome”, então eu fui adotada por um casal. E daí, de tanto eu vivia lá eles e adotaram, me registraram, e eu vivi entre as filhas deles, só que as filhas deles eram...que realmente não é bom viver em casa...quer dizer assim, eu particularmente não tenho boas lembranças e más lembranças [pensativa] tenho sim, tenho, mas ai tem uma diferença que você é extinta, além por ser assim [olha para o braço para indicar a cor da pele] diferente, que eu era diferente entre elas, não era irmã legítima, já era diferente entre elas já existia já o preconceito. [...] Meu primeiro marido convivi 9 anos com ele, ele era claro da cor, porém tinha muito ciúmes, trabalhava junto comigo no comércio em Recife. Quem não gostava de mim era a mãe dele, porque eu era escura, ela sempre me chamava de ‘neguinha’ me botou um título que até hoje eu tenho, mas que só foi ela que quis colocar esse título em mim de ‘neguinha’. Sempre quis que ele não tivesse um filho comigo, só Deus que sabia se ia ter, ou seja, eu acho que ela achava que o filho ou filha que nascesse não parecesse comigo e sim parecido com ele. Até então quando eu descansi da minha filha, que ela hoje tem 25 anos, ela nasceu a cara do pai, até que quando eu sai da sala do parto, quando coloca o filho em cima da gente assim, eu disse “diga a sua mãe que a menina é a cara dele” pra ela provar realmente que a neta não nasceu escura, nasceu clara igual ele.

Carla: Eu já sofri preconceito em casa com minha irmã que é branca, e isso meio que magoa muito, porque uma criança de 7 anos as pessoas chamar ela de ‘preta’ dizer que ela não tem valor, dizer que ela não deveria estar misturada com elas, porque ela é negra, isso machuca muito uma criança. Pra uma criança de 7 anos uma irmã, sentir a outra irmã jogar ela no chão e escutar ela dizendo que ela deveria ficar lá, porque lá é o lugar dela, lá no chão é o lugar dela, porque ela é negra, isso machuca. De escutar ela [irmã] dizendo que foi [a participante] abandonada pelo pai, porque o pai não queria saber dela, porque ela é negra, isso machuca muito uma criança. Escutar a avó dizer que o cabelo deveria ser alisado, porque é ‘ruim’ e que deveria ser igual o da irmã que é liso, porque ela é branca e não sei o que, isso machuca uma criança.

No ambiente familiar, as experiências vividas por essas mulheres permitem entender como as suas subjetividades são afetadas pelas opressões interseccionais e que estabelece uma interferência na construção de identidades e no autoconhecimento. Nesse sentido, quando há a presença de um familiar branco que expõe seus racismos e gera as violências na família, estas

atitudes geram efeitos psicossociais nas pessoas negras, em particular nas mulheres negras (SCHUCMAN; GONÇALVES, 2017).

Quando Carla conta que *“Eu já sofri preconceito em casa com minha irmã que é branca, e isso meio que mágoa muito, porque uma criança de 7 anos as pessoas chamar ela de ‘preta’ dizer que ela não tem valor, dizer que ela não deveria estar misturada com elas, porque ela é negra, isso machuca muito uma criança”* ou quando Agg Vidas narra *“Quem não gostava de mim era a mãe dele, porque eu era escura, ela sempre me chamava de ‘neguinha’ me botou um título que até hoje eu tenho, mas que só foi ela que quis colocar esse título em mim de ‘neguinha’.”*, essas experiências, embora pareçam inadmissíveis acontecer em um contexto familiar e de intimidade são corriqueiras em famílias onde a presença de uma pessoa branca e que tais experiências moldam as subjetivas dessas mulheres negras, com sentimentos de menos valia e de inferioridade (SHUCMAN; GONÇALVES, 2017)

Aqui mais uma vez se retoma a experiência da constelação triangular de Grada Kilomba, onde a mulher negra se encontra abandonada dentro de sua própria família a partir da experiência do racismo; o sujeito branco, que aqui ocupa o lugar de familiar ou de pessoa íntima expressa seu racismo como uma expressão de suas diferenças. *“além por ser assim [olha para o braço para indicar a cor da pele] diferente, que eu era diferente entre elas, não era irmã legítima, já era diferente entre elas já existia já o preconceito”*. Essa ‘diferença’ como conceito cultural que performa o controle e a intimidação que silencia a mulher negra. E por fim, o consenso branco ou embranquecido, outros familiares que apoiam essas atitudes racistas que emudecidos, participam da deterioração subjetiva das mulheres negras (KILOMBA, 2019).

3. Pontos de Revolução: A ressignificação e resistência para existir

Mesmo vivenciando histórias de sofrimentos, violências, apagamentos, tais atrocidades movidas pela lógica colonial perpetuada pelo racismo cotidiano, pelo patriarcado e pelas desigualdades socioeconômicas, ainda assim, as participantes encontram em suas histórias possibilidades de resistir e ressignificá-las.

Inês: Olhe, no comércio, eu costumava dizer que a minha bancada era uma bancada de psicologia. Por isso eu queria ser assistente social ou psicóloga, alguma coisa nessa área. As pessoas chegavam “o que é mulher?” “eu vim tirar foto 3x4.” “com essa cara mulher? Mulher, foto 3x4...o que você tiver dentro ela transparece seu rosto. Você tem que vim tirar uma foto 3x4 pulando de um pé só, de alegria, de felicidade, tal, pá, aí você vai sair” “ô mulher, mas estou com um problema tal

grande” aí pronto. Fecha a loja bora lá pra cima vamos conversar. Aí conversa, conversa bota pra fora, “Ah, como eu estou me sentindo bem. A meu deus do céu eu não sabia que tu eras essa pessoa não.” Eu não estou me autoelogiando não, viu, estou dizendo o que acontecia, entendeu. “então, pronto, tá melhor, tá. Lave o rosto”. Lá eu tinha um pozinho, um batonzinho, espelho, escovava os cabelos. “agora o sorriso da alma, bota aí o sorriso da alma pra fora, porque você tá precisando dessa foto pra arranjar um emprego, com essa cara você num...eu mesmo não contratava tu”. Se você não serve pra ajudar, você não serve pra viver, entendeu.

Rosemary: eu batalhei, porque a gente começou a construir uma casa, e hoje graças a deus nós temos onde descansar a cabeça. Eu mesma trabalhei [na construção da casa], virei até pedreira. Ele [esposo] sai pra trabalhar e eu ficava em casa trabalhando [...] Eu me sinto uma mulher realizada na vida como mãe, graças a deus. Eu não tenho do que me queixar.

Rute: Eu hoje não tenho tanto medo de falar com as pessoas, seja quem for, se me derem a oportunidade falar eu falo, se não der a oportunidade de falar vão aparecer, provavelmente duas pessoas mal educadas, eu pedindo pra falar e as pessoas dizendo que eu não tenho o direito de falar “você não vai falar”, mas eu aprendi que aonde eu chegar se eu for pra ouvir e achar que devo falar eu vou falar, eu vou pedir a vez da fala coisa que eu não fazia antes de forma alguma. Escutava as pessoas, eu não concordava e eu aceitava calada, hoje não.

Agg Vidas: Eu acho que conquistei a minha personalidade pelas minhas raízes, meu caráter e minha personalidade, porque mesmo que você tivesse vindo de uma situação de periferia se você não tiver uma cabeça realmente segura daquilo que você quer e que o que você não quer fazer nada de errado, você acaba fazendo, foi isso que eu queria e quero ainda. Eu creio ainda que eu ainda vou realizar o que eu quero realizar. Até mesmo se eu não tiver a idade suficiente de fazer, porque a idade chega pra todo mundo, eu ainda quero fazer o que eu tenho que fazer ainda, que é ajudar[...] Cada vez mais a periferia, as mulheres negras tão crescendo cada vez mais com tudo, em direito, direito delas próprias de viver, de optar, de estar onde quer estar de fazer o que quer fazer, de vestir o que queira vestir, de usar o cabelo do jeito que queiram usar, tem que ser assim. É assim. Por que ninguém vai mandar em você própria, você em si tem que mandar em você, não a outra pessoa que tem que dizer que você tem que usar isso, você tem que fazer aquilo, você tem que tá naquele lugar. NÃO.

Carla: Eu quando eu terminar o ensino médio eu pretendo fazer o curso de farmácia pra depois a faculdade de pediatria, porque meu sonho é ser médica pediatra. Eu adoro crianças, eu quero cuidar de crianças, esse é meu sonho e eu tenho plena certeza que vou conquistar.

Kilomba (2020) ao se referir aos traumas coloniais reatualizados e reencenados na vida das mulheres negras a partir do racismo cotidiano, ela aponta um movimento de saída, a descolonização do eu, que se atribui a um processo interno do qual a pessoa negra transita para o reconhecimento e empoderamento de sua história e negritude ancorando-se na coletividade. Nesse processo é possível identificar alguns mecanismos que a pessoa negra se disponibiliza internamente para alcançar tal movimento de se proteger das opressões interseccionais e de se reconhecer sujeita. Essas estratégias, não são lineares e perpassam desde a negação das situações vividas, passando pela frustração de ser rejeitada pelo universo branco, sentimento de ambivalência que gera na pessoa negra sentimentos ambíguos na

relação com a sociedade embranquecida, chegando até a identificação, onde a pessoa negra começa a se identificar com outras pessoas negras, a partir de suas trajetórias semelhantes dentro das relações que as opressões interseccionais estabelecem. E, por fim, a descolonização, a possibilidade de ser, existir e narrar suas próprias realidades (KILOMBA,2019).

A resignificação do espaço de fotografia de Inês em “banca de psicologia” ajudando outras mulheres na comunidade com suas aparências nas fotos de currículos para encontrar emprego, algo que um dia foi negado a ela por “não ter boa aparência”. A possibilidade de ser cuidada e ter uma casa, um lar, cheia de afetos e realizações em ser mãe na história de Rosimary, outrora, vivendo exclusivamente para o cuidado de outros. A possibilidade de Rute de falar e ser escutada, de ser notada, de poder se posicionar e ser vista, onde em outros momentos da vida ela foi silenciada, violada, impossibilitada de falar de e por si. O processo de Agg Vidas em se reconhecer como pessoa, como alguém que tem desejos, sonhos, que pode ser, ter, existir sendo quem é, sem depender de outra pessoa ou sobre o julgo da violência vivida. E por fim, a esperança de conquista de Carla, da possibilidade de superação das realidades vividas a partir dos estudos, de um trabalho digno.

Na nossa cabeça jovem, as casas pertenciam às mulheres, era seu domínio especial, não como propriedade, mas como lugares nos quais acontecia tudo aquilo que mais importa na vida – encontrar o calor e o conforto do abrigo, alimento para o corpo, nutrir a alma. Lá aprendemos o que é dignidade e integridade; lá aprendemos a ter fé. As pessoas que tornaram isso possível, que foram nossas principais guias e professoras, eram as mulheres negras (HOOKS, 2019, p.104)

Como bell hooks (2019) narra de sua experiência em ir à casa de sua avó, e que apesar de todos os desdobramentos de uma vida de sofrimentos e de trabalho a serviço da sociedade branca, essas mulheres, assim como as mulheres da história de hooks, encontram em si mesmas seus próprios lares e recriam possibilidades de fazer morada acolhedora para si mesmas e para aquelas que precisam desse acolhimento (HOOKS, 2019).

Conclusão

A partir do conhecimento das Histórias de Vida dessas mulheres foi possível encontrar e destacar diversas dimensões interseccionais que atravessam suas experiências cotidianas.

O Racismo Cotidiano, o heterocispatriarcado e o capitalismo remontam cenários de diversas formas de violências, sejam sutis ou explícitos, e que modificam os contextos

subjetivos das mulheres negras. Nesse sentido, o maior percurso dessas mulheres em suas histórias é a busca do eu, o incurso de se tornarem sujeitas com representações coletivas de transformação dessas relações e diante disso, a construção de suas identidades. Para tanto, a teoria da interseccionalidade se torna uma importante ferramenta de análise para compreender os efeitos das intersecções opressoras não apenas identitário e individual, mas sobretudo os engendramentos estruturais. Afinal, os efeitos perversos das opressões de poderes hegemônicos impactam diretamente as vivências ocupacionais e cotidianos dessas mulheres negras e revelam a desumanização de suas experiências e expressam a naturalização do racismo genderizado.

Também nesse percurso, as diversas vezes que essas mulheres encontraram momentos de resistir a tais violências revelam a potência e o enfrentamento de cada história vivida com estratégias de superação, descolonização e de resistências aos sistemas opressores.

Assim, há um necessário esforço de aprofundar e continuar os estudos acerca do cotidiano da população negra, em especial das mulheres negras. Do mesmo modo como, existe uma necessidade de aprofundamento na área de conhecimento e na formação da Terapia Ocupacional no que diz respeito ao conceito da teoria da interseccionalidade para um maior alcance dessas temáticas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S.L. **Racismo Estrutural**. 5. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 264 p

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. 1. Ed. São Paulo: Jandaira, 2020, 152 p

AMBROSIO, L. Raça, gênero e sexualidade: uma perspectiva da terapia ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos. [Dissertação]. Mestrado. **Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional**, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. Interseccionalidade: reflexões sobre as opressões de raça, gênero e sexualidade a partir da perspectiva crítica decolonial em Terapia Ocupacional. In: ALVES, A.C.; ALVES, M. C. (Orgs.). **Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas**. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

AMBRÓSIO, L.; FONSECA, L.G.; FERNANDES, A.B.; SOSA, D.P.; SILVA, C.R. Cabelos crespos, tranças e black power: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. **Abpn**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 453-477, 2022.

BECKER, H. Conferência: a escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.

BELONIA, C.S. Violência contra a mulher negra: do racismo ao estupro. **Criola: Dissidências de Gênero e Sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa**, [s. l], v. 1, n. 24, p. 214-221, 2019.

BILGE, S. Théorisations Féministes de L'intersectionnalité. **Diogène**, Paris, v. 1, n. 225, p. 70-88, 2009.

BOURABAIN, D.; VERHAEGHE, P.P. Could you help me, please? Intersectional field experiments on everyday discrimination in clothing stores. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Belgium, v.45, n.11, p.2026-2044, 2019

CAVALCANTE, E. Q. **Tecendo redes, construindo laços de solidariedade**: a formação de famílias negras, a prática do compadrio e a morte de escravizados e libertos no cariri paraibano (são joão do cariri/1850-1872). 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CRENSHAW, K. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento: Raça e Gênero**. UNESP/UNB, 2004. Disponível em: <<https://nsp.unb.br/popnegra/index.php/biblioteca/2-genero-raca-e-saude/5-a-interseccionalidade-na-discriminacao-de-raca-e-genero>> Acessado em: 05 de junho de 2021.

COLLINS, H.P. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v.5, n.1, 2017.

DALE, S. K.; SAFREN, S.A. Gendered Racial Microaggressions Predict Posttraumatic Stress Disorder Symptoms and Cognitions Among Black Women Living With HIV **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, Maimi, v.11, n.7 ,p. 685–694, 2019.

ELLIS, J.M. et al. First-Generation College Student Lived Experiences With Microaggressions and Microaffirmations at a Predominately White Public Research University. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology** Examining, North Carolina, v.25, n.2, p.266-279, 2019.

ENGEL, C. L. **A violência contra a mulher negra**. Brasília: Ipea, 2019. 60 p.

FANON. F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Ubu, 1. ed., 2020, 320 p.

FARIAS, M.N; LEITE JUNIOR, J.D.; COSTA I.R.B.B. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.2, n.1, p. 228-243, 2018

FERRUFINO, A.H., et al. Transaccionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.3, n. 1, p. 150-161, 2019.

GALHEIGO, S.M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GALHEIGO, S.M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 05-25, 2020

GUEDES, B.R. **Apartheid ocupacional de mulheres negras brasileiras**: revisão narrativa. 2020. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

IBGE. **Cidades e Estados**: Dados sociodemográficos de Jabotão dos Guararapes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/jaboatao-dos-guararapes.html>, acesso: 11 de julho de 2022.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo v. 26, n. 1 p. 61-73, 2014

HOOKS, B. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019. 448 p. Tradução de: Jamille Pinheiro.

KERGOAT, D. Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux. In: DORLIN, E. (org.). **Sexe, race, classe**: pour une épistémologie de la domination., Paris: PUF, Actuel Marx Confrontations, 2010. p. 111-125.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de: Jess Oliveira.

MARTINS, JS. **Uma Sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wrigth Mills e de Henri Lefebvre. Contexto, São Paulo, p. 221, 2020.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 232 p.

NEVES, E.P.; ZAGONET, I.P.S. Pesquisa-cuidado: uma abordagem metodológica que integra pesquisa, teoria e prática em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 11, n. 1, p. 73-79, 2006.

NOGUEIRA, M.L.M., et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 2, n. 12, p. 466-485, 2017

PAIS, J.M. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, Sergipe, v. 1, n. 1, p. 107-128, 2013.

PANTA, Mariana Aparecida dos Santos. **Relações raciais e segregação urbana**: trajetórias negras na cidade. 2018. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de Paulista, Marília, 2018.

RAIN, A.R.; LLOMBART, M. P.; MALO, E. M.. Mujeres Mapuche En La Diáspora Y El Retorno Al Wallmapu: Entre Micro-Resistencias De Género Y Despojos Coloniales. **Chungara Revista de Antropología Chilena**, Chile, v.52, n.2, p.347-360, 2020.

SANTOS, I.M.M.; SANTOS, R.S. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 17, p. 714-719, 2008.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB.**, São Bernardo, v. 2, n. 4, p. 61-83, 2017.

SEGATO, R.L. **La guerra contra las mujeres**. Buenos Aires: Traficantes de Sueños, 2016. 188 p.

SILVA, A.P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v.1, n., p. 25-35, 2007.

SOUZA, N.S. **Torna-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Coleção Tendências v.4.

VALERIO, A. C. O. et al. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, v. 29, n. e3007, 2021.

VANDANA. Dalit Girls and Sexual Harassment in the University Sexual. **Indian Journal Of Gender Studies**, New Dalhi, v.27, n.1, p.33-54 ,2020

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v.44, n.22, p. 203-220, 2014.

Artigo 2

ARTIGO ORIGINAL

Terapia ocupacional em perspectiva interseccional: estudo acerca das vivências ocupacionais de mulheres negras periféricas brasileiras.¹⁰¹¹

Occupational therapy in an intersectional perspective: a study about the occupational experiences of Brazilian peripheral black women.

Terapia ocupacional en una perspectiva interseccional: un estudio sobre las experiencias ocupacionales de mujeres negras periféricas brasileñas.

Erickson Franklin dos Santos Miranda. Especialização em Atenção Básica e Saúde da Família. Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil. toericksonmiranda@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3242-8971>

Carla Regina Silva. Doutorado em Educação. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos-SP, Brasil. carlars@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>.

Luciana Assis Costa. Doutorado em Sociologia. Docente do curso de graduação Terapia Ocupacional e do Curso de Pós Graduação em Estudos da Ocupação e Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil. lucianaassis.ufmg@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3664-4839>.

Contato:Luciana Assis Costa, Departamento de Terapia Ocupacional, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, CEP 31270-010, Belo Horizonte, MG, Brasil, e-mail: lucianaassis.ufmg@gmail.com

Fonte de Financiamento: Financiamento próprio dos pesquisadores

Contribuição dos Autores: Erickson Franklin dos Santos Miranda foi responsável pela coleta dos dados, organização das fontes, análise dos dados, concepção e redação do texto. Carla Regina Silva foi responsável pela organização das fontes, revisão do texto, coorientação

¹⁰ Trata-se de resultado de pesquisa de mestrado intitulado As encruzilhadas das vivências ocupacionais tem cor: Repercussões interseccionais no cotidiano de mulheres negras periféricas e inscrito no Comitê de Ética da UFMG no CAEE: 52584421.4.0000.5149. Cumpriu os requisitos de éticos e confidencialidade previstos na legislação e de proteção sanitária recomendada pela Organização Mundial de Saúde acerca da contaminação da COVID-19

¹¹ A contribuição é original e inédita e o presente manuscrito não está sendo avaliado para publicação por outra revista.

do estudo. Luciana Assis Costa foi responsável por organização das fontes, revisão do texto, supervisão e orientação do estudo.

Resumo

Este artigo resulta de um estudo desenvolvido no mestrado em Estudos da Ocupação que teve como objetivo compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas suas ocupações. As questões raciais, de gênero e de classe social atravessam a vida cotidiana de mulheres negras e constituem injustiças sociais e ocupacionais, que amiúde, reproduzem opressões que restringem a vivência de ocupações que terço o cotidiano. Trata-se de um estudo qualitativo que utilizou o método narrativo de História de Vida. Participaram da pesquisa seis mulheres negras periféricas de um município pernambucano. As entrevistas foram realizadas no período de janeiro a março de 2022. As narrativas foram abordadas pelo método de Análise Temática onde emergiu um tema central acerca dos efeitos das opressões interseccionais frente as vivências ocupacionais e três subtemas que detalharam essas vivências em diferentes relações e contextos, sendo eles: vivências na Escola/Educação, no trabalho e na utilização dos espaços públicos. Ficou evidente que existem estruturas e instituições que sustentam os cenários dessas vivências ocupacionais atravessadas pelas matrizes interseccionais de opressão como a questão racial, de classe e gênero, que emergem nas histórias vividas no ambiente escolar, nas relações de trabalho e nos espaços públicos frequentados por essas mulheres. Dessa maneira, é impossível dissociar a leitura sobre as ocupações, das desigualdades e discriminações sociais, opressões interseccionais, das vivências ocupacionais que emergem sobretudo nas relações sociais das participantes.

Palavras-chave: Mulheres negras, Cotidiano, Ocupação Humana, Interseccionalidade, Terapia Ocupacional

Abstract

This article is the result of a study carried out in the Master's in Occupation Studies that aimed to understand the daily life of vulnerable black women from the repercussions of racial, gender and social class issues in their occupations. Racial, gender and social class issues cross the daily life of black women and constitute social and occupational injustices, which often reproduce oppressions that restrict the experience of occupations that are part of everyday life. This is a qualitative study that used the narrative method of Life History. Six peripheral black

women from a municipality in Pernambuco participated in the research. The interviews were carried out from January to March 2022. The narratives were approached by the Thematic Analysis method, where a central theme emerged about the effects of intersectional oppressions in the face of occupational experiences and three sub-themes that detailed these experiences in different relationships and contexts, being: experiences at School/Education, at work and in the use of public spaces. It became evident that there are structures and institutions that support the scenarios of these occupational experiences crossed by intersectional matrices of oppression such as racial, class and gender issues, which emerge in the stories lived in the school environment, in work relationships and in the public spaces frequented by these women. In this way, it is impossible to dissociate reading about occupations from social inequalities and discrimination, intersectional oppressions, from occupational experiences that emerge above all in the social relationships of the participants.

Key-words: Women Black, Everyday Living, Human Occupation, Intersectionality, Occupational Therapy

Introdução

O cotidiano do povo negro no Brasil é marcado desde o período de dominação colonial europeia e se mantém pelas colonialidades de países dominantes na atualidade. Entende-se esse processo a partir da ideia de classificação das populações em ‘raça’, e que portanto alguns grupos sociais são racializados, possibilitando aos grupos dominantes a utilizarem seus privilégios sustentados pelos sistemas hegemônicos de poder (QUIJANO, 2002). Esse poder colonial se mantém nos desdobramentos da vida moderna com o processo de favelização, e nas diversas faltas de acesso aos direitos básicos apontando que, as sociedades se estruturam a partir de uma lógica socioeconômica e cultural racializadas, genderizadas e heterocisnormatizantes (AKOTIRENE, 2020; NASCIMENTO, 2016; ALMEIDA, 2020; KILOMBA, 2019).

O racismo, que opera sobre o modo de vida na sociedade, é um conjunto sistemático de ações baseadas na ideia da racialização humana, que de forma consciente ou inconsciente, geram discriminações que culminam em privilégios e prejuízos a depender de qual grupo racial esteja direcionado (ALMEIDA, 2020). Quando esse racismo toca a vida e os corpos de mulheres negras existe um duplo esforço para entender seus cotidianos, pois elas passam pela invisibilidade por serem mulheres e por serem negras. (AKOTIRENE, 2020).

O racismo de gênero (racismo genderizado) retira a capacidade da mulher negra ser vista como sujeito, que compreende a pessoa dotada de identidade subjetiva pessoal, social e política. E ao passo quando são ouvidas e vistas, rompem com esse apagamento, gerando um processo de pertencimento, tornando-as sujeitas (KILOMBA,2019).

De acordo com o IBGE (2019) a população negra no Brasil representa 55,8% dos brasileiros e as mulheres negras ocupam mais da metade desse quantitativo. É sabido que as desigualdades de gênero e raça são estruturantes da desigualdade social brasileira. Inúmeras são as denúncias que apontam para as piores condições de vida de mulheres e negros, que repercutem nas restrições à participação e ao pertencimento social de maneira equânime em diversas esferas da vida social (IPEA, 2011). Dados do IBGE demonstram que as mulheres negras assumem 47,8% dos trabalhos informais, revelando a submissão a condições e vínculos precários de trabalho. Um outro dado diz respeito a ocupação de cargos gerenciais, tendo em vista que 68,6% desses são ocupados por pessoas brancas e 29,9% por pessoas pretas ou pardas. Das 3.035.000 pessoas que ocupam cargos de gestão, cerca de 1.147.000 são ocupados por mulheres, sendo que apenas 29,9% são mulheres negras dados que expressão a hierarquização racializada no país (IBGE, 2019).

Em relação ao acesso à educação, dado extremamente relevante para analisar as condições de cidadania de uma população, em 2018, as desigualdades raciais e de gênero são explicitadas a partir da taxa de analfabetismo que alcançou 6,8%, onde a população negra ocupa mais da metade e apresenta expressão maior das mulheres negras (IBGE, 2019). Ainda sobre as questões educacionais, os dados revelam que as pessoas negras apresentam um baixo nível de instrução, assumindo uma alta porcentagem de incompletude do ensino e um número aquém em relação a conclusão do ensino superior. Em relação ao acesso à educação superior no Brasil considerando a faixa etária de 18 anos ou mais de 45 anos de idade cerca de 42,7% eram homens e 46,6% mulheres, considerando o aspecto cor e/ou raça 53,2% eram pessoas brancas e 35,4% eram pessoas negras (IBGE, 2019)

No tocante à violência em 2017, considerando as variáveis gênero, raça/cor e a população estimada, os números de homicídio no Brasil entre pessoas pretas e pardas alcançaram a taxa de 43,4 homicídios por 100.000 habitantes. Este dado revela que a população negra tem cerca de 3 vezes mais chance de serem assassinadas intencionalmente do que pessoas brancas. Essa taxa nos grupos relacionadas aos homens brancos chegaram a 30,2 homicídios por 100.000 habitantes, enquanto nos homens negros alcança a taxa 80,5 homicídios por 100.000 habitantes. Entre as mulheres, a taxa de homicídio entre as mulheres brancas foi de 3,2 homicídios por 100.000 habitantes, já as mulheres negras chegaram a taxa

5,7 homicídios por 100.000 habitantes. A faixa etária da população negra entre 15 e 59 anos foi a que mais sofreu violência e morreu por homicídio. No caso dos homens negros, os homicídios ocorreram especialmente na faixa etária entre 15 e 29 anos. As mulheres negras entre 15 e 59 anos que sofreram violência e morreram nesse período chegaram a taxa de 16,2 homicídios por 100.000 habitantes (IBGE, 2019).

Esses dados denunciam que nas diversas vivências do cotidiano expressas nas relações de trabalho, na educação, no lazer, no uso dos espaços públicos e em outras tantas, a mulher negra ainda se encontra em condições menos favoráveis de pertencimento e participação societária, haja vista que continuam ocupando os empregos menos qualificados e de menor rendimento, sem a garantia do direito a educação de qualidade, o que as levam ser taxadas de “mal educada” ou “com pouca inteligência”, com maiores riscos de morte por violência ou pelas condições sub humanas de existência.

Diante desta realidade, é possível afirmar que o racismo não é algo pontual, único e estático, ele se entrelaça e se enraíza no dia a dia das pessoas negras a partir de ações, gestos, falas, imagens, uma constante forma de abusos que colocam esse grupo racial na posição de ‘outros’ das pessoas brancas (KILOMBA, 2019). As questões raciais, de gênero e de classe social atravessam a vida cotidiana de mulheres negras e constituem injustiças sociais e ocupacionais, que amiúde, reproduzem opressões que restringem a vivência de ocupações que terce o cotidiano (FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018). Nesse processo, a teoria da Interseccionalidade, sendo uma produção acadêmica ativista, engajada e posicionada, amplia o entendimento sobre as diversas e interligadas opressões experienciadas na vida cotidiana de mulheres negras e permite que as vozes de mulheres negras sejam ouvidas.

O objeto da teoria da interseccionalidade é evidenciar como as discriminações raciais e de gênero operam conjuntamente para a invisibilidade das mulheres negras e possibilitar arranjos que operacionalize formas de combater essas desigualdades. As dimensões das experiências vividas por essas mulheres não podem ser delimitadas de forma separada nas categorias de discriminação racial ou de gênero, para tanto, essas categorias devem ser amplamente relacionadas para que seja possível aproximar-se dos motes de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam (CRENSHAW, 2004). A sistematização do conceito em domínios, denominados de matrizes de opressão, trouxe o entendimento que existe uma imbricação das relações de raça, gênero e classe social dentre outras categorias de opressão, a partir de uma análise das estruturas sociais e das relações interpessoais (COLINS, 2017).

A Terapia Ocupacional (T.O.) tem sido provocada a se adentrar nessa tessitura social complexa na qual as vivências ocupacionais se conformam e se reinventam, e segundo Silva (2020) demandando uma reflexão crítica acerca dos termos, conceitos e noções que adscrevem a prática profissional. Seu instrumento de intervenção se fundamenta nas relações que as pessoas possuem com suas ocupações humanas e que constitui a vida cotidiana. Através dessas ocupações lidas como fenômenos sociais, sistêmicos, complexos (MORRISON; VIDAL, 2021), a Terapia Ocupacional assume um compromisso ético e ativista, a partir da sua práxis social, no sentido de buscar a ampliação do direito às ocupações de forma equânime, justa e cidadã.

Essa ampliação do direito às ocupações perpassa pela intervenção nos impedimentos seja de ordem social, física, psíquica, cultural e/ou mental (GALHEIGO, 2020; FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018; SILVA, 2020). Importante ressaltar que áreas de conhecimento, como a Terapia Ocupacional, fundada em práxis de atuação politicamente orientadas ou de intervenção, tem buscado no conceito de interseccionalidade uma ferramenta analítica. Essa busca visa compreender a vida e o comportamento humano enraizados nas experiências e lutas de pessoas privadas de direitos e, como práxis social, numa articulação da teoria com a prática para o auxílio ao empoderamento de comunidades e indivíduos, com ênfase entre conhecimento e justiça social (SILVA; MENEZES, 2020, p. 13; COLLINS, BILGE, 2021 p. 56).

Assim, este estudo pretende ampliar as discussões teóricas críticas na Terapia Ocupacional no Brasil, no que diz respeito ao enfoque sobre as vivências cotidianas de populações negras, tendo em vista uma produção ainda inicial em relação aos estudos das ocupações e cotidiano da população negra no Brasil sob a ótica da Terapia Ocupacional.

O aprofundamento do conhecimento sobre as vivências ocupacionais a partir de uma leitura interseccional que pressupõe indissolubilidade das relações de opressão/superação que leva em consideração raça, gênero e classe social, amplia substancialmente a compreensão dos fenômenos ocupacionais.

Em suma, o estudo terá como objetivo de compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações. A partir das narrativas das mulheres negras e dos aportes teóricos da leitura relacional do conceito de Interseccionalidade e à compreensão das ocupações como fenômeno social sob a luz das abordagens críticas da Terapia Ocupacional.

A Terapia Ocupacional em perspectiva crítica interseccional sobre as ocupações de mulheres negras

A Terapia Ocupacional ao longo da sua construção, em especial na contemporaneidade, tem sido convocada a refletir sobre a colonização que balizam as práticas e saberes e a reconduzir as práticas para dar respostas afirmativas nas produções e intervenções interessadas nas singularidades dos contextos, na necessidade de atuar à luz da diversidade, da interseccionalidade e da descolonização. (MONZELLI *et al.*, 2018).

A Terapia Ocupacional na perspectiva transcultural (MORRISON; VIDAL, 2021) mantém suas discussões sobre ocupação no campo da saúde, contudo amplia criticamente para uma discussão que considera os contextos sociais e políticos (GERLACH, *et al.*, 2017). *Apartheid Ocupacional*, considerando as questões raciais, de gênero e de classe social como determinantes sociais que impactam no bem-estás das pessoas, tem sido um termo utilizado pela Terapia Ocupacional e diz respeito à ideia e convicção de que é atribuído valor social e econômico à específicos grupos sociais em detrimento de outros, gerando uma hierarquização das pessoas relacionadas ao poder e ao acesso a bens, serviços e ocupações (KRONENBERG; POLLARD, 2006).

A Terapia Ocupacional no Brasil tem alargado suas discussões epistemológicas, de forma mais crítica, no sentido de deslocar a centralidade do indivíduo na compreensão das ocupações ampliando para uma leitura social, de cunho identitário, material, cultural e ativista. Esse posicionamento tem sido identificado em algumas correntes da terapia ocupacional, sobretudo nas de perspectiva culturalista e na Terapia Ocupacional Social. Diante das lutas da população negra, a Terapia Ocupacional tem se posicionado em defesa desses sujeitos no processo de emancipação e participação social por meio de seus cotidianos e ocupações. Coletivos, projetos de ensino, pesquisa e extensão nas universidades públicas brasileiras têm fomentado diversas ações e disparado potentes discussões sobre os temas pertinentes (FRANÇA; QUEIROZ; BEZERRA, 2016; FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018; AMORIM, *et al.*, 2020).

O/A terapeuta ocupacional exprime sua importância estando atento aos contextos e relações sociais das populações a qual ele/ela se dispõe a atender/acompanhar. Com atenção às desigualdades sociais e raciais que impactam no acesso aos direitos básicos dessa população, essa/essa profissional atuará a partir da tentativa de minimização das injustiças ocupacionais e sociais e na valorização dos repertórios, itinerários terapêuticos e trajetórias ocupacionais (FRANÇA; QUEIROZ; BEZERRA, 2016).

O racismo aniquila a identidade negra e incorpora os privilégios brancos oferecendo-os como única opção para os corpos negros. (FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018). Reiterando esse argumento, a perspectiva de Frantz Fanon (2020), ressalta que o povo negro na tentativa de autoaceitação e aceitação da sociedade incorpora esses privilégios em seus pensamentos e dimensões sociais, psíquicas, culturais, econômicas, políticas e pessoais, com a possibilidade de suprir as faltas que o racismo produziu nos corpos e no cotidiano.

Tomando emprestado o termo *Apartheid*, que surge a partir do processo de institucionalização da segregação racial na África do Sul e nos Estados Unidos, a Terapia Ocupacional identificou esse tipo de segregação no cotidiano e na relação da divisão de atividades cotidianas e seus significados para cada grupo social, assim denominou de *Apartheid Ocupacional* (KRONEMBERG; POLLARD, 2006). Assim, o termo *Apartheid Ocupacional* possibilita identificar e compreender as experiências opressoras no cotidiano e na existência do povo negro.

O cotidiano dos sujeitos negros em suas ocupações é demasiadamente atravessado pelo exercício do racismo e da desigualdade social, que por conseguinte, são pessoas vulnerabilizadas, afetadas pela lógica do *Apartheid Ocupacional*. Assim, mais uma vez é marcado a importância da Terapia Ocupacional, numa perspectiva social, frente à essa população.

Assim, a Terapia Ocupacional tem desenvolvido e ampliado o raciocínio crítico frente às necessidades da população negra a partir de grupos de estudos, pesquisa e ações contra o racismo e na valorização da cultura afrodiáspórica. Tanto no âmbito das representatividades profissionais internacionais e nacionais, nas coletividades emergentes com esse tema como na formação acadêmica tem-se cada vez mais apresentado interesse sobre essas necessidades, valorização cultural e no resgate identitário da população negra e que repercute nas vivências ocupacionais desse povo. (AMORIM, et al, 2020; COSTA *et al.*, 2020).

A Terapia Ocupacional lança mão do conceito da interseccionalidade associado a outras teorias e métodos para responder questões que vão além do corpo ou do indivíduo e amplifica para as questões sociais e para o coletivo (FERRUFINO *et al.*, 2019). Diante dos avanços e desafios da Terapia Ocupacional ao encampar as discussões e atuação junta a população negra, com destaque para a questão da mulher negra, a área tem se orientado pela vertente, interseccional, decolonial, afrocentrado e afrodiáspórico, especialmente no campo de pesquisa como norteadora teórica e metodológica dos estudos. Isso é positivo na medida que se compreende as diversas dimensões das estruturas sociais no cotidiano do povo negro

(FERRUFINO et al, 2019; STRAUS; BROWN, 2019; MONCLUS; TARRÈS, 2016; HAMMELL, 2013).

A perspectiva interseccional alarga a compreensão de terapeutas ocupacionais sobre as (a)diversidades complexas que configuram a ocupação e o cotidiano, ofertando um prisma metodológico e analítico (BALANTA-COBO *et al.*, 2022). Contudo, ao desenvolver uma perspectiva interseccional na Terapia Ocupacional é importante que seja valorizado e evidenciado as origens da produção epistêmica da teoria da interseccionalidade que sendo pensada e escrita por intelectuais negras e negros, evita-se, assim, apagamentos epistêmicos, que historicamente acontecem.

Ambrósio e Silva (2022) inspiradas na leitura decolonial latino-americano, localizam a perspectiva interseccional a partir das demandas geradas pelas matrizes de opressão que são sustentadas pelos sistemas hegemônicos racistas, patriarcais e coloniais restabelecem relações de poder, ser e saber. Nesse sentido, um olhar para as produções brasileiras que alcunha a *Amefricanidade*, como a autora Lélia Gonzales, contribui para a Terapia Ocupacional construir uma “perspectiva crítica decolonial amerifricana” como uma abordagem metodológica e analítica da prática profissional. Essa perspectiva convoca terapeutas ocupacionais a se posicionarem ética e politicamente frente às demandas identitárias interligadas. Essa postura dentro da TO possibilitará um reconhecimento sobre as dimensões opressivas, a fragilidade do acesso aos direitos básicos e no enfretamento das iniquidades sociais. Fortalecendo as produções de saber, ser e fazer, o compromisso em potencializar as políticas afirmativas, possibilitando o engajamento e a emancipação das populações frente às desigualdades (AMBRÓSIO; SILVA, 2022).

A teoria da interseccionalidade e o método do discurso (método narrativo) são complementares para pesquisas não apenas da Terapia Ocupacional, mas no campo das ciências da saúde (STRAUS; BROWN, 2019). Para tanto exige um esforço de mudança da intervenção de terapeutas ocupacionais levando em consideração a interseccionalidade a partir de uma construção da identidade profissional mais crítica (MONCLUS; TARRÈS, 2016).

Dessa maneira, a necessidade desse tipo de estudo provoca o desejo de ir em busca dos diversos desafios e os avanços da discussão dentro da Terapia Ocupacional sobre a população negra no Brasil. Contudo, é necessário incluir cada vez mais a existência, resistência e experiências das mulheres negras e suas vivências ocupacionais. Assim, esse estudo se propõe compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações.

Procedimentos Metodológicos

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo que utilizou o método narrativo de História de Vida. O estudo qualitativo busca um aprofundamento nas relações que as pessoas, grupos e organizações “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p.22).

A abordagem história de vida pode ser entendida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 1991, p. 101). O método de história de vida se aproxima dos estudos qualitativos biográficos. Sua utilização metodológica tem um marco histórico um estudo sociológico sobre pobreza e imigrantes poloneses nos Estados Unidos desenvolvido por William I. Thomas e colaboradores, no departamento de Sociologia da Escola de Chicago. Esse estudo utilizou metodologicamente, de entrevistas e histórias de vida dos/das sujeitos/sujeitas participantes da pesquisa e que se tornou um marco importante nos estudos sobre as dimensões sociais e seus efeitos naquela época e que atravessavam as trajetórias de vida dos/das participantes (NOGUEIRA, et al, 2017; BECKER, 1996).

A Escola de Chicago, berço do interacionismo simbólico, criou um método interpretativo realista a partir das narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisados” (CHIZZOTTI, 1991, p. 226).

Silva *et al.* (2007) apresentam como se desenvolve uma pesquisa com o método de História de Vida, como parte das abordagens biográficas, e com característica essencial ao levar em consideração a vinculação entre o pesquisador e sujeito. Essa vinculação é essencial para o entendimento das diversidades e singularidades nas experiências humanas. Nogueira e colaboradores (2017) corroboram ao apresentar que o método de História de Vida que consiste em uma escuta cuidadosa do pesquisador por meio de entrevistas não estruturadas. Esse tipo de coleta deve ser levado em consideração o processo de construção de vínculo entre o pesquisador e a pessoa que narra sua vida.

Assim, o método de História de Vida ousa apreender as dimensões do cotidiano nas quais os sujeitos pertencem, a partir de um processo dialético de pertencimento identitário e

reestruturação social, da capacidade de transpor a história de vida para o coletivo (SILVA *et al.*, 2007). Narrar a história permite a quem narra e a quem ouve reconfigurar e ressignificar as experiências. A narrativa colhida deverá ser transcrita, apresentada e discutida em conjunto com a pessoa participante e o pesquisador, que em seguida, à luz de seus questionamentos da pesquisa, entrará em uma emersão analítica na tentativa de localizar respostas para tais questionamentos (SILVA *et al.*, 2007).

Definição das participantes

Foi utilizada uma amostragem não probabilística que prevalece as cadeias de referências do tipo Bola de Neve indicado pela Vinuto (2014). Foi feito um contato inicial com uma trabalhadora da unidade de saúde da família da comunidade conhecida como Conjunto Muribeca em Jaboatão dos Guararapes-PE devido ao vínculo com o pesquisador e por ser uma mulher negra moradora daquela comunidade, tornando-se a interlocutora no campo. Em seguida, a interlocutora no campo identificou outras possíveis participantes para o estudo. Tanto a interlocutora como uma outra participante indicaram novas possíveis participantes com as características que contemplaram os critérios do estudo.

Participaram do estudo seis mulheres negras moradoras do Conjunto Muribeca do município de Jaboatão dos Guararapes-PE. A escolha desse território atendia as características sociais dos critérios do estudo, assim como, já havia estabelecido vínculo do pesquisador com esse território devido a trabalhos e ações desenvolvidos.

Jaboatão dos Guararapes é município da região metropolitana de Recife em Pernambuco, com uma população de 711.330 habitantes, onde 53% são mulheres e cerca de 62% é a população negra. Acompanhando esse contexto nacional, o município enfrenta desigualdades sociais que reflete a má distribuição territorial, na concentração de bens e serviços em uma pequena extensão territorial, deixando de fora uma enorme faixa onde se concentra níveis altos de pobreza, trabalhos informais, violência e fragilidade de acesso a direitos básicos (IBGE, 2022).

De acordo com relato dos moradores do Conjunto Muribeca essa comunidade caracterizava-se inicialmente como um conjunto habitacional popular para militares e seus familiares. Em formato de edifícios verticais, o conjunto se expandiu com casas menos planejadas e comércios satélites a redor dos blocos. Em dado momento da história dos moradores desse conjunto, a parte estrutural de alguns apartamentos começaram a apresentar falhas, como rachaduras profundas e um marco da desocupação dos edifícios foi o desmoranamento de um dos blocos. Iniciou-se então um processo de desocupação e

indenização dos moradores do conjunto Muribeca, pois a investigação feita pela prefeitura apurou falhas das empresas envolvidas na construção dos edifícios. Um outro agravador das situações de vulnerabilidades nesse território são os períodos de chuvas fortes que acabam desabrigando centenas de moradores, pois o conjunto fica na imediação de um braço de rio. Os alagamentos provocaram e ainda provocam perdas significativas aos moradores dessa região.

Há também potencialidades nesse território, como um espaço de promoção de saúde popular conduzida por mulheres da comunidade onde produzem medicamentos a partir do cultivo próprio de plantas medicinais. O Centro de Saúde Alternativa de Muribeca proporciona bem-estar, saúde e educação popular aos moradores da região.

Para esse estudo foram considerados como critérios de inclusão: (1) Mulheres que se autodeclararam negras (pardas ou pretas); (2) Mulheres negras que se encontravam na faixa etária entre 18 e 70 anos de idade; (3) Consideração da diversidade de identidade de gênero, orientação sexual e expressões religiosas/espirituais/crenças.

Como critérios de exclusão: (1) mulheres negras que possuem algum tipo de deficiência cognitiva e/ou intelectual a partir das informações disponibilizadas pelas próprias informantes ou por terceiros.

Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro a março de 2022 pelo pesquisador do estudo, a partir de entrevistas em profundidade, não estruturadas, com perguntas disparadoras. O pesquisador em campo apresentou os objetivos da pesquisa as participantes e foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após o aceite. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio formato MP3 e transcritas na íntegra.

Antes de iniciar propriamente a entrevista gravada, o entrevistador-pesquisador fez um levantamento de dados sobre o perfil identitário e socioeconômico das entrevistadas, a partir de um instrumento próprio construído pelo pesquisador e suas orientadoras. Foi iniciada a entrevista gravada com uma pergunta norteadora “Considerando que você é uma mulher negra periférica/ de comunidade, me conta um pouco da sua história de vida, como foi desde a infância até os dias atuais? O que você conta sobre você?”. O entrevistador teve como apoio a essa pergunta norteadora um guia prévio de perguntas, que considerava as dimensões do cotidiano no qual o possibilitava direcionar a entrevista caso houvesse esquecimento de algum episódio de vida nas narrativas das participantes. Durante o período de coleta o pesquisador se deslocou à comunidade três vezes e a cada encontro duas participantes foram entrevistadas.

O processo das entrevistas se deu, em um primeiro momento, a partir da aproximação do pesquisador com o território e as participantes, considerando um agendamento prévio. Concomitantemente ao agendamento, houve uma identificação e escolha de espaços protegidos para que fossem realizadas as entrevistas. O local escolhido pelas participantes em conjunto com o pesquisador foi a Unidade de Saúde da Família da comunidade, devido a relação que o pesquisador, a participante-interlocutora e as demais tinham com esse equipamento social de saúde. A Unidade de Saúde da Família foi identificada por elas como um lugar protegido onde elas pudessem narrar suas histórias tranquilamente, sem interrupções ou constrangimentos.

Depois das entrevistas, os materiais aditivos foram transcritos na íntegra. Após a transcrição dos materiais, foi devolvido às participantes gravações em áudio de cada uma, a partir de então escrito, onde elas validaram as narrativas dando possibilidade para prosseguir a análise dos dados. De acordo com Santos e Santos (2008) esses procedimentos adotados são significativamente estruturantes para uma análise da narrativa do tipo História de vida com “uma riqueza de detalhes sobre o tema” (SANTOS; SANTOS, 2008, p.715).

As narrativas como método de coleta de dados são importantes para esse tipo de estudo, pois, em um espaço dialógico, possibilita a centralidade nas experiências vividas nas histórias das pessoas e permite reconstruir cenas importantes para os temas pesquisados. Dessa maneira, o método narrativo promove uma melhor integração e interpretação dos aspectos teóricos, pois as narrativas potencializam e humanizam a leitura teórico dos fenômenos estudados (FERRUFINO et al, 2019).

Análise dos Dados

A partir dos dados coletados a análise ocorreu de acordo com a Análise Temática. Santos e Santos (2008) apontam que a Análise Temática tem um rigor de conjugar experiências e significados sobre a temática e que possibilita desvendar os núcleos de sentidos a partir das narrativas e que podem ter alguma relação com o constructo analisado. O material das narrativas foi impresso para uma primeira leitura. Na segunda leitura foram feitos destaques com sublinhamento e anotações já com aspectos analíticos. Em seguida, foram realizadas marcações com cores que identificaram e codificaram os temas mais amplos. Cada narrativa evidenciou cenários temáticos centrais que as opressões interseccionais se manifestavam nas vivências ocupacionais do cotidiano dessas mulheres.

Tais cenários, emergidos das narrativas colhidas tornam-se substanciais para a construção dos eixos temáticos que originaram os resultados e discussões de 2 artigos que

compunham a dissertação, entretanto estão presentes nesse: As ocupações como fenômeno social: os efeitos das opressões interseccionais frente as vivências ocupacionais; Considerando os subtemas: Vivências da solidão no ambiente escolar/acadêmico e o aquilombamento como forma de resistir; Vivências de não pertencimento e invisibilidade no trabalho e; Vivências de insegurança e não pertencimento na utilização dos espaços públicos.

A análise dos temas fora sustentada pelas narrativas das mulheres negras e pelos aportes teóricos relacionados ao conceito de Interseccionalidade, somado ao conceito de Racismo Cotidiano, ao conceito sociológico e terapêutico ocupacional de cotidiano e à compreensão das ocupações sob a luz das abordagens críticas da Terapia Ocupacional.

Aspectos éticos e de cuidado da/na pesquisa

O estudo atendeu as orientações do Regimento 511/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta às pesquisas humanas no campo da saúde e teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e registrado no número CAAE: 52584421.4.0000.5149. Todas as participantes desse estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para que houvesse a obtenção das informações. Foi considerado todas as recomendações exigidas pela Organização Mundial de Saúde - OMS devido à pandemia do novo coronavírus-COVID-19, dessa maneira, foi recomendado a entrada no espaço com máscaras, disponibilizando o álcool 70% e mantendo um distanciamento seguro das participantes. Assim como, a observância e o respeito as diretrizes do regimento interno da UFMG e do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação.

As participantes foram informadas sobre as dimensões de riscos, considerados mínimos à saúde, tendo em vista que a coleta se restringiu às informações verbais, contudo foi alertado a possibilidade de haver constrangimento e mobilização emocional a partir das memórias evocadas sobre suas histórias. Nesse sentido, foi explicitado que a qualquer momento poderia ser solicitado a interrupção da gravação para a necessidade de se recompor. outros riscos também foram explicados como a fragilidade ou a falta de vínculo com o pesquisador que poderia causar um distanciamento ou até mesmo uma negativa em responder as questões, o risco de minimizar as vivências apenas as experiências de opressão e vulnerabilização que poderia ofuscar as potencialidades e resistências vividas pelas participantes. Entretanto, também foi explanado os benefícios do estudo quanto à possibilidade do resgate da subjetividade das participantes, empoderamento e reflexões acerca de si mesmas e a contribuição para o escopo teórico da Terapia Ocupacional brasileira.

Também foi esclarecido que as participantes desenvolviam uma ação voluntária na pesquisa, sem haver obrigatoriedade em responder as questões trazidas na entrevista e sem gerar ônus financeiro para si e/ou aos pesquisadores.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada dentro da Unidade de Saúde da Família da comunidade apenas com a presença do pesquisador-entrevistador e da participante. As entrevistas foram gravadas em MP3 em aplicativo do aparelho celular do pesquisador e que foram transcritas na íntegra pelo próprio pesquisador e que, tanto os áudios como as narrativas transcritas, serão mantidos em sigilo guardados por 5 anos, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, no gabinete 3131.

Foram utilizados pseudônimos escolhidos pelas participantes no lugar dos seus nomes civis verdadeiros para preservar suas identidades e manter a confidencialidade dos dados. A escolha dos nomes definida por elas corrobora com o compromisso ético desta pesquisa em trazer suas vozes e compartilhar com elas a construção desta identidade que precisa ser preservada.

Também foi considerado o cuidado na pesquisa, onde produz um conhecimento sensível do ponto de vista do acolhimento daquilo que é vivido e narrado. Quando o cuidado está presente no ato de pesquisar é possível gerar uma constelação de sentidos, isso quer dizer, quando se há cuidado na pesquisa a fala e a escrita são carregadas de sentidos, saberes e significados que não estão apenas no/na pesquisador/a e no/na participante no momento da coleta de dados. Essa constelação de sentidos é estabelecida a partir das relações e experiências que antecipam esse momento.

Quando o/a pesquisador/a em Terapia Ocupacional se propõem a isso, assim como outras áreas de conhecimento que já vem discutindo essa temática, precisa compreender que o cuidado em pesquisa e a relação pesquisador/a-pesquisado/a “não se constituem em entidades isoladas, pois ao mesmo tempo em que o pesquisador está apreendendo o significado da experiência para a coleta de informações de pesquisa, está cuidando” (NEVES; ZAGONEL, 2006, p. 74).

Isso é evidenciado quando a participante Carla se refere a um aspecto interessante propiciado pela pesquisa – o cuidado, quando diz:

“eu quero dizer que é importante o estudo de vocês sobre mulheres negras periféricas, porque é um tema que ninguém aborda, ninguém fala muito sobre isso, ninguém tá nem aí basicamente. E alguém, algumas pessoas,

lembrar que a gente existe, se importar com que a gente sente é muito gratificante e gostaria de agradecer muito a todos envolvidos no projeto. Muito obrigada”

Resultados e Discussão

1. Tabela 1 - Perfil das participantes

Perfil das Participantes						
Participante	01-Inês	02-Rosimary	03-Rute	04-Azeviche	05-Agg Vidas	06-Carla
Idade	64	75	47	67	50	18
Religião	Cristã católica	Cristã evangélica	Cristã evangélica	Religião indefinida/e spiritualista	Cristã Católica	Sem religião
Sexualidade	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Assexual	Heterossexual	Bissexual
Gênero	Cis	Cis	Cis	Cis	Cis	Cis
Raça/cor/Etnia	Preta	Parda	Preta	Preta	Preta	Preta
Estado Civil	Viúva	Casada	Casada	Solteira	Casada	Solteira
Escolaridade	Ensino médio completo	Fundamental incompleto	Superior completo	Superior incompleto	Ensino médio completo	Ensino médio incompleto
Número de filhos	1	4	1	1	3	0
Número de pessoas que moram na mesma casa	1	2	2	2	2	4
Tempo que mora nessa localidade?	31 anos	27 anos	27 anos	1 ano	7 anos	18 anos
Trabalha?	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Local que trabalha	não se aplica	não se aplica	Unidade de Saúde da Família	Unidade de Saúde da Família	No próprio domicílio	No próprio domicílio
Qual o trabalho?	não se aplica	não se aplica	Agente Comunitário de Saúde	Agente Comunitário de Saúde	Cuidadora de crianças	Vendedora de bilhetes de loterias
Aposentada?	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
Rendimento familiar (por	2 salários	2 salários	1 salário mínimo	1,5 salários mínimos	menos que 1 salário	menos que 1 salário

salário mínimo) ¹²	mínimos	mínimos			mínimo	mínimo
Recebe algum tipo de benefício social?	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
Qual Benefício?	não se aplica	não se aplica	Auxílio de tarifas sociais de água e energia	não se aplica	Bolsa Família/Aux. Emergencia	não se aplica

Tabela produzida pelo pesquisador

A primeira entrevistada foi a Inês mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 64 anos, viúva, tem um filho adotivo, mora só, concluiu o Ensino Médio e sonhava com a universidade, desejando cursar psicologia ou serviço social. Ela trabalhou em fábricas, vendendo roupas e perfumes, abriu junto com seu marido um espaço comercial dentro da comunidade com serviços envolvendo fotografia de documentos e eventos. Depois do falecimento do seu marido reconfigurou o espaço para continuar tirando as fotografias e vendendo materiais escolares. Hoje Inês é aposentada. Para Inês a mulher negra precisa ser valorizada.

A segunda entrevistada foi a Rosemary, mulher, parda, cisgênero, heterossexual, 75 anos, casada, tem três filhos, sendo uma mulher e dois homens, mora com o marido, não chegou a concluir o ensino fundamental. Ela possuiu uma pequena lanchonete dentro da comunidade. Por muitos anos desenvolveu o papel de zeladora na igreja onde frequenta até hoje, com a ajuda do marido se tornou pedreira de construção da própria casa. Hoje é aposentada. Para Rosemary a mulher negra tem um senso de cuidado singular e que pode estar em espaços de representação de poder.

A terceira entrevistada foi a Rute, mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 47 anos, casada, tem um filho, mora apenas com filho, pois o marido está em outro país a trabalho, concluiu o ensino superior em pedagogia e cursa atualmente enfermagem. Antes da faculdade de pedagogia desenvolvia na comunidade um espaço de reforço escolar e hoje em dia trabalha como agente comunitário de saúde da unidade de saúde da família na comunidade. Para Rute a mulher negra pode e deve falar o que pensa.

A quarta entrevistada foi a Azeviche, mulher, preta, cisgênero, assexual, 67 anos, solteira, tem um filho, mora com sua neta, não chegou a concluir o ensino superior, mas cursava marketing e propaganda. Já foi tesoureira de uma revendedora de pneus. Desenvolve desde jovem trabalhos manuais de crochê que aprendeu na escola e lhe gera uma renda

¹² No período da coleta o salário mínimo era de R\$ 1.212 de acordo com a lei 14.358/2022

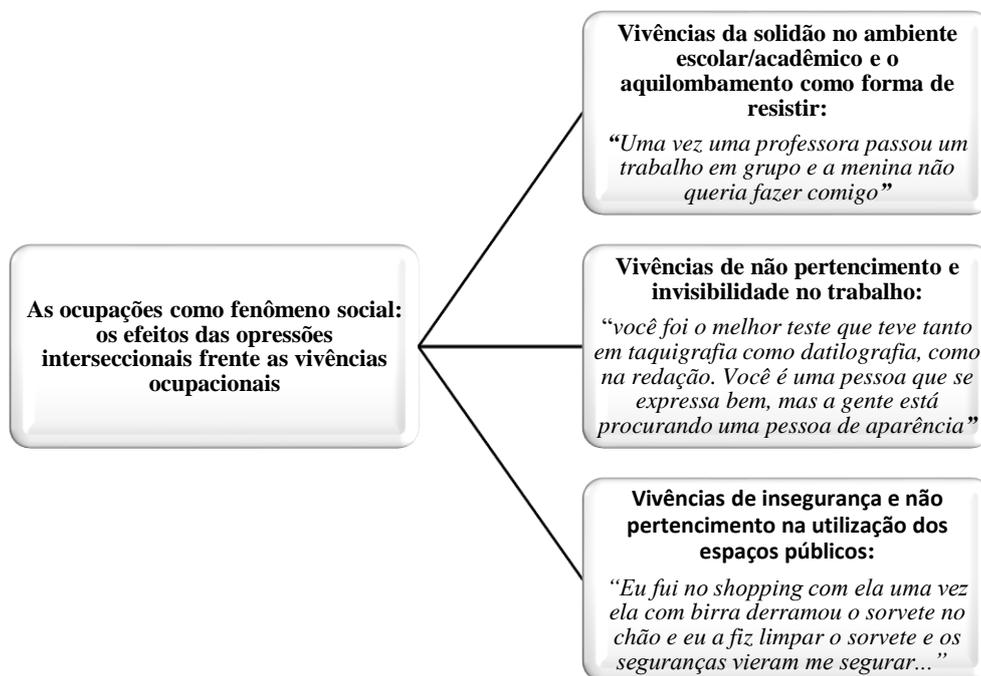
extra e trabalha como agente comunitário de saúde da Unidade de Saúde da Família na comunidade. Para Azeviche a mulher negra precisa ser amada como é.

A quinta entrevistada foi a Agg Vidas mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 50 anos, casada, tem três filhos, sendo dois meninas e um menino, mora com seus filhos, chegou a concluir o ensino médio e sonhava em ser policial militar e enfermeira, já trabalhou em lojas no comércio no centro de uma cidade vizinha, hoje trabalha como cuidadora de crianças em seu domicílio. Para Agg Vidas o lugar da mulher negra é onde ela quiser.

A sexta entrevistada foi Carla mulher, preta, cisgênero, bissexual, 18 anos, solteira, sem filhos, mora com sua mãe, irmã, o pai da sua irmã e avó materna, ainda estar cursando o ensino médio e sonha em ser farmacêutica com especialização na saúde da criança ou ainda médica pediatra. Trabalha em uma banca de jogos de aposta como vendedora de bilhetes de loterias. Para Carla a mulher negra precisa de espaços para valorização da sua existência.

A partir das narrativas das entrevistadas emergiram temáticas para a discussão desse artigo, a saber:

Quando 1 – Temáticas analisadas a partir das narrativas das mulheres negras



Quadro produzido pelos pesquisadores

2. As ocupações como fenômeno social: os efeitos das opressões interseccionais frente as vivências ocupacionais

A partir das narrativas é possível notar como as vivências ocupacionais são configuradas de acordo com as condições sociais nas quais essas mulheres se encontram, neste caso, a partir da centralidade de ser mulher negra e periférica. Dessa maneira, é impossível dissociar as vivências ocupacionais das experiências opressoras interseccionais, sendo expressas nas interações sociais narradas pelas participantes. Fica evidente que existem estruturas e instituições que sustentam os cenários dessas vivências ocupacionais atravessadas pelas matrizes de opressão que se expressam em diversas esferas da vida cotidiana, como na escola/universidade, no trabalho e nos espaços públicos onde circulam e convivem. Esses cenários proporcionam a construção das ocupações na relação das matrizes interseccionais de opressão. O imaginário social embranquecido sustentado pelo processo colonial, destina-se determinadas atividades subalternizadas para um grupo social racializado para a manutenção da branquitude (GONZALEZ, 2020; KILOMBA, 2019; AMBROSIO; SILVA, 2022)

2.1. Vivências da solidão no ambiente escolar/acadêmico e o aquilombamento como forma de resistir:

“Uma vez uma professora passou um trabalho em grupo e a menina não queria fazer comigo...”

As experiências no ambiente escolar/acadêmico de algumas participantes são atravessadas por vivências que dificultavam suas permanências, até mesmo seus desejos de frequentar e pertencer àquele espaço. Tais problemáticas são sustentadas pelo racismo cotidiano e pela fragilidade da rede de suporte social, que potencializam as experiências de silenciamento e inadequação desses corpos negros. Além disso, essas vivências ocupacionais no ambiente escolar/acadêmico atravessadas pelas opressões, na maioria, são experienciadas na inda infância, que aniquilam as possibilidades de vida e reservam outras vivências subalternizadas.

Paradoxalmente, o enfrentamento das opressões nesse contexto foi identificado por algumas mulheres a partir do suporte, seja contra o *bullying* escolar na infância, seja dando oportunidades de protagonismo nas atividades escolares, pessoas ligadas a família ou ao próprio ambiente escolar dispunham para esse enfrentamento. Dessa maneira, ainda que experienciem as opressões em suas vivências ocupacionais nesse ambiente são identificadas pessoas aliadas para o suporte/enfrentamento dessas experiências.

Inês: já sofri muito preconceito desde a época da escola era triste, mas só que eu era complicada, eu ia em cima, eu não sou uma pessoa violenta, mas a arma que eu

tinha era de ir em cima, hoje eu discordo disso, hoje tenho palavras e argumentos pra derrubar qualquer um em cima desse assunto, mas na época eu não tinha preparação, aliás, ninguém foi preparado para isso, pra essa defesa.

Rute: A escola foi muito difícil pra mim, porque eu gostava de estudar, mas não tinha, eu achava que, como eu sou muito tímida em algumas situações eu ficava muito calada. [chorosa, muito emocionada]. E algumas meninas, alguns alunos, eles, quando você é calada demais eles tentam mexer um pouco com você, porque é como você não reagisse. [chorosa]. Então, eu sofri muito bullying na escola [chora mais, emociona-se mais] eu não sabia o que era bullying, eu só achava que mexiam comigo[...]chegou ao ponto que comecei a dizer que eu estava doente, que eu estava com dor de cabeça, que eu não queria ir que estava passando mal, ela [sua irmã] disse “não, você não tá” eu disse “eu estou”, ela disse “mas você vai pra escola!”, eu disse “eu não quero ir pra escola”, ela disse “por que?” eu disse “eu não quero ir pra escola”. Foi quando ela sentou comigo e conversou, isso depois de muitos dias sofrendo, levando empurrão, sendo chamada de ‘negra’, sendo chamada de ‘macaca’, sabe. Ficava no meio, num círculo, que elas fechavam e ficavam me catucando, assim coisas desse tipo, aí eu disse “eu não quero ir por esse motivo, porque tem umas meninas fazendo isso comigo. [...] eu passei algumas coisas na faculdade também. Que as pessoas...eu continuo as vezes no lugar estranho, sempre fico calada, observo mais, depois eu abro a ‘matraca’ quando as pessoas me conhecem [risos] mas, eu fico muito calada e as pessoas olham pra mim assim “ela não dá nada”, “essa menina né boa de trabalho, não”, “essa menina não...”. E quando eu ia apresentar os trabalhos “oxen, e tu fala assim é? Tu é assim? Eu nunca pensei que tu tinha essa capacidade. [espanto/surpresa]”. As pessoas julgam a gente é por conta da cor, porque eu não disse nada, pra ela tirar uma ideia antes “não, ela se comporta assim, porque ela é assim, porque ela fala assim”, mas se eu não mostrei nada antes, só por que eu estou calada? Só por que eu estou quietinha ali as pessoas dizem essa menina não dá nada? Então eu acho que não é pelo o que você fala, mas sim já tiram um preconceito sobre por causa da sua cor mesmo. [respiração forte].

Agg Vidas: eu gostava muito de estudar, porque eu queria ser diferente, eu gostava muito de aprender, eu gostava muito, eu perguntava muito os professores, eu queria ser a diferença eu gostaria de fazer a diferença. Então era assim na escola, tanto na escola eu participava de tudo, eu fazia questão de participar que até os professores viam que realmente eu gostava...estou me arrepiando [sussurro] [começa a se emocionar, chorar] gostavam tanto que eu fizesse isso realmente, então eles sempre pediam minha opinião, eles sempre queriam que eu participasse. [pausa longa para se recompor]. É complicado, mas a gente passa por situações, mas a gente amadurece por cada uma. [nesse momento ela pediu para que parece um tempo a entrevista, depois retomamos]. Continuando, como eu disse, na questão da escola era assim, de trabalho também, sempre quis me destacar, não pro ser assim [por ser uma pessoa negra], porque justamente gostaria de fazer a diferença, de ser diferente, de fazer a diferença.

Carla: Eu nunca tive muito amigo, porque como eu disse... Uma vez uma professora passou um trabalho em grupo e a menina não queria fazer comigo. Pegou as coisas dela foi pra uma outra mesa e as pessoas que estavam lá foram com ela e todos mais claros do que eu. Só tinha uma pessoa que ela era mais ou menos da minha cor, era mais claro, mas era negro também e ele foi o único que ficou comigo que é um amigo que tenho até hoje. Foi o único que ficou lá, foi o único que aceitou fazer o trabalho comigo. Isso machuca você escutar as pessoas dizendo várias coisas sobre você que não é verdade. Que pra você é normal ser do jeito que você é, era uma criança. Ninguém tem que dizer a uma criança que ela não tem valor, que ela parece um ‘macaco’ pela cor dela. Isso já aconteceu comigo várias vezes. Eu espero que algum dia eu possa ensinar aos meus filhos que todo mundo tem valor independente de sua cor. [...] Muitas vezes eu queria fazer alguma coisa na escola. Foi num dia que a gente fez uma apresentação sobre um trabalho dos portugueses, a chegada deles no Brasil e não me deixaram interpretar, era uma peça de escola, não me deixaram interpretar, porque eles disseram que os portugueses eram brancos e eu

era negra. E o que é que eu pude fazer? Nada. Eu fiquei lá olhando eles fazerem e todos, todos os trabalham que tinham ninguém queria fazer comigo, nunca. Eu basicamente ficava no canto, o professor tinha que obrigar alguém a fazer o trabalho comigo. Isso é no mino chato [risos]. Mas não deixei isso me afetar, consegui terminar o fundamental basicamente sem ajuda de ninguém, então é isso que importa.

A história da educação no Brasil sempre foi um campo de disputas e atravessados por teorias racistas, misóginas e elitistas. O pensamento que no Brasil só havia pessoas selvagens e degeneradas e que precisavam ser domesticadas e educadas sustentam as matrizes curriculares da educação pública brasileira desde a sua criação. Nesse sentido, o acesso da população negra à escolarização, até os dias atuais, é atravessado pela representação de incapacidade, inadequação e inferioridade, tal pensamento arquitetado pela elite intelectual branca. Assim, a população negra – em particular a mulher negra – encontra no ambiente educacional um espaço desfavorável à sua existência, “seus modos de vida, sua linguagem, sua cor, seu cabelo, seus cultos. Tudo isso era visto como sinal de atraso, de degenerescência e precisava, então, ser corrigido” (ALMEIDA; ALVES, 2011, p.87).

Carla reencena esse processo histórico de inadequação nas vivências ocupacionais nesse cenário quando conta que *“Muitas vezes eu queria fazer alguma coisa na escola. Foi num dia que a gente fez uma apresentação sobre um trabalho dos portugueses, a chegada deles no Brasil e não me deixaram interpretar, era uma peça de escola, não me deixaram interpretar, porque eles disseram que os portugueses eram brancos e eu era negra”*. Enquanto uma menina negra na escola, ela revive a cena de não ser o suficiente para interpretar um papel de uma portuguesa, isso revela na vida das mulheres negras, no exercício da realização de suas vidas cotidianas e em suas ocupações, a sensação de serem insuficientes, incompletas, que falta algo nelas para que realizem seus desejos.

No cenário escolar/acadêmico as experiências de mulheres negras que desejam reencenar suas vidas agora como protagonistas, mais uma vez são silenciadas, violentadas, colocadas *“no meio, num círculo, que elas fechavam e ficavam me catucando”* assim como Rute, como espécie de vitrine, jaula, onde a menina/mulher negra é exposta como inadequada, inespecífica, portanto, não pertence ao meio escolar/acadêmico (KILOMBA, 2019).

Contudo, nessas vivências ocupacionais no ambiente escolar/acadêmico, a tentativa de superar as marcas do racismo cotidiano vivenciado por essas mulheres é a partir do acionamento de uma tecnologia importante, a tecnologia do afeto, de se unir com aquele/aquela que entenderá a dor, aquilombar-se. O aquilombamento é expresso quando Carla diz que *“Só tinha uma pessoa que ela era mais ou menos da minha cor, era mais claro,*

mas era negro também e ele foi o único que ficou comigo que é um amigo que tenho até hoje”.

Aquilombar-se é quando existe uma identificação, um enfrentamento às discriminações, um senso protetivo, um espaço afetivo e esperançoso que carrega o sentido originário e territorial, no entanto, ressignificado, aquilombar-se “é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (SOUTO, 2020, p.141). A proposta cultural-tecnológica é a possibilidade de uma produção de rede de suporte social voltado para a população negra como todo e para a mulher negra em particular, em espaços escolares/acadêmicos como acolhimento das vivências ocupacionais em seus cotidianos e a valorização de perspectivas afroreferenciadas na produção discursiva na formação da comunidade educacional (OLIVEIRA et al, 2021).

Outro ponto a destacar em relação às questões educacionais dessas mulheres, refere-se que, mesmo diante de um tempo maior de estudos de algumas entrevistadas, tal como demonstrado no perfil das participantes, não houve uma mobilidade de emprego correspondente ao grau de escolaridade. Isso pode demonstrar que, mesmo tendo um maior tempo de estudo as matrizes interseccionais atravessam e potencializam as relações de trabalho.

A partir das narrativas, nota-se também que quando a experiência educacional é amalgamada com as obrigatoriedades do trabalho formal coloca-se a mulher em uma encruzilhada, fortemente atrelada à questão de sobrevivência, mas sobretudo, à naturalização de um não pertencimento desta população aos estratos educacionais qualificados. Assim, a mulher negra se depara com uma “escolha” mortífera entre sobreviver ou resistir na crença da busca por melhores oportunidades de vida.

Inês: A assistente social me chamou [pausa] “você é uma excelente funcionária, trabalha bem, tal, mas tá acontecendo um problemazinho. Você até tal data chegava aqui normal, no horário, mas tal data e tal data você chegou 2 dias, 2 vezes, passando das 14 horas” eu digo “mas, eu não tenho limite de 15 minutos?” [pausa] aí ela disse “esse limite é dado aos treinamentos, o certo é você pegar no horário certo, né. Você está no seu local de trabalho, no mínimo 10 minutos antes de começar o horário” aí eu digo “eu sei disso” aí ela disse “você sabe?” eu disse “eu sei” “então 15 minutos é dado se [ênfase] acontecer o extremo [pausa] entendeu? Mas de duas vezes a terceira vez você vai receber advertência. O que é que tá acontecendo?”. Aí eu expliquei a ela, Marli a assistente social. Por sinal uma negra também igual a mim, que estava tentando fazer cursinho pré-vestibular. Na minha cara ela disse [tom de revolta] “então você tem duas escolhas, ou você fica com o cursinho, ou você fica com seu trabalho, os dois não dá pra conciliar” Mais uma vez eu levei uma rasteira em levar meus sonhos a frente. Então, o que eu fiz? Fechei o cursinho, porque do cursinho eu não sobreviveria, né. Financeiramente, mas tinha um trabalho, então...

As mulheres negras ainda assumem lugares no mercado de trabalho subalternizados como os serviços domésticos, mesmo que tenha havido uma expansão do mercado de trabalho para as mulheres. Entretanto, quando as mulheres negras tentam um investimento maior no tempo de estudo numa alternativa de uma mobilidade social, ainda assim, não conseguem assumir postos privilegiados, sendo direcionadas à empregos pouco atrativos em trabalho menos qualificados. Isso pode ser explicado pela sobreposição dos dados de gênero e raça em relação ao tempo de estudo e acesso ao mercado de trabalho que são atravessados pelo racismo estrutural e patriarcado fazendo com que as mulheres negras se encontrem em um dilema de “escolhas” entre estudar ainda mais para alcançar uma posição social aceitável ou trabalhar em empregos informais e subalternizados (LIMA, 1995).

Essas “escolhas ocupacionais”, dentro da Terapia Ocupacional, se configuram como tomadas de decisões por determinadas atividades ocupacionais pelos/pelas sujeitos/sujeitas que apreendem de vontade/desejo, condições físicas, psíquicas, emocionais e sociais. A partir de uma leitura do conceito de *Apartheid Ocupacional*, as escolhas ocupacionais de mulheres negras periféricas são atravessadas por determinantes raciais e sociais que encurralam a partir de uma dominação branca, heterocispatriarcal e elitista que configura quais ocupações são valorizadas em detrimento de outras, a depender em que contexto e que corpo os realizam (KRONENBERG; POLLARD, 2006). “O apartheid ocupacional não é um incidente da ação humana, mas sim uma ação premeditada, que por meio da conjuntura política e social resultam em discriminar e excluir” (GUEDES, 2020, p.29).

“Aí eu expliquei a ela, Marli a assistente social. Por sinal uma negra também igual a mim, que estava tentando fazer cursinho pré-vestibular. Na minha cara ela disse [tom de revolta] “então você tem duas escolhas, ou você fica com o cursinho, ou você fica com seu trabalho, os dois não dá pra conciliar” Mais uma vez eu levei uma rasteira em levar meus sonhos a frente”, aqui Inês é mais uma vez levada para um lugar de inadequação de não pertencimento, e que portanto, precisa fazer uma escolha, confirmando que ela não pertence ao campo acadêmico/educacional e é convidada pelo “capitalismo industrial competitivo” (GONZALEZ, 2020) a se retirar da atividade laboral caso haja uma escolha por estudar. Na verdade, neste caso, não há poder de escolha, e sim, um entrelaçamento de forças societárias e institucionais, fortemente orientados pela desigualdade racial e de gênero, proveniente de diferentes matrizes, que impõem certo grau de acessibilidade e mobilidade social a determinados grupos sociais. Condições desfavoráveis que as relações institucionais e societárias as expuseram.

2.2. Vivências de não pertencimento invisibilidade no trabalho:

“você foi o melhor teste que teve tanto em taquigrafia como datilografia, como na redação. Você é uma pessoa que se expressa bem, mas a gente está procurando uma pessoa de aparência...”

Foi observado que as participantes possuem mais relatos de vivências de opressões nas experiências laborais, tendo em vista que o trabalho ocupa a maior parte da vida cotidiana de adultos/adultas. Essas experiências opressivas no ambiente de trabalho perpassam desde a negação da posse de vagas até a invisibilidade nessas relações. Vale salientar que, mesmo que as participantes estivessem prontamente qualificadas para as funções concorridas e/ou assumidas, o racismo genderizado institucional e as desigualdades socioeconômicas sustentaram os episódios de racismo vivenciados nesses ambientes. Uma outra observação feita é sobre as consequências que isso gera na saúde mental das participantes, provocando sentimentos de menos valia e estados depressivos.

Inês: Quando terminei esse curso [datilografia e taquigrafia], aí a gente procurava emprego na época pelo jornal. Comecei a conseguir jornal pra procurar emprego [com muita ênfase] né, pra procurar emprego. A gente procurava emprego pelo jornal, nem sei se existem ainda esse método. Enfim, consegui um emprego lá no edifício [pausa] é [pausa]Novo Recife, aquele prédio lá do cinema São Luiz, bem no centro da cidade ali na rua do Sol. Eu botei minha melhor roupa, me aprontei, fui fazer esse teste. Quando cheguei lá tinha eu e mais 6, né. Então fiz esse teste. Quando terminou a entrevista, o teste de datilografia, taquigrafia, tudo, a pessoa que me entrevistou me chamou, fez uma entrevista individual e disse “você foi o melhor teste que teve tanto em taquigrafia como datilografia, como na redação. Você é uma pessoa que se expressa bem, mas a gente está procurando uma pessoa de aparência. [pausa prolongada]. Aí eu disse “não entendi”. [pausa]. Na época eu não tinha a língua solta, porque se fosse hoje aquele sexto andar eu ia virar ele de cabeça pra baixo, entendeu? Aí olhei pra ela assim “eu não entendi. A senhora podia me explicar de novo? Porque se a senhora disse que o melhor teste foi o meu e eu fui bem em tudo, o que é que a senhora diz por aparência?” “é uma pessoa de cor... uma pessoa que seja branca, que tenha cabelo [faz o gesto de cabelo aparentemente liso] e temos essa candidata aí, ela não foi bem, mas ela tem aparência pra se apresentar. Aí abaixei a cabeça. Ah meu deus do céu se isso fosse hoje. Eu baixei a cabeça e disse “tá certo” eu já não desci de elevador, desci a pé. O mundo caiu na minha cabeça eu me preparei, eu estava preparada [tom de revolta] pra dá um passo na minha vida, melhorar minha vida. Aquela pessoa acabou comigo. Eu vim chorando desesperada, eu rasguei diploma “eu não vou mais pra mais nada [...]essa parte desse emprego que tive que foi, eu acredito que tenha sido minha maior decepção como negra, de ser, na minha cara a pessoa dizer que não vai me contratar por eu ser negra esse foi o maior impacto, quando eu sai dali eu chorei 2 meses, fiquei numa espécie de depressão, mas eu me sai e disse que não ia deixar mais ninguém mais me tratar como capacho.

Rute: Hoje aqui no trabalho, aqui no setor é tranquilo, mas quando leva para níveis maiores, vamos dizer assim, uma gerência, na área de gerência, na área de atenção básica maior, os gestores maiores, lá fora eles tratam a gente muito mal. E eu já percebi que as pessoas assim, me tratam mal, me tratam mal mesmo. Não deixa

falar, não quer ouvir, e eu já percebi que outras pessoas que só é um pouco mais claro fala a vontade, já passei por situações assim. Aqui dentro do trabalho não, que eu já me posicionei aqui dentro. No início não, eu fui bem acolhida, mas algumas pessoas eu senti que não queriam recepcionar bem, mas como eu já tinha aprendido que tem que saber entrar e tem que saber sair, eu me posicionei, como me posiciono até hoje e eu digo sempre ao pessoal, ninguém precisa gostar de mim, mas exijo respeito da mesma forma que eu respeito. Então eu não abro mão disso.

Azeviche: Quando eu era tesoureira da empresa muitas vezes eu viajava pela empresa e quando eu chegava na minha vez de representar a empresa as pessoas ficavam esperando. [...] Uma vez teve um seminário, uma coisa lá, eu fui representando a empresa e quando chamaram a empresa eu me aproximei e eles continuaram chamando a empresa. Nós tínhamos o crachá e tinha uma bandeirinha com o nome da empresa e eu estava segurando aquilo com o nome da empresa, Bandeirantes. A pessoa que estava com o microfone continuou chamando “Bandeirantes, renovadora de pneus” eu digo “eu estou aqui”. Umás três vezes eles chamaram pra poder ver que era eu. Isso eu tenho certeza porque eu era mulher negra e não tinha nenhuma mulher negra representando as empresas.

Carla: É bom meu trabalho, porque independente de quem eu sou, da minha cor, as pessoas não me tratam com indiferença, por incrível que pareça que é um trabalho que você lida muito com o público, as pessoas tratam com respeito. Elas respeitam você, respeita o que você tá fazendo e não trata você conforme a sua cor. Mas também já teve muito cliente “ah eu sonhei com alguém negro vai dar macaco” [participante trabalha com jogos de aposta/cambista] “ah fulano é negro vai dá macaco” eu digo “não gente o que é que tem a ver? Também existe macaco branco se for assim. E tem o marido da senhora que eu trabalho ele é muito preconceituoso. Eles têm uma filha negra retinta e outra filha branca, loira mesmo. Eles falam muito da filha deles, a filha branca “ah minha filha” [tom de admiração]. Só que eles têm duas filhas, eles falam muito bem de uma [a branca] que ela é formada, é casada, não tem filhos, e a outra [a negra] ela não teve estudo, ela teve filho cedo, ela é negra, ela tem o cabelo crespo, ela tem uma vida no mínimo sofrida, porque ela teve que batalhar mais desde cedo e eles falam com muito orgulho de uma e muito preconceito, muito desprezo pela outra. E eu fico escutando isso, as duas são filhas deles, por que que ele trata uma como se fosse a coisa mais importante e a outra como se ela não fosse nada? Eu penso nisso, mas eu não digo nada, porque a vida é dele, eu não vou me meter na família dele.

No processo de pós abolição, a mulher negra se viu em uma posição de sustentar moral e existencialmente seus familiares. Ela precisou se dividir nas atividades laborais nas casas das empregadoras e ainda ter que desempenhar suas demandas em casa. A partir da década de 1950 com a modernização dos setores industriais, a mulher negra foi impelida a buscar outros setores, pois as fábricas têxteis, onde ela tinha mais inserção de trabalho, estavam abrindo falência. Restavam setores alimentícios e de vestuários onde também se via em minoria racial. Nesse período setores administrativos abriam vagas, contudo exijam “educação” e “boa aparência” (GONZALEZ, 2020)

Mesmo nos dias atuais, em que se constata melhorias quanto ao nível de educação de uma minoria de mulheres negras, o que se observa é que, por maior que seja a capacidade que demonstre ele é preterida [...] as expressões “boa aparência”, “ótima aparência” constituem um código cujo sentido indica que não lugar para a mulher negra (GONZALEZ, 2020, 42)

Inês vivencia uma reedição desse processo histórico quando *“A pessoa que me entrevistou me chamou, fez uma entrevista individual e disse “você foi o melhor teste que teve tanto em taquigrafia como datilografia, como na redação. Você é uma pessoa que se expressa bem, mas a gente está procurando uma pessoa de aparência”*. Essa vivência escancara as dimensões de subalternidade e de apagamento das mulheres negras no mercado de trabalho, onde mesmo que elas alcancem vagas importantes nos setores haverá uma estrutura racista impelindo-as daquele lugar.

A experiência de Azeviche demonstra que mesmo assumindo cargos qualificados, a mulher negra é invisibilizada *“eu fui representando a empresa e quando chamaram a empresa eu me aproximei e eles continuaram chamando a empresa. Nós tínhamos o crachá e tinha uma bandeirinha com o nome da empresa e eu estava segurando aquilo com o nome da empresa, Bandeirantes. A pessoa que estava com o microfone continuou chamando “Bandeirantes, renovadora de pneus” eu digo “eu estou aqui”*. Umás três vezes eles chamaram pra poder ver que era eu”

Essas vivências expõem, de forma mais ampla, a fragilidade ao acesso do direito básico a cidadania que também se dá na garantia e dignidade de condições de trabalho e emprego que, historicamente, pessoas negras no geral e mulheres negras em particular, nas instituições e setores de trabalho, apresentam desvantagens sistemáticas no que diz respeito ao acesso ao mercado de trabalho (CARNEIRO, 2005).

A mulher negra traz consigo a alma devastada e dilacerada pela dor, pela memória de infindáveis humilhações, suplícios e punições por carregar simultaneamente uma cor de pele e uma identidade de gênero. A representação das mulheres negras na sociedade, e as experiências traumáticas foram e são expostas cotidianamente na sociedade racista, como consequência dessa vivência marcada por aprisionamentos, limitações e luta, percebe-se que há uma relação entre o racismo e a saúde mental das mulheres negras.[...]Em que essas relações construídas com disparidade dos gêneros feminino e étnico racial impactam profundamente a saúde da mulher negra, estando mais vulnerável aos sintomas e doenças psicossomáticas (XAVIER et al, 2022, p.8 e 17).

Rute, e Inês narram suas experiências e os efeitos do silenciamento no ambiente de trabalho na saúde mental da mulher negra quando dizem que *“...os gestores maiores, lá fora eles tratam a gente muito mal. E eu já percebi que as pessoas assim, me tratam mal, me tratam mal mesmo. Não deixa falar, não quer ouvir”* e *“na minha cara a pessoa dizer que não vai me contratar por eu ser negra esse foi o maior impacto, quando eu sai dali eu chorei dois meses, fiquei numa espécie de depressão,”*. Como afirmam Xavier e colaboradoras (2022), o impacto traumático das vivências de racismo – no ambiente de trabalho nesse caso –

expõem essas mulheres ao adoecimento mental e conforme Grada Kilomba, o racismo cotidiano reatualiza o trauma colonial, reposicionando os corpos das mulheres negras na relação de servas-escravas, corpos-territórios invadidos pelos seus senhores/senhoras brancos/brancas, sendo mais uma vez roubadas, violadas, sequestradas, simbólica e metaforicamente (KILOMBA, 2019).

2.3. Vivências de insegurança e não pertencimento na utilização dos espaços públicos:

“Eu fui ao shopping com ela uma vez ela com birra derramou o sorvete no chão e eu a fiz limpar o sorvete e os seguranças vieram me segurar...”

As experiências de opressões também se dão na utilização de espaços públicos do território e na realização das vivências ocupacionais diversas como uso do banheiro de uma unidade de saúde, utilizar o ônibus, aguardar atendimento em banco, atividades religiosas na igreja. O racismo genderizado e as desigualdades socioeconômicas se apresentam institucionalizadas nos discursos e nas atitudes de pessoas. Isso revela que o racismo e as diferenças de classe além de observar as questões biológicas e/ou geográficas se dão principalmente no processo discursivo e atitudinal.

Inês: Você está na fila do banco a pessoa aponta para o outro “tá ali de junto daquela negra, daquela moreninha” eu digo “não. Se fosse uma pessoa branca que tivesse ali você dizia, tá perto daquela senhora, você não dizia que tá perto daquela galega, aquela loirinha, aquela branquinha, mas como uma negra que tem lá você diz, olha tá perto daquela moreninha, ô, aquela negrinha. Eu tenho nome, eu sou uma senhora”. Essa semana mesmo eu disse no posto. Eu estava no banheiro, eu entrei no banheiro aí entrou uma pessoa batendo eu disse “tem gente” aí do lado de fora disseram “aquela morena alta tá aí”. “Aquela morena alta, não, aquela senhora”. “Não se identifica as pessoas pela cor, pela cor dela, cor da pele”. Aí sai olhei pra ele “entendeu senhor. Se fosse um branca que tivesse aí dentro, o senhor ia dizer, é uma senhora que estava aí, era só o suficiente dizer isso. Tudo vocês jogam a cor na cara, estou cheia” [tom de revolta]. [...] Olha uma vez eu, esqueci de contar esse assunto aqui, eu sentei no ônibus, o ônibus estava lotado que era uma maravilha, sentei, aqui [indicando com o corpo e o movimento da cadeira que era a cadeira do corredor e afastando seu braço pra linha media do corpo] homem não tem isso né. Tinha uma mulher linda, branca, loira e de olhos azuis, que pra mim tanto faz. Eu sentei aqui na ponta e ela aqui [indicando que estava em pé no corredor ao seu lado] quando ela tocou em mim ela fez assim [sinal de afastamento e limpeza com as mãos], eu digo “lascosse”. O ônibus lotado, ela fez assim [repetiu o movimento] com nojo de mim.

Rute: Algumas coisas que eu passei também dentro da igreja, como eu disse, eu sou evangélica, mas a igreja as vezes, as pessoas dentro da igreja machucam muito a gente. Eles, elas mangam da gente, elas criticam a gente o tempo todo, [batem na porta, fica um silêncio. Ela tem uma respiração forte]. As pessoas elas criticam muito. Elas criticam porque você não tá com uma roupa boa, elas criticam porque você não tá...elas mangam, elas mangam de você literalmente. Foi de uma certa

forma a própria igreja que me fez amadurecer em algumas coisas, porque pra mim muita coisa era pecado. “olha isso que tu está fazendo é pecado, tá?” aí eu “é? É. Tá”. “olha isso que tu estás usando aí é pecado”, mas era pecado pra mim, mas não era pecado para as outras pessoas, pra eles mesmo que diziam que era pecado pra mim [respiração forte].

Azeviche: Marcante, marcante mesmo. Tinha as amigas de uma das minhas sobrinhas e uma delas com 14 anos ganhou um bebê, uma menina bem loirinha, era Dandara. Ela [a amiga da sobrinha] se envolveu com coisas ilícitas e eu passei dois anos depois desse episódio [da empresa de pneus] sem trabalhar e eu fiquei com a menina. A menina me chamava de mãe, como até hoje me chama. Eu fui no shopping com ela, uma vez ela com birra derramou o sorvete no chão e eu a fiz limpar o sorvete e os seguranças viram me segurar. Vieram, não me ameaçaram, mas dois seguranças disseram que eu não podia mandar a menina limpar o chão. Quando ela viu os seguranças conversando comigo ela começou a chorar e me chamando de mãe. Eles foram tão indiscretos que eles disseram “MEU DEUS, é a mãe da menina” e se largaram. Essas coisas, assim de racismo infelizmente sempre vai existir.

As práticas opressivas interseccionais são sustentadas pelos discursos e atitudes, como é visto também nas formas atuais do racismo cotidiano. Dessa maneira as vivências dessas mulheres em diversos espaços públicos como no branco, na unidade de saúde, na igreja, na rua, no supermercado, no ônibus são atravessadas pelos discursos racistas, machistas e classistas. Quando Inês diz “*eu entrei no banheiro aí entrou uma pessoa batendo eu disse “tem gente” aí do lado de fora disseram “aquela morena alta tá aí”. “Aquela morena alta, não, aquela senhora”. “Não se identifica as pessoas pela cor, pela cor dela, cor da pele”*”, ela está vivenciando um embate discursivo do racismo cotidiano que mais uma vez traz para centralidade das relações a diferença da cor e a resistência. Nesse trecho também é possível considerar que a cor da pele dela é a única prerrogativa de identificá-la como sujeita, reduzindo-a a tal (KILOMBA, 2019).

Essa mesma leitura pode ser notada na vivência de Azeviche quando “*Eu fui no shopping com ela, uma vez ela com birra derramou o sorvete no chão e eu a fiz limpar o sorvete e os seguranças viram me segurar. Vieram, não me ameaçaram, mas dois seguranças disseram que eu não podia mandar a menina limpar o chão. Quando ela viu os seguranças conversando comigo ela começou a chorar e me chamando de mãe. Eles foram tão indiscretos que eles disseram “MEU DEUS, é a mãe da menina” e se largaram.*” Os seguranças a colocaram inconscientemente antes da abordagem, em outro lugar que não de mãe da criança, por quê? Qual critério dizia que ela não era mãe daquela criança? Existe aqui um esforço de que sempre que há episódios como esses, as pessoas negras como todo e mulheres negras em particular, lhes colocam no lugar de não pertencimento àquele espaço, o seu corpo e as atitudes são inadequados e devem se explicar a partir da ótica branca, sua

existência só é possível a partir da autorização do sujeito/sujeita branco/branca (KILOMBA, 2019; FANON, 2020).

Assim, a lógica opressiva interseccional de mulheres negras em espaços públicos além de passar pelo crivo do machismo passa pela lógica colonial do racismo reatualizado pelo racismo cotidiano (KILOMBA, 2019). Esse argumento interseccional, corroborado pela filosofia feminista decolonial latino-americano, tem se adentrado recentemente nos debates e produções das terapias ocupacionais do Sul (NÚÑEZ, 2019), bem como, pontualmente, da Terapia Ocupacional crítica anglo-saxã. Evidencia-se um alargamento analítico e um posicionamento político da área, no que tange à concepção de ocupação lida como fenômeno imerso nas relações desiguais de poder, sociais econômicas, políticas, culturais e raciais, reproduzidas nas vivências ocupacionais e nos cotidianos de mulheres negras, como evidenciado por este estudo.

Conclusão

A partir das vivências ocupacionais ao longo das trajetórias cotidianas foi possível apreender que as dimensões interseccionais de opressões, principalmente de raça, gênero e classe social, privam o cotidiano dessas mulheres no que diz respeito aos cenários educacionais, de trabalho e/ou em diversos espaços de participação pública.

Essas dimensões opressoras quando interligadas colocam os corpos dessas mulheres negras em uma espécie de não pertencimento, como se fossem inadequadas e até cerceadas de participarem e desenvolver suas ocupações em tais contextos. Vale salientar que é importante a ampliação e o aprofundamento acerca do cotidiano da população negra, em especial das mulheres negras, pois existem outras dimensões e contextos que é possível que expressem vivências ocupacionais atravessadas pelas dimensões interseccionais de opressões.

Importante ressaltar também que em meio a tantas violações e privações em suas vivências ocupacionais, essas mulheres negras encontraram em suas trajetórias estratégias de proteção, como forma de aquilombamento, de ressignificação e enfrentamento das opressões.

Assim, existe uma necessidade de aprofundamento a partir da área de conhecimento da Terapia Ocupacional, no que diz respeito ao conceito da teoria da interseccionalidade para um maior alcance sobre tais temáticas. Dessa maneira, poderá trazer uma perspectiva crítica sobre como as opressões articuladas operam nas vivências ocupacionais cotidianas de diversas populações que a Terapia Ocupacional acompanha.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, S.L. **Racismo Estrutural**. 5. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 264 p.
- ALMEIDA, G.E.S.; ALVES, C.M.C. Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas. **Educação em Questão**, Natal, v. 41, n. 27, p. 81-106, 2011.
- AMBRÓSIO, L.; SILVA, C.R. Interseccionalidade: um conceito amefricano e diaspórico para a terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da Ufscar**, São Carlos, v. 30, n. 3150, p. 1-11, 2022.
- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. 1. Ed. São Paulo: Jandaira, 2020, 152 p.
- AMORIM S.G., et al. “Asfixias sociais” da população negra e questões para a Terapia Ocupacional. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.4, n.5, p. 719-733, 2020
- BALANTA-COBO, P. *et al.* Direitos humanos e sociais e terapia ocupacional: a necessidade de uma perspectiva pela interseccionalidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 30, n. 30202203, p. 1-6, 2022.
- CARNEIRO, S. **O combate ao racismo no trabalho**. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-combate-ao-racismo-no-trabalho/?gclid=Cj0KCQjw5ZSWBhCVARIsALERCvxtdvnnbBXmFJ-sHMfHbuXC1LNoEkhG....> Acesso em: 06 jul. 2022.
- CRENSHAW, K. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento: Raça e Gênero**. UNESP/UNB, 2004. Disponível em: <https://nesp.unb.br/popnegra/index.php/biblioteca/2-genero-raca-e-saude/5-a-interseccionalidade-na-discriminacao-de-raca-e-genero> Acessado em: 05 de junho de 2021.
- COLLINS, H.P. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v.5, n.1, 2017.
- COLLINS, P.H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 686 p.
- COSTA M.C., et al. Laboratório ISÉ: construções de estratégias para restituição histórica e existencial de pessoas negras. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.4, n.5, p. 734-741, 2020
- COSTA, M.C.; COSTA J.C.; SANTOS, A.C. Terapia Ocupacional Afroreferenciada. In: **Terapia Ocupacional, Saberes e Fazeres**. Editora: Brazil Publishing, 2021.143 p.
- FANON. F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Ubu, 1. ed., 2020, 320 p.
- GALHEIGO, S.M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.
- GALHEIGO, S.M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 05-25, 2020.

GERLACH, A., et al. Expanding beyond individualism: engaging critical perspectives on occupation. **Scandinavian Journal Of Occupational Therapy**, v. 25, n. 1, p. 35-43, 2017.

GUEDES, B.R. **Apartheid ocupacional de mulheres negras brasileiras**: revisão narrativa. 2020. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas**. Informação demográfica e sócioeconômica. n.41, 2019.

IBGE. **Cidades e Estados**: Dados sociodemográficos de Jabotão dos Guararapes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/jaboatao-dos-guararapes.html>, acesso: 11 de julho de 2022.

HAMMELL, K. R. W. Occupation, well-being, and culture: Theory and cultural humility. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, cidade, v.80 n.4, p. 224-234, 2013

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo v. 26, n. 1 p. 61-73, 2014

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de: Jess Oliveira.

KILOMBA, G. Prefácio: Fanon, Existência, Ausência. *In*: FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2020. p. 11-16. Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo.

LIMA, M. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras. **Estudos Feministas**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 489-495, 1995.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). **Terapia Ocupacional Social**: desenhos teóricos e contornos práticas. São Carlos: Edufscar, 2016. 374 p.

MARTINS, JS. **Uma Sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wrigth Mills e de Henri Lefebvre. Contexto, São Paulo, p. 221, 2020.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.

MONCLUS, P. G.; TARRÈS, J. P. Occupational Therapy: Autonomy, Governmentality and Subjectification. **rev.estud.soc.** cidade v n.57, p. 68-77, 2016

MONZELI, G.A. et al. Perspectivas e tendências da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais: um olhar sobre o Congresso Mundial 2018 - Cidade do Cabo, África do Sul. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v.26, n.3, p 511-512, 2018.

MORRISON, R.; VIDAL, D. **Perspectivas ontológicas da Ocupação Humana em Terapia Ocupacional**: uma aproximação à filosofia da ocupação. 2. ed. Porto Alegre: Compasso

Lugar Cultura, 2021. 132 p. Tradução e revisão técnica de: Ana Lucia Soares; Luciana Gaelzer Wertheimer

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 232 p.

NEVES, E.P.; ZAGONET, I.P.S. Pesquisa-cuidado: uma abordagem metodológica que integra pesquisa, teoria e prática em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 11, n. 1, p. 73-79, 2006.

NOGUEIRA, M.L.M., et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 2, n. 12, p. 466-485, 2017

NÚÑEZ, C.M.V. Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 671-680, 2019

POLLARD, N.; KRONENBERG, F. Superar el Apartheid Ocupacional: exploración preliminar de la naturaleza política de la terapia ocupacional. In: KRONENBERG, F.; ALGADO, S.S.; POLLARD, N. (org.). **Terapia Ocupacional sin fronteras: aprendiendo el espíritu de supervivientes**. Buenos Aires: Madrid: Médica Panamericana, 2006. Cap. 6. p. 58-84.

OLIVEIRA, V.H.N. *et al.* “A Coisa tá Preta, a Coisa tá Boa”: aquilombamento no contexto da formação universitária. **Revista Ufg**, Goiânia, v. 21, n. 2169092, p. 1-22, 2021.

PAIS, J.M. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, Sergipe, v. 1, n. 1, p. 107-128, 2013

SANTOS, I.M.M.; SANTOS, R.S. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 17, p. 714-719, 2008.

SILVA, D.B. Terapia Ocupacional, cotidiano e pandemia COVID-19: inquietações acerca do ocupar o tempo-espaço. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup**, Rio de Janeiro. suplemento, v.4, n.3, p. 529-553, 2020.

SILVA, A.P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v.1, n., p. 25-35, 2007.

SILVA, R.A.; MENEZES, J.A. A interseccionalidade na produção científica brasileira. São João Del-Rei: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 4, out-dez, 2020.

SOUTO, S. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 133-144, 2020.

STRAUS, E.J.; BROWN, H. J. The potential contribution of critical theories in healthcare transition research and practice. **Disability and Rehabilitation**, cidade, v n ,p. 1-9, 2019

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v.44, n.22, p. 203-220, 2014.

XAVIER, Daniella de Barros *et al.* **As implicações do racismo na saúde mental da mulher negra**. 2022. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade Brasileira Multivix, São Mateus, 2022.

YAM, N.; MURPHY, A.; THEW, M. Occupational Therapy for South Asian Older Adults in the United Kingdom: Cross-Cultural Issues. **British Journal of Occupational Therapy**, UK, v.0 n.0 p. 1-9, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilitou compreender as complexidades das repercussões interseccionais de raça, gênero e classe social no cotidiano de mulheres negras periféricas e os efeitos dessas relações nas vivências ocupacionais. As desigualdades racial e de gênero afetam ocupações e cotidianos de mulheres negras aqui evidenciadas.

Dessa maneira, ver-se na teoria da interseccionalidade um importante achado conceitual, onde criticamente, a Terapia Ocupacional pode se apoiar para compreender e intervir sob a ocupação humana como um fenômeno social. Fazendo essa correlação, considera-se o inter cruzamento das dimensões opressoras que configuram os contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e as vivências ocupacionais, principalmente de pessoas marcadas pelas questões raciais, de gênero, classe social e sexualidade, categorias observáveis da interseccionalidade.

De tal modo, a partir do conhecimento das histórias da vida cotidiana e das vivências ocupacionais dessas mulheres foi possível encontrar e destacar diversas dimensões interseccionais, que atravessam suas experiências e privaram seus cotidianos, no que diz respeito aos cenários de cuidado, família, identidade, educação, trabalho e em diversos espaços de participação pública.

Nesse sentido, o maior percurso dessas mulheres em suas histórias foi a busca do eu, de se tornarem sujeitas e diante disso, a construção de suas identidades. Para tanto, a teoria da interseccionalidade torna-se uma importante ferramenta de análise para compreender os efeitos das intersecções opressoras não apenas identitário e individual, mas sobretudo os engendramentos estruturais. Afinal, os efeitos perversos das opressões de poderes hegemônicos impactam diretamente as vivências ocupacionais e cotidianos dessas mulheres e revelam a desumanização de suas experiências e expressam a naturalização do racismo genderizado.

O racismo cotidiano, o heterocispatriarcado e o capitalismo remontam cenários de diversas formas de violências, sejam sutis ou explícitos, e que modificam os contextos subjetivos das mulheres negras. Essas dimensões opressoras quando interligadas colocam os corpos e corporeidades dessas mulheres em uma espécie de não pertencimento, como se fossem inadequadas em participarem e estarem desenvolvendo suas ocupações em tais contextos.

Entretanto, as mulheres negras participantes desse estudo encontraram momentos de resistir a tais violências, onde a potência e o enfrentamento em cada história revelam a criação

de estratégias de superação, descolonização e de resistências aos sistemas opressores. Importante ressaltar também que, em meio a tantas violações e privações em suas vivências ocupacionais, essas mulheres negras encontraram em suas trajetórias estratégias de proteção, como forma de aquilombamento.

Diante disso, a Terapia Ocupacional, independente do campo de atuação, deve estar atenta as relações étnicas-raciais e às desigualdades, pois muito se fala apenas das questões e dimensões socioeconômica, dissociada das demais estruturas, principalmente das questões raciais. É necessário cada vez mais uma Terapia Ocupacional comprometida, engajada e criticamente posicionada acerca das diversas dimensões que atravessam as vidas cotidianas e ocupações das populações atendidas pela profissão. Ao longo de sua história, terapeutas ocupacionais realizam um esforço em aperfeiçoar e retomar discussões mais críticas acerca do conceito de ocupação e as diversas dimensões que o abarcam.

É importante que outros aspectos e contextos sejam aprofundados em estudos futuros, acerca do cotidiano da população negra, em especial das mulheres negras, como o cotidiano de mulheres negras de classe média/alta e suas vivências ocupacionais, possibilitando uma ampliação dessa discussão.

Do mesmo modo, existe uma necessidade de aprofundamento na área de conhecimento da Terapia Ocupacional no que diz respeito ao conceito da teoria da interseccionalidade para um maior alcance sobre tais temáticas. Visto que, possibilitará o alargamento dessa perspectiva crítica sobre como as opressões articuladas operam nas vivências ocupacionais compreendidas na vida cotidiana de diversas populações que a Terapia Ocupacional acompanha.

Nota sobre as imagens: as imagens aqui representadas nas capas de cada tópico do estudo foram construídas pelo pesquisador no seu processo de escrita. Cada imagem representa um ponto crítico onde o pesquisador se encontrava em seus estudos, dessa maneira, se utilizou desse material sensível para poder construir uma nova perspectiva de sentido sobre o que escrevia. A releitura do quadro da Escrava Anastácia representa esse rompimento com as angústias que aprisionam a fala, tal significante que nos constitui como sujeitos e nos propõe a liberdade. O cacto e o livro de Grada Kilomba sobre a mesa representam as resistências, de onde o pesquisador reside, a imersão nas leituras, as dores físicas e emocionais que isso causou e a possibilidade de produzir conhecimento. O ser que jorra água e que alimenta as raízes representa os caminhos, os

desejos, os encontros e flui e que gera maneiras de fazer pesquisa. E por fim a Grande Elementar constituída dos elementos primordiais à vida representa a força e a centralidade da mulher negra nesse estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S.L. **Racismo Estrutural**. 5. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 264 p
- ALMEIDA, G.E.S.; ALVES, C.M.C. Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas. **Educação em Questão**, Natal, v. 41, n. 27, p. 81-106, 2011.
- AMBRÓSIO, L.; SILVA, C.R. Interseccionalidade: um conceito amefricano e diaspórico para a terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da Ufscar**, São Carlos, v. 30, n. 3150, p. 1-11, 2022.
- AMBRÓSIO, L.; FONSECA, L.G.; FERNANDES, A.B.; SOSA, D.P.; SILVA, C.R. Cabelos crespos, tranças e black power: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. **Abpn**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 453-477, 2022.
- AMORIM S.G., et al. “Asfixias sociais” da população negra e questões para a Terapia Ocupacional. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.4, n.5, p. 719-733, 2020
- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. 1. Ed. São Paulo: Jandaira, 2020, 152 p
- BALANTA-COBO, P. *et al.* Direitos humanos e sociais e terapia ocupacional: a necessidade de uma perspectiva pela interseccionalidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 30, n. 30202203, p. 1-6, 2022.
- BECKER, H. Conferência: a escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BELONIA, C. S. Violência contra a mulher negra: do racismo ao estupro. **Criola: Dissidências de Gênero e Sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa**, [s. l], v. 1, n. 24, p. 214-221, 2019.
- BILGE, S. Théorisations Féministes de L’intersectionnalité. **Diogène**, Paris, v. 1, n. 225, p. 70-88, 2009.
- BOURABAIN, D.; VERHAEGHE, P.P. Could you help me, please? Intersectional field experiments on everyday discrimination in clothing stores. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Belgium, v.45, n.11, p.2026-2044, 2019
- CARNEIRO, S. **O combate ao racismo no trabalho**. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-combate-ao-racismo-no-trabalho/?gclid=Cj0KCQjw5ZSWBhCVARIsALERCvxtvnnbBXmFJ-sHMfHbuXC1LNoEkhG...> Acesso em: 06 jul. 2022.
- CAVALCANTE, E. Q. **Tecendo redes, construindo laços de solidariedade**: a formação de famílias negras, a prática do compadrio e a morte de escravizados e libertos no cariri paraibano (são João do cariri/1850-1872). 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CLARK, C.; MATTHEW, D.; BURNS, V. Power, privilege and justice: intersectionality as human rights? **The International Journal of Human Rights**, West of Scotland, v.22 n.1 p.108-126, 2018

CRENSHAW, K. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento: Raça e Gênero**. UNESP/UNB, 2004. Disponível em: <<https://nesp.unb.br/popnegra/index.php/biblioteca/2-genero-raca-e-saude/5-a-interseccionalidade-na-discriminacao-de-raca-e-genero>> Acessado em: 05 de junho de 2021.

COLLINS, H.P. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v.5, n.1, 2017

COLLINS, P.H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 686 p.

COSTA M.C., et al. Laboratório ISÉ: construções de estratégias para restituição histórica e existencial de pessoas negras. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.4, n.5, p. 734-741, 2020

COSTA, M.C.; COSTA J.C.; SANTOS, A.C. Terapia Ocupacional Afrorreferenciada. In: **Terapia Ocupacional, Saberes e Fazeres**. Editora: Brazil Publishing, 2021.143 p.

DALE, S. K.; SAFREN, S.A. Gendered Racial Microaggressions Predict Posttraumatic Stress Disorder Symptoms and Cognitions Among Black Women Living With HIV **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, Maimi, v.11, n.7 ,p. 685–694, 2019.

ELLIS, J.M. et al. First-Generation College Student Lived Experiences With Microaggressions and Microaffirmations at a Predominately White Public Research University. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology** Examining, North Carolina, v.25, n.2, p.266-279, 2019.

ENGEL, C. L. **A violência contra a mulher negra**. Brasília: Ipea, 2019. 60 p.

FANON. F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Ubu, 1. ed., 2020, 320 p.

FARIAS, M.N; LEITE JUNIOR, J.D.; COSTA I.R.B.B. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.2, n.1, p. 228-243, 2018.

FRANÇA, M.M.L.; QUEIROZ, S.B.; BEZERRA,W.C. Saúde dos povos de terreiro, práticas de cuidado e terapia ocupacional: um diálogo possível? **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. São Carlos. v.24 ,n.1, p. 105-116, 2016.

FERRUFINO, A.H., et al. Transacionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.3, n. 1, p. 150-161, 2019.

GALHEIGO, S.M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GALHEIGO, S.M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 05-25, 2020.

GERLACH, A., et al. Expanding beyond individualism: engaging critical perspectives on occupation. **Scandinavian Journal Of Occupational Therapy**, v. 25, n. 1, p. 35-43, 2017.

GUEDES, B.R. **Apartheid ocupacional de mulheres negras brasileiras**: revisão narrativa. 2020. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas**. Informação demográfica e sócioeconômica. n.41, 2019.

IBGE. **Cidades e Estados**: Dados sociodemográficos de Jaboatão dos Guararapes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/jaboatao-dos-guararapes.html>, acesso: 11 de julho de 2022.

HAMMELL, K. R. W. Occupation, well-being, and culture: Theory and cultural humility. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, cidade, v.80 n.4, p. 224-234, 2013

HANKIVSKY, O. et al. An intersectionality-based policy analysis framework: critical reflections on a methodology for advancing equity. **International Journal for Equity in Health**, cidade, v. n. p. ,2014

HERSI, A. et al. Minority Cosmopolitanism: Afro-Cosmopolitan Engagement Displayed by African Australians **Journal of Intercultural Studies**, v.41, n.2, p.163-179, 2020

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo v. 26, n. 1 p. 61-73, 2014

HOOKS, B. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019. 448 p. Tradução de: Jamille Pinheiro.

KERGOAT, D. Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux. In: DORLIN, E. (org.). **Sexe, race, classe**: pour une épistémologie de la domination., Paris: PUF, Actuel Marx Confrontations, 2010. p. 111-125.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de: Jess Oliveira.

KILOMBA, G. Prefácio: Fanon, Existência, Ausência. In: FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2020. p. 11-16. Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo.

LIMA, M. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras. **Estudos Feministas**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 489-495, 1995.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). **Teraía Ocupacional Social**: desenhos teóricos e contornos práticas. São Carlos: Edufscar, 2016. 374 p.

MARTINS, JS. **Uma Sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestaan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. Contexto, São Paulo, p. 221, 2020.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.

MONCLUS, P. G.; TARRÈS, J. P. Occupational Therapy: Autonomy, Governmentality and Subjectification. **rev.estud.soc.** cidade v n.57, p. 68-77, 2016

MONZELI, G.A. et al. Perspectivas e tendências da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais: um olhar sobre o Congresso Mundial 2018 - Cidade do Cabo, África do Sul. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v.26, n.3, p 511-512, 2018.

MORRISON, R.; VIDAL, D. **Perspectivas ontológicas da Ocupação Humana em Terapia Ocupacional**: uma aproximação à filosofia da ocupação. 2. ed. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2021. 132 p. Tradução e revisão técnica de: Ana Lucia Soares; Luciana Gaelzer Wertheimer.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 232 p.

NETTO, J.P.; CARVALHO, M.C.B. **Cotidiano**: Conhecimento e Crítica. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 93 p.

NEVES, E.P.; ZAGONET, I.P.S. Pesquisa-cuidado: uma abordagem metodológica que integra pesquisa, teoria e prática em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 11, n. 1, p. 73-79, 2006.

NOGUEIRA, M.L.M., et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 2, n. 12, p. 466-485, 2017

NÚÑEZ, C.M.V. Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión. **Cadernos Brasileiros de Terapia. Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 671-680, 2019

OLIVEIRA, V.H.N. *et al.* “A Coisa tá Preta, a Coisa tá Boa”: aquilombamento no contexto da formação universitária. **Revista Ufg**, Goiânia, v. 21, n. 2169092, p. 1-22, 2021.

PAIS, J.M. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, Sergipe, v. 1, n. 1, p. 107-128, 2013

PANTA, M.A.S. **Relações raciais e segregação urbana**: trajetórias negras na cidade. 2018. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de Paulista, Marília, 2018.

PRUDENTE, T.C.B.; GONTIJO, D.T.; PAIVA, R.B.C. Desempenho ocupacional de mulheres em situação de rua. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup**, Rio de Janeiro., v.2, n.1, p. 85-108, 2018.

POLLARD, N.; KRONENBERG, F. Superar el Apartheid Ocupacional: exploración preliminar de la naturaleza política de la terapia ocupacional. In: KRONENBERG, F.; ALGADO, S.S.; POLLARD, N. (org.). **Terapia Ocupacional sin fronteras: aprendiendo el espíritu de supervivientes**. Buenos Aires: Madrid: Médica Panamericana, 2006. Cap. 6. p. 58-84.

RAIN, A.R.; LLOMBART, M. P.; MALO, E. M.. Mujeres Mapuche En La Diáspora Y El Retorno Al Wallmapu: Entre Micro-Resistencias De Género Y Despojos Coloniales. **Chungara Revista de Antropología Chilena**, Chile, v.52, n.2, p.347-360, 2020

SALLES, M.M.; MATSUKURA, T.S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 265-273, 2013.

SANTOS, I.M.M.; SANTOS, R.S. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 17, p. 714-719, 2008.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB.**, São Bernardo, v. 2, n. 4, p. 61-83, 2017.

SEGATO, R.L. **La guerra contra las mujeres**. Buenos Aires: Traficantes de Sueños, 2016. 188 p.

SILVA, D.B. Terapia Ocupacional, cotidiano e pandemia COVID-19: inquietações acerca do ocupar o tempo-espaço. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup**, Rio de Janeiro. suplemento, v.4, n.3, p. 529-553, 2020.

SILVA, A.P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v.1, n., p. 25-35, 2007.

SILVA, R.A.; MENEZES, J.A. A interseccionalidade na produção científica brasileira. São João Del-Rei: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 4, out-dez, 2020.

SOUTO, S. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 133-144, 2020.

SOUZA, N.S. **Torna-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Coleção Tendências v.4.

STRAUS, E.J.; BROWN, H. J. The potential contribution of critical theories in healthcare transition research and practice. **Disability and Rehabilitation**, cidade, v n ,p. 1-9, 2019

VANDANA. Dalit Girls and Sexual Harassment in the University Sexual. **Indian Journal Of Gender Studies**, New Dalhi, v.27, n.1, p.33-54 ,2020

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v.44, n.22, p. 203-220, 2014.

XAVIER, Daniella de Barros *et al.* **As implicações do racismo na saúde mental da mulher negra**. 2022. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade Brasileira Multivix, São Mateus, 2022.

WALKER R.; VEAREY, J.; NENCEL, L. Negotiating the city: Exploring the intersecting vulnerabilities of non-national migrant mothers who sell sex in Johannesburg, South Africa. **Agenda-Empowering Women For Gender Equity**, UK, v.31, n.1, p.91-103, 2017

WILLIAMS, C. C. et al. Depression and discrimination in the lives of women, transgender and gender liminal people in Ontario, Canada. **Health & Social Care In The Community**, Toronto, v.25, n.3, p.1139-1150, 2017.

WRIGHT, L. N.; E LEWIS, I. A. Is Physical Activity a Buffer? Gendered Racial Microaggressions and Anxiety Amo.ng African American Women. **Journal Of Black Psychology**, Tennessee, v.46, n.2-3, p.122-143, 2020.

YAM, N.; MURPHY, A.; THEW, M. Occupational Therapy for South Asian Older Adults in the United Kingdom: Cross-Cultural Issues. **British Journal of Occupational Therapy**, UK, v.0 n.0 p. 1-9, 2020.

ANEXOS

Anexo I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPERCUSSÕES RACIAIS, DE GÊNERO E CLASSE SOCIAL NO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS

Pesquisador: LUCIANA ASSIS COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52584421.4.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.199.693

Apresentação do Projeto:

Será um estudo qualitativo que utilizará o método narrativo de História de Vida.

Participarão do estudo mulheres que se autodeclarem negras, com idade entre 18 e 70 anos, moradoras de uma periferia da cidade de Jabotão dos Guararapes-PE. Será levado em consideração a diversidade de identidade de gênero, orientação sexual e expressões religiosas/espirituais/crenças. A coleta de dados será realizada a partir de uma entrevista não estruturada com perguntas disparadoras e serão gravadas e transcritas na íntegra. Será utilizado uma amostragem não probabilística que prevalece as cadeias de referências do tipo Bola de Neve. A partir dos dados coletados a análise ocorrerá seguindo os critérios de análise do discurso. O estudo terá como aportes teóricos o conceito de Interseccionalidade, somado ao conceito sociológico de cotidiano e à compreensão das

ocupações a luz das abordagens críticas da terapia ocupacional. As participantes serão convidadas a participar da pesquisa e ao aceitarem deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas serão realizadas presencialmente.

Hipótese: As repercussões de questões raciais, de gênero e classe social no cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas impactam nas ocupações e nas trajetórias ocupacionais desse grupo social. Esses impactos possivelmente não seja percebido nesse cotidiano por essas.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2.º Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.199/693

Objetivo da Pesquisa:

Compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Existe a possibilidade de uma mobilização emocional devido as trajetórias ocupacionais que são atravessadas por desafios e sofrimentos diários, podendo despertar emoções que não são acessadas a muito tempo; Devido ao desconhecimento sobre quem é o pesquisador por não fazer parte da vida cotidiana da periferia, pode gerar dificuldades na criação de vínculo; Reducionismo das potencialidades das mulheres negras frente às questões de vulnerabilidades presente em seus cotidianos

Benefícios:

A possibilidade de resgate de sua subjetividade, empoderamento e reflexão sobre si; Contribuição para o escopo teórico da Terapia Ocupacional brasileira

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado apresentado ao Curso de Pós Graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O projeto não informa sobre possíveis fontes de financiamento da pesquisa. No entanto, considerando a metodologia proposta para sua execução, os custos estão relacionados à material de papelaria, EPI e material bibliográfico, devendo ser custeados pela pesquisadora. Utilizará TCLE. Contribuirá para uma construção do pensamento crítico no escopo teórico da Terapia Ocupacional no Brasil acerca do cotidiano da população negra, especialmente da mulher negra brasileira. Está previsto para finalizar em dez/2022

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Não há

Recomendações:

Segundo a carta resposta apresentado pelo pesquisador, todas as inadequações apresentadas anteriormente foram corrigidas, exceto a modificação do termo "interseccional", pois, segundo o pesquisador, este faz parte do título do projeto e da perspectiva teórica que o baliza.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 5.199.693

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Como as recomendações solicitadas foram atendidas, sou, SMJ, favorável à aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFGM recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_1818866.pdf	28/12/2021 16:38:41		Aceito
Outros	CartaRespostaParecer.pdf	28/12/2021 16:37:12	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	28/12/2021 16:36:10	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	28/12/2021 16:29:59	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito
Parecer Anterior	ParecerProjeto.pdf	01/09/2021 11:14:57	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito
Outros	guiadeentrevista.pdf	01/09/2021 11:12:52	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/09/2021 11:09:01	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	01/09/2021 11:07:47	Erickson Franklin dos Santos Miranda	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 2 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.199.693

BELO HORIZONTE, 12 de Janeiro de 2022

Assinado por:
Corinne Davis Rodrigues
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa III **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICES

Apêndice I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada,

Você está sendo convidada a participar da Pesquisa intitulada “**AS REPERCUSSÕES DAS QUESTÕES RACIAIS, DE GÊNERO E CLASSE SOCIAL NO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTERSCCIONAL**”. Temos o objetivo de compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social nas ocupações cotidianas. A pesquisa é desenvolvida pelo estudante de mestrando **Erickson Franklin dos Santos Miranda** sob a orientação da pesquisadora Professora Doutora **Luciana Assis Costa**, professora do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte MG, onde pode ser verificada pelo número de registro **52584421.4.0000.5149**.

Espera-se que a pesquisa contribua para a reflexão sobre o cotidiano da população negra brasileira e suas repercussões, assim como avançar na criticidade da teoria dentro do campo da Terapia Ocupacional brasileira.

Solicitamos a sua colaboração para o estudo, como também sua autorização para gravação do conteúdo narrado e posteriormente apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicação em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo, de acordo com a Resolução nº510/16 da CONEP/MS.

Informamos que essa pesquisa oferece riscos mínimos à sua saúde, já que só faz uso de informações verbais, podendo haver constrangimento ao responder as perguntas. Nesse sentido, existe a possibilidade de uma mobilização emocional devido as trajetórias ocupacionais que são atravessadas por desafios e sofrimentos diários, podendo despertar emoções que não são acessadas a muito tempo; devido ao desconhecimento sobre quem é o pesquisador por não fazer parte do território e cotidiano das mulheres, pode gerar dificuldades na criação de vínculo; e reduzir as potencialidades das mulheres negras frente às questões de vulnerabilidades vivenciadas em seus cotidianos. Em caso de dano, a participante poderá pedir ressarcimento. Entretanto, os benefícios dessa pesquisa trarão a possibilidade de resgate de sua subjetividade, empoderamento e reflexão sobre si; Contribuição para o escopo teórico da Terapia Ocupacional brasileira. No caso de haver constrangimento, desconforto e/ou incômodo quanto a abordagem de assuntos referentes à temática da pesquisa, você poderá interromper sua participação a qualquer momento, e só voltar a fazê-lo se assim desejar e da maneira como julgar conveniente.

Sua participação consistirá em responder a uma entrevista gravada com questões referentes aos seus dados pessoais e a sua história de vida, a partir de perguntas disparadoras. Será realizado um agendamento prévio. O local da entrevista será definido com a participante. Salientamos que os dados desta pesquisa serão gravados em formato de áudio, transcritos na íntegra e ficarão guardados no gabinete da orientadora da pesquisa, na sala 3131 da Escola de

Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, por 5 anos e, após esse período, serão descartados, de acordo com a Resolução número 510 de 07 de abril de 2016; os dados coletados serão utilizados para fins científicos, portanto sua identidade será mantida em sigilo em todas as fases da pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Não haverá nenhuma cobrança de despesa e nem será dado nenhum tipo de remuneração as participantes. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Minas Gerais e a outra será fornecida ao participante. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma via desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisador Erickson Franklin dos Santos Miranda: toericksonmiranda@gmail.com ou (83) 99957-4009

Endereço do Comitê de Ética: Universidade Federal de Minas Gerias, Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Belo Horizonte – MG CEP: 312070-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Atenciosamente,

Erickson Franklin dos Santos Miranda

Luciana Assis Costa

Apêndice II**Perfil das Participantes**

- Participante ____

Nome: _____ **DN:** _____

Idade: _____ **Religião:** _____ **Sexualidade:** _____

Gênero: _____ **Raça/Cor/Etnia:** _____

Estado Civil: _____ **Filhos, quantos?:** _____

Endereço, quanto tempo mora nessa localidade?:

Número de pessoas que moram na mesma casa? _____

Trabalha? Se sim, onde e em que? Se não, é aposentada?:

Rendimento familiar (por salário mínimo): _____

Recebe algum tipo de benefício do governo? Qual? _____

Apêndice III

Guia de entrevista

(As perguntas a seguir servirão como guias da entrevista para que sejam contemplados os objetivos do estudo levando em consideração os aspectos das experiências em diversos contextos na história dessas mulheres.)

1. Me conta um pouco da sua história de vida, como foi desde criança até os dias atuais?
2. E o que você gostava de fazer quando era criança? 4. E quando você foi crescendo, como foram suas escolhas? Você teve oportunidade de escolher o que gostava de fazer? O que você desejava nessa época?
3. E hoje como é sua vida? Mudou alguma coisa? Alguma coisa te motiva? 6. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher, negra e pobre? Como foi? Como você se sentiu? isso interferiu no seu dia a dia? Como?
4. Você já deixou de fazer algo ou de estar em algum lugar por ser uma mulher negra ou por morar nessa comunidade? Como foi? Como você se sentiu?
5. Como você acha que a mulher negra é vista no Brasil?
6. Você conhece alguma mulher negra que possa aceitar ter esta conversa comigo?